GUSTAVE LE BON

PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES

A Psicologia das Multidões

Gustave Le Bon

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A

Th. Ribot

Diretor da **Revue Philosofique**

Professor de filosofia no Collège de France

Com afetuosa homenagem,

Gustave Le Bon

Psicologia das Multidões

PREFÁCIO

Sumário

Nossa obra precedente foi dedicada a descrever a alma dos povos. Vamos estudar agora a alma das multidões.

O conjunto de características comuns que a herança impõe a todos os indivíduos de um povo constitui a alma desse povo. Mas, quando certo número desses indivíduos se encontra reunido em massa para agir, a observação demonstra que, do fato de sua aproximação, resultam certas características psicológicas novas que se superpõem às características do povo e que às vezes diferem delas profundamente.

As multidões organizadas sempre desempenharam um papel considerável na vida dos povos; mas esse papel jamais foi tão importante quanto hoje em dia. A ação inconsciente das multidões que substitui a atividade consciente dos indivíduos é uma das principais características da era atual.

Eu tentei abordar o difícil problema das multidões com procedimentos exclusivamente científicos, ou seja, utilizando um método e deixando de lado as opiniões, as teorias e as doutrinas. Este, eu creio, é o único meio de conseguir descobrir algumas parcelas de verdade, sobretudo quando se trata, como aqui, de uma questão que apaixona vivamente as mentes. O cientista que procura constatar um fenômeno não tem que se ocupar com interesses que suas constatações possam ferir. Numa publicação recente, um ilustre pensador, o Sr. Goblet d'Alviela, observava que, não pertencendo a nenhuma das escolas contemporâneas, eu me encontrava às vezes em oposição com

algumas conclusões de todas essas escolas. Esse novo trabalho merecerá, eu espero, a mesma observação. Pertencer a uma escola é absorver necessariamente os preconceitos e os partidos tomados.

Eu devo, no entanto, explicar ao leitor porque ele me verá tirar de meus estudos conclusões diferentes daquelas que, numa primeira abordagem, poder-se-ia acreditar que elas comportam. Constatar, por exemplo, a extrema inferioridade mental das multidões — inclusive as assembleias de elite — e declarar, no entanto, que apesar dessa inferioridade, seria perigoso tocar em sua organização.

A observação mais atenta dos fatos da história sempre me mostrou que os organismos sociais, sendo tão complicados quanto aqueles de todos os seres, não está, de maneira alguma, em nosso poder fazê-los sofrer bruscamente transformações profundas. A natureza é radical às vezes, mas jamais como nós a entendemos e é por isso que a mania das grandes reformas é o que há de mais funesto para um povo, por mais excelentes que essas reformas possam teoricamente parecer. Elas só seriam úteis se fosse possível mudar instantaneamente a alma das nações. Porém, somente o tempo possui um poder tal. O que governa as pessoas são as ideias, os sentimentos e os costumes; coisas que estão em nós mesmos. As instituições e as leis são a manifestação de nossa alma, a expressão de suas necessidades. Procedentes dessa alma, as instituições e as leis não conseguiriam mudá-la.

O estudo dos fenômenos sociais não pode ser separado do estudo dos povos nos quais eles acontecem. Filosoficamente, esses fenômenos podem ter um valor absoluto; em termos práticos, eles só possuem um valor relativo.

É preciso então, ao estudar um fenômeno social, considerá-lo sucessivamente sob dois aspectos muito diferentes. Vemos então que os

ensinamentos da razão pura são muito frequentemente contrários àqueles da razão prática. Não há dados, mesmo físicos, aos quais essa distinção não seja aplicável. Sob o ponto de vista da verdade absoluta, um cubo, um círculo, são figuras geométricas invariáveis, rigorosamente definidas por algumas fórmulas. Sob o ponto de vista de nosso olho, essas figuras geométricas podem assumir formas muito variáveis. A perspectiva pode transformar, com efeito, o cubo em pirâmide ou em quadrado, o círculo em elipse ou em linha reta e essas formas fictícias são muito mais importantes para se considerar do que as formas reais, pois são as únicas que nós vemos e que a fotografia ou a pintura podem reproduzir. O irreal é, em alguns casos, mais verdadeiro do que o real. Representar os objetos com suas formas geométricas exatas seria deformar a natureza e torná-la irreconhecível. Se supusermos um mundo em que os habitantes só pudessem copiar ou fotografar os objetos sem ter a possibilidade de tocá-los, eles só muito dificilmente conseguiriam fazer uma ideia exata de sua forma. O conhecimento dessa forma, acessível somente a um pequeno número de cientistas, só apresentaria, aliás, um interesse bem pequeno.

O filósofo que estuda os fenômenos sociais deve ter presente ao espírito que, ao lado de seu valor teórico, eles têm um valor prático e que, sob o ponto de vista da evolução das civilizações, este último é o único que possui alguma importância. Uma constatação tal deve torná-lo muito cauteloso nas conclusões das leis que inicialmente parece se impor a ele.

Outros motivos ainda contribuem para lhe ditar essa reserva. A complexidade dos fatos sociais é tal que é impossível abrangê-los em seu conjunto e prever os efeitos de sua influência recíproca. Parece também que por detrás dos fatos visíveis se escondem às vezes milhares

de causas invisíveis. Os fenômenos sociais visíveis parecem ser a resultante de um imenso trabalho inconsciente, inacessível, na maioria das vezes, à nossa análise. Pode-se comparar os fenômenos perceptíveis às vagas que traduzem na superfície do oceano as perturbações subterrâneas que acontecem nele e que não conhecemos. Observadas na maioria de seus atos, as multidões dão prova, muito frequentemente, de uma mentalidade singularmente inferior. Mas, há outros atos também em que elas parecem guiadas por forças misteriosas que os antigos chamavam de destino, natureza, providência, que nós chamamos de a voz dos mortos e cujo poder não podemos desconsiderar, mesmo que ignoremos sua essência. Parece, às vezes, que no seio das nações se encontram forças latentes que as guiam. O que há, por exemplo, de mais complicado, de mais lógico, de mais maravilhoso do que uma língua? E de onde sai, no entanto, essa coisa tão bem organizada e tão sutil, senão da alma inconsciente das multidões? Os acadêmicos mais sábios, os gramáticos mais estimados só fazem registrar penosamente as leis que regem essas línguas e seriam totalmente incapazes de criá-las. Mesmo para as ideias geniais dos grandes seres, estamos bem certos de que elas sejam exclusivamente sua obra? Sem dúvida de que elas são sempre criadas por mentes solitárias; mas, os milhares de grãos de poeira que formam o aluvião onde essas ideias germinaram, não foi a alma das multidões que o formou?

As multidões, sem dúvida, são sempre inconscientes, mas, mesmo essa inconsciência seja talvez um dos segredos de sua força. Na natureza, os seres submetidos exclusivamente ao instinto executam atos cuja complexidade maravilhosa nos espanta. A razão é coisa muito nova na humanidade e muito imperfeita ainda para poder revelar as leis do inconsciente e, sobretudo, substituí-lo. Em todos os nossos atos a parte

do inconsciente é imensa e a da razão muito pequena. O inconsciente age como uma força ainda desconhecida.

Se, portanto, queremos permanecer nos limites estreitos, mas certeiros, das coisas que a ciência pode conhecer e não errar no domínio das conjecturas vagas e vãs hipóteses, precisamos constatar simplesmente os fenômenos que nos são acessíveis e nos limitarmos a essa constatação. Toda conclusão tirada de nossas observações é na maioria das vezes prematura, pois, por detrás dos fenômenos que vemos bem, há outros que vemos mal e até mesmo, por detrás destes últimos, haja outros ainda que não vemos.

***

INTRODUÇÃO

A era das multidões.

Sumário

As grandes perturbações que precedem as mudanças de civilizações, tal como a queda do Império Romano e a fundação do Império Árabe, por exemplo, parecem, numa primeira abordagem, determinadas principalmente por transformações políticas consideráveis: invasões de povos ou derrubada de dinastias. Mas um estudo mais atento desses acontecimentos mostra que, por detrás de suas causas aparentes, encontra-se na maioria das vezes, como causa real, uma modificação profunda nas ideias dos povos. As verdadeiras perturbações históricas não são aquelas que nos impressionam por sua grandeza e sua violência. As únicas mudanças importantes, aquelas de onde decorre a renovação das civilizações, se operam nas ideias, nas concepções e nas crenças. Os acontecimentos memoráveis da história são os efeitos visíveis das invisíveis mudanças no pensamento das pessoas. Se esses grandes acontecimentos se manifestam tão raramente é porque não há nada de mais estável em um povo do que o fundo herdado de seus pensamentos.

A época atual constitui um desses momentos críticos em que o pensamento das pessoas está em vias de se transformar.

Dois fatores estão na base dessa transformação. O primeiro é a destruição das crenças religiosas, políticas e sociais de onde derivam todos os elementos de nossa civilização. O segundo é a criação de condições de existência e de pensamento inteiramente novas após as descobertas modernas da ciência e da indústria.

Como as ideias do passado — mesmo que semidestruídas — são muito poderosas ainda e as ideias que devem substituí-las estão ainda em vias de formação, a era moderna representa um período de transição e de anarquia.

Deste período, forçosamente um pouco caótico, não é fácil dizer agora o que poderá sair um dia. Quais serão as ideias fundamentais sobre as quais se edificarão as sociedades que sucederão à nossa? Não o sabemos ainda. Mas o que, desde já, vemos bem, é que, para sua organização, elas terão que contar com um poder novo, último soberano da era moderna: o poder das multidões. Sobre as ruínas de tantas ideias tidas como verdadeiras outrora e que estão mortas hoje em dia, tantos poderes que as revoluções derrubaram sucessivamente, este poder é o único que cresceu e que parece que logo vai absorver todos os outros. Enquanto todas as nossas antigas crenças vacilam e desaparecem, as velhas colunas das sociedades se desmoronam uma a uma, o poder das multidões é a única força que nada ameaça e cujo prestígio só faz crescer. A era em que entramos será verdadeiramente a ERA DASmultidões.

Há não mais do que um século, a política tradicional dos Estados e as rivalidades dos príncipes eram os principais fatores dos acontecimentos. A opinião das multidões contava pouco e até mesmo, na maioria das vezes, não contava nada. Hoje em dia, são as tradições políticas, as tendências individuais dos soberanos, suas rivalidades que não contam mais e, pelo contrário, a voz das multidões foi que se tornou preponderante. Ela dita aos reis sua conduta e é ela que eles tratam de ouvir. Não é mais nos conselhos dos príncipes, mas na alma das multidões que se preparam os destinos das nações.

O advento das classes populares à vida política, ou seja, na realidade, sua transformação progressiva em classes dirigentes, é uma das características mais marcantes de nossa época de transição. Não é, na realidade, pelo sufrágio universal — tão pouco influente durante muito tempo e de uma manipulação, a princípio, tão fácil — que este advento é marcado. O crescimento progressivo do poder das multidões aconteceu primeiramente pela propagação de certas ideias que se implantaram lentamente nas mentes; depois, pela associação gradual dos indivíduos para a realização das concepções teóricas. Foi pela associação que as multidões acabaram por formar ideias — senão muito justas, pelo menos bem ligadas a seus interesses — e por ter consciência de sua força. Elas fundam sindicatos, diante dos quais todos os poderes capitulam um a um, bolsas de trabalho que, a despeito de todas as leis econômicas, tendem a reger as condições do trabalho e do salário. Elas enviam às assembleias governamentais representantes desprovidos de toda iniciativa, de toda independência e reduzidos na maioria das vezes a serem apenas porta-vozes dos comitês que os escolheram.

Hoje em dia, as reivindicações das multidões tornam-se cada vez mais nítidas e só visam destruir, de alto a baixo, a sociedade atual, para reduzi-la ao comunismo primitivo que foi o estado normal de todos os grupos humanos antes da aurora da civilização. Limitação das horas de trabalho, expropriação das minas, das estradas de ferro, das fábricas e do solo; partilha igual de todos os produtos, eliminação de todas as classes superiores em prol das classes populares etc. Tais são as reivindicações.

Pouco aptas ao raciocínio, as multidões são, pelo contrário, muito aptas à ação. Por sua organização atual, sua força tornou-se imensa. Os dogmas que vemos nascer logo terão o poder dos velhos dogmas, ou

seja, a força tirânica e soberana que se coloca ao abrigo da discussão. O direito divino das multidões vai substituir o direito divino dos reis.

Os escritores favoráveis à nossa burguesia atual — aqueles que melhor representam suas ideias um pouco estreitas, suas visões um pouco curtas, seu ceticismo um pouco sumário, seu egoísmo às vezes um pouco excessivo — ficam completamente transtornados diante do poder novo que veem crescer e, para combater a desordem das mentes, eles dirigem apelos desesperados às forças morais da Igreja, tão desdenhadas por eles outrora. Eles nos falam da bancarrota da ciência e, ao retornarem todo penitentes de Roma, nos lembram dos ensinamentos das verdades reveladas. Mas esses novos convertidos se esquecem que é muito tarde. Se realmente a graça os tocou, ela não conseguiria ter o mesmo poder sobre as almas pouco conscientes dos problemas que assolam esses recentes devotos. As multidões não querem hoje os deuses que elas não queriam ontem e que contribuíram para destruir. Não há poder divino ou humano que possa obrigar os rios a retornarem às suas cabeceiras.

A ciência não provocou nenhuma bancarrota e não tem nada que ver com a anarquia atual das mentes, nem com o poder novo que cresce no meio dessa anarquia. Ela nos prometeu a verdade, ou pelo menos o conhecimento das relações que nossa inteligência pode compreender. Ela jamais nos prometeu a paz nem a felicidade. Soberanamente indiferente a nossos sentimentos, ela não ouve nossas lamentações. Cabe a nós tratarmos de viver com ela, pois nada poderia trazer de volta as ilusões que ela afugentou.

Sintomas universais, visíveis em todas as nações, nos mostram o crescimento rápido do poder das multidões e nada nos permite supor

que esse poder deva cessar logo de crescer. O que quer que ele nos traga, deveremos suportar.

Toda dissertação contra ele representa apenas inúteis palavras. Certamente que é possível que o advento das multidões marque uma das últimas etapas da civilização do Ocidente, um retorno completo aos períodos de anarquia confusa que parecem dever sempre preceder a eclosão de cada sociedade nova. Mas como impediremos isso?

Até aqui, essas grandes destruições de civilizações muito velhas constituíram o papel mais claro das multidões. Não foi, com efeito, somente hoje que esse papel apareceu no mundo. A história nos diz que, no momento em que as forças morais sobre as quais repousava uma civilização perderam seu império, a dissolução final está efetuada pelas multidões inconscientes e brutais, muito justamente qualificadas de bárbaras. As civilizações foram criadas e guiadas até aqui apenas por uma pequena aristocracia intelectual, jamais pelas multidões. As multidões só têm o poder de destruir. Sua dominação representa sempre uma fase de barbárie. Uma civilização implica em regras fixas, numa disciplina, na passagem do instintivo ao racional, na previdência do futuro, num grau elevado de cultura; condições que as multidões, abandonadas a elas mesmas, sempre se mostraram absolutamente incapazes de realizar. Por causa de seu poder unicamente destrutivo, elas agem como esses micróbios que ativam a dissolução dos corpos debilitados ou dos cadáveres. Quando o edifício de uma civilização está corroído, são sempre as multidões que o derrubam. É então que aparece seu principal papel e que, por um instante, a filosofia do número parece a única filosofia da história.

Acontecerá o mesmo com nossa civilização? É o que podemos temer, mas isso ainda não podemos saber.

Seja o que for, precisamos nos resignar em sofrer o reino das multidões, pois mãos imprevidentes derrubaram sucessivamente todas as barreiras que poderiam contê-las.

Essas multidões, de que tanto se começa a falar, nós as conhecemos bem pouco. Os psicólogos profissionais, tendo vivido longe delas, sempre as ignoraram e quando eles se ocuparam delas, foi apenas sob o ponto de vista dos crimes que elas poderiam cometer. Sem dúvida que existem multidões criminosas, mas existem também multidões virtuosas, multidões heroicas e muitas outras ainda. Os crimes das multidões constituem apenas um caso particular de sua psicologia e não se conhece a constituição mental das multidões estudando somente seus crimes, da mesma forma que não se conheceria a de um indivíduo descrevendo somente seus vícios.

Para dizer a verdade, no entanto, todos os senhores do mundo, todos os fundadores de religiões ou de impérios, os apóstolos de todas as crenças, os homens de Estado eminentes e, numa esfera mais modesta, as simples lideranças de pequenas coletividades humanas, sempre foram psicólogos inconscientes que possuíam um conhecimento instintivo da alma das multidões, frequentemente muito preciso. E foi porque eles a conheciam muito bem que eles se tornaram tão facilmente seus mestres. Napoleão penetrou maravilhosamente a psicologia das multidões do país que ele governou, mas ele desconhecia completamente às vezes a psicologia das multidões pertencentes a povos diferentes[1] e, por desconhecê-las, ele empreendeu — na Espanha e na Rússia, particularmente — guerras em que seu poder recebeu choques que logo deveriam abatê-lo.

O conhecimento da psicologia das multidões é hoje em dia o último recurso do homem de Estado que quer, não governá-las — a coisa se

tornou muito difícil — mas, pelo menos, não ser governado por elas.

É somente aprofundando-se um pouco na psicologia das multidões que se compreende a que ponto as leis e as instituições têm pouca ação sobre elas; o quanto elas são incapazes de ter quaisquer opiniões fora aquelas que lhes são impostas; que não é com regras baseadas na justiça teórica pura que elas são conduzidas, mas procurando o que pode impressioná-las e seduzi-las. Se um legislador quer, por exemplo, estabelecer um novo imposto, ele deverá escolher aquele que será teoricamente o mais justo? De maneira alguma. O mais injusto poderá ser, em termos práticos, o melhor para as multidões. Se ele for ao mesmo tempo o menos visível e o menos pesado, em aparência, ele será mais facilmente admitido. Desta forma, um imposto indireto, por mais exorbitante que ele seja, será sempre aceito pela massa, porque, sendo diariamente pago sobre objetos de consumo, em frações de centavos, ele não perturba seus hábitos e não o impressiona. Substituí-lo por um imposto proporcional sobre os salários ou outras rendas, pago de uma só vez, seria, teoricamente dez vezes menos pesado do que o outro, mas levantará unânimes protestos. Os centavos invisíveis de cada dia seriam substituídos por uma soma relativamente elevada, que pareceria imensa e, por consequência, muito impressionante, no dia em que for preciso pagá-la. Ela não pareceria elevada se tivesse sido acumulada centavo por centavo, mas esse procedimento econômico representa uma dose de previdência com que as multidões são incapazes.

O exemplo precedente é dos mais simples e a justeza dele é facilmente percebida. Ela não escapou a um psicólogo como Napoleão, mas os legisladores, que ignoram a alma das multidões, não conseguiriam percebê-la. A experiência não os ensinou ainda de

maneira suficiente que as pessoas não são conduzidas jamais com as prescrições da razão pura.

Muitas outras aplicações poderiam ser feitas com a psicologia das multidões. Seu conhecimento joga a mais viva luz sobre um grande número de fenômenos históricos e econômicos totalmente ininteligíveis sem ele. Eu terei oportunidade de mostrar que se o mais destacado dos historiadores modernos — o Sr. Taine — compreendeu tão imperfeitamente alguns acontecimentos de nossa grande Revolução, foi porque ele jamais pensou em estudar a alma das multidões. Ele tomou como guia, no estudo desse período complicado, o método descritivo dos naturalistas, mas, dentre os fenômenos que os naturalistas têm que estudar, não figuram as forças morais. Porém, são precisamente essas forças que constituem os verdadeiros propulsores da história.

Olhando apenas seu lado prático, o estudo da psicologia das multidões mereceria então ser tentado. Mesmo que fosse apenas um interesse de curiosidade pura, ela ainda assim o mereceria. É tão interessante decifrar os motivadores de ação das pessoas quanto decifrar um mineral ou uma planta.

Nosso estudo da alma das multidões só poderá ser uma breve síntese, um simples resumo de nossas pesquisas. Não se poderá pedir a ele mais do algumas visões sugestivas. Outros cavarão mais fundo o terreno. Nós hoje só fazemos arranhar um terreno bem virgem ainda[2].

***

LIVRO I

A alma da multidão.

CAPÍTULO I

Características gerais das multidões. Lei psicológica de sua unidade mental.

Sumário

Num sentido comum a palavra massa representa uma reunião de indivíduos quaisquer, quaisquer que sejam sua nacionalidade, sua profissão ou seu sexo e quaisquer que sejam também os acasos que os reúnam.

Sob o ponto de vista psicológico, a expressão massa assume um significado totalmente diferente. Em certas circunstâncias dadas e somente nessas circunstâncias, uma aglomeração de pessoas possui características novas, bem diferentes daquelas dos indivíduos que compõem essa aglomeração. A personalidade consciente desaparece, os sentimentos e as ideias de todas as unidades são orientados numa mesma direção. Forma-se uma alma coletiva — transitória sem dúvida — mas que apresenta características bem nítidas. A coletividade tornou-se então aquilo que, na falta de uma expressão melhor, eu chamarei de uma massa organizada, ou, se preferirem, uma massa psicológica. Ela forma um único ser e se encontra submetida à *lei da unidade mental das multidões*.

É visível que não é pelo fato apenas de muitos indivíduos se encontrarem acidentalmente lado a lado que eles adquirem as características de uma massa organizada. Mil indivíduos acidentalmente reunidos numa praça pública, sem um objetivo determinado, não constituem, de maneira alguma, uma massa, sob o ponto de vista psicológico. Para adquirir essas características especiais, é preciso a influência de alguns excitantes, cuja natureza iremos determinar.

O desaparecimento da personalidade consciente e a orientação dos sentimentos e dos pensamentos num sentido determinado, que são os primeiros traços da multidão em vias de se organizar, não implicam sempre na presença simultânea de vários indivíduos em um único ponto. Milhares de indivíduos separados podem, em certos momentos, sob a influência de certas emoções violentas — um grande acontecimento nacional, por exemplo — adquirir as características de uma massa psicológica. Bastará que um acaso qualquer os reúna para que seus atos assumam logo as características especiais aos atos das multidões. Em certos momentos, uma meia dúzia de pessoas pode constituir uma massa psicológica, enquanto que centenas de pessoas reunidas ao acaso podem não constituí-la. Por outro lado, um povo inteiro, sem que haja uma aglomeração visível, pode se tornar uma massa sob a ação de certas influências.

Quando uma massa psicológica está constituída ela adquire características gerais provisórias, mas determináveis. A essas características gerais se acrescentam características particulares, variáveis, segundo os elementos que compõem a massa e que podem modificar sua constituição mental.

As multidões psicológicas são então suscetíveis de uma classificação e, quando nos ocuparmos dessa classificação, veremos que uma massa heterogênea, ou seja, composta por elementos diferentes, apresenta, com as multidões homogêneas, ou seja, compostas por elementos mais ou menos semelhantes (seitas, castas e classes), características comuns e, ao lado dessas características comuns, particularidades que permitem diferenciá-las.

Mas, antes de nos ocuparmos com as diversas categorias de multidões, devemos examinar primeiro as características comuns a

todas elas. Agiremos como o naturalista, que começa por descrever as características gerais, comuns a todos os indivíduos de uma família, antes de se ocupar com as características particulares que permitem diferenciar os gêneros e as espécies que essa família reúne.

Não é fácil descrever com exatidão a alma das multidões, porque sua organização varia, não apenas segundo o povo e a composição das coletividades, mas ainda segundo a natureza e o grau dos excitantes aos quais essas coletividades são submetidas. Mas, a mesma dificuldade se apresenta no estudo psicológico de um indivíduo qualquer. É apenas nos romances que se vê o indivíduo atravessar a vida com uma personalidade constante. Somente a uniformidade dos meios cria a uniformidade aparente das personalidades. Eu mostrei, em outro lugar, que todas as constituições mentais contêm possibilidades de personalidades que podem se manifestar assim que o meio muda bruscamente. Foi por isso que, entre os Convencionais, os mais ferozes eram inofensivos burgueses que, nas circunstâncias comuns, eram pacíficos tabeliães ou virtuosos magistrados. Passada a tempestade, eles retomaram sua personalidade normal de burgueses pacíficos. Napoleão encontrou neles seus mais dóceis servidores.

Não podendo estudar aqui todos os graus de formação das multidões, nós as examinaremos sobretudo em sua fase de completa organização. Veremos assim no que elas podem se tornar, mas não no que elas são sempre. É somente nessa fase avançada de organização que, sobre o fundo invariável e dominante do povo, se superpõem certas características novas e especiais e que se produz a orientação de todos os sentimentos e pensamentos da coletividade numa direção idêntica. É somente então que se manifesta o que eu chamei acima de *lei psicológica da unidade mental das multidões*.

Dentre as características psicológicas das multidões, há aquelas que podem se apresentar comumente em indivíduos isolados; outras, pelo contrário, são absolutamente especiais a elas e só se encontram nas coletividades. São essas características especiais que iremos estudar primeiro, para mostrar bem sua importância.

O fato mais impressionante que apresenta uma massa psicológica é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, quaisquer que sejam as semelhanças ou diferenças que existam em seu estilo de vida, suas ocupações, sua personalidade ou sua inteligência, pelo único fato deles terem se transformado numa massa, eles possuem um tipo de alma coletiva que os faz sentir, pensar e agir de uma maneira completamente diferente de como sentiria, pensaria e agiria cada um deles isoladamente. Há ideias e sentimentos que só surgem ou se transformam em atos em indivíduos em massa. A massa psicológica é um ser, como as células que constituem um corpo vivo formam, com sua reunião, um ser novo, que manifesta características muito diferentes daquelas que cada uma dessas células possui.

Contrariamente a uma opinião que espanta ao ser encontrada sob a caneta de um filósofo tão penetrante como Herbert Spencer, no agregado que constitui uma massa, não há, de maneira alguma, soma e média dos elementos; há combinação e criação de novas características. Da mesma forma que, na química, certos elementos postos em presença — as bases e os ácidos, por exemplo — se combinam para formar um corpo novo, que possui propriedades completamente diferentes daquelas dos corpos que serviram para constituí-lo.

É fácil constatar o quanto o indivíduo em massa difere do indivíduo isolado; mas é menos fácil descobrir as causas dessa diferença.

Para conseguir pelo menos vislumbrar essas causas, é preciso se lembrar primeiro da constatação da psicologia moderna e saber que, não é somente na vida orgânica, mas também no funcionamento da inteligência que os fenômenos inconscientes desempenham um papel totalmente preponderante. A vida consciente da mente representa uma parte bem pequena comparada com a vida inconsciente. O analista mais sutil, o observador mais penetrante só consegue descobrir um número bem pequeno dos motivadores inconscientes que o guiam. Nossos atos conscientes derivam de um substrato inconsciente criado sobretudo pelas influências herdadas. Esse substrato é composto pelos inumeráveis resíduos ancestrais que constituem a alma do povo. Por detrás das causas confessas de nossos atos há, sem dúvida, as causas secretas que não confessamos e, por detrás dessas causas secretas há outras muito mais secretas ainda, pois nós mesmos as ignoramos. A maior parte de nossas ações cotidianas não passa do efeito de motivadores escondidos que nos escapam.

É sobretudo através dos elementos inconscientes que formam a alma de um povo que se assemelham todos os indivíduos desse povo e é principalmente através dos elementos conscientes, frutos da educação, mas sobretudo de uma herança excepcional, que eles diferem. As pessoas mais diferentes em inteligência possuem instintos, paixões e sentimentos muito semelhantes. Em tudo o que diz respeito a sentimentos, religião, política, moral, afeições, antipatias etc. as pessoas mais ilustres só muito raramente ultrapassam o nível dos indivíduos mais comuns. Entre um grande matemático e seu sapateiro pode existir um abismo sob o ponto de vista intelectual, mas, sob o ponto de vista do caráter, a diferença é, na maioria das vezes, nula ou muito pequena.

Porém, são precisamente essas qualidades gerais do caráter, regidas pelo inconsciente e que, na maior parte dos indivíduos de um povo possuem quase o mesmo grau, que, nas multidões, são colocadas em comum. Na alma coletiva, as aptidões intelectuais dos indivíduos e, por consequência, sua individualidade, se apagam. O heterogêneo se anula no homogêneo e as qualidades inconscientes dominam.

É justamente esta disposição em comum de qualidades ordinárias que nos explica porque as multidões jamais conseguiriam cometer atos que exigissem uma inteligência elevada. As decisões de interesse geral, tomadas por uma assembleia de pessoas distintas, mas de especialidades diferentes, não são sensivelmente superiores às decisões que tomaria uma reunião de imbecis. Eles só podem colocar em comum as qualidades medíocres que todo mundo possui. Nas multidões, é a imbecilidade e não a genialidade que se acumula. Não é todo mundo, como se repete tão frequentemente, que tem mais genialidade que Voltaire; é certamente Voltaire que tem mais genialidade que todo mundo, se "todo mundo" tiver que ouvir as multidões.

Mas, se os indivíduos em massa se limitassem a colocar em comum as qualidades comuns que cada um possui, haveria simplesmente média e não, como já dissemos, criação de características novas.

Como são estabelecidas essas características novas? É o que devemos pesquisar agora.

Diversas causas determinam o aparecimento dessas características especiais às multidões e que os indivíduos isolados não possuem. A primeira é que o indivíduo em massa adquire, pelo único fato do número, um sentimento de poder invencível que lhe permite ceder a instintos que, sozinho, ele teria forçosamente refreado. Quanto mais a massa for anônima e, por consequência, irresponsável, menos o

indivíduo será levado a refrear os instintos, já que o sentimento da responsabilidade, que sempre retêm os indivíduos, desaparece inteiramente.

Uma segunda causa, o contágio, intervém igualmente para determinar nas multidões a manifestação de características especiais e, ao mesmo tempo, sua orientação. O contágio é um fenômeno fácil de se constatar, mas não de se explicar e que é preciso ligar aos fenômenos de ordem hipnótica, que estudaremos num instante. Numa massa, todo sentimento, todo ato é contagioso e contagioso a ponto do indivíduo sacrificar muito facilmente seu interesse pessoal pelo interesse coletivo. Esta é uma aptidão muito contrária à sua natureza e que o ser humano só é capaz quando ele faz parte de uma massa.

Uma terceira causa — e esta é, de longe, a mais importante — determina nos indivíduos em massa características especiais às vezes completamente contrárias àquelas do indivíduo isolado. Eu quero falar da sugestionabilidade, da qual o contágio, mencionado acima, não passa, aliás, de um efeito.

Para compreender esse fenômeno é preciso ter presentes à mente algumas descobertas recentes da psicologia. Sabemos hoje que, através de processos variados, um indivíduo pode ser colocado num estado tal que, tendo perdido toda sua personalidade consciente, ele obedece a todas as sugestões do operador que a fez perdê-la e comete os atos mais contrários a seu caráter e a seus hábitos. Porém, as observações mais atentas parecem provar que o indivíduo mergulhado durante algum tempo no seio de uma massa agitada, logo está colocado — por causa dos eflúvios que emanam dela ou por uma causa qualquer que desconhecemos — num estado particular, que se aproxima muito do estado de fascinação de quem está hipnotizado nas mãos de um

hipnotizador. Estando a vida do cérebro do sujeito hipnotizado paralisada, este se torna escravo de todas as atividades inconscientes de sua medula espinhal, que o hipnotizador dirige de acordo com sua vontade. A personalidade consciente está inteiramente apagada, a vontade e o discernimento estão perdidos. Todos os sentimentos e os pensamentos são orientados no sentido determinado pelo hipnotizador.

Também é quase este o estado do indivíduo que faz parte de uma massa psicológica. Ele não está mais consciente de seus atos. Nele, como no hipnotizado, ao mesmo tempo em que certas faculdades estão destruídas, outras podem ser levadas a um grau de exaltação extrema. Sob a influência de uma sugestão, ele se lançará com uma irresistível impetuosidade para o cometimento de certos atos. Impetuosidade mais irresistível ainda nas multidões do que no sujeito hipnotizado, porque a sugestão, ao ser a mesma para todos os indivíduos, ela se intensifica ao se tornar recíproca. As individualidades que, na massa, possuem uma personalidade suficientemente forte para resistir à sugestão, são em número muito pequeno para lutar contra a corrente. Pelo menos elas poderão tentar uma diversão através de uma sugestão diferente. Foi assim, por exemplo, que uma palavra feliz, uma imagem evocada na ocasião, às vezes desviaram as multidões dos atos mais sanguinários.

Então, desaparecimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, orientação por via de sugestão e de contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas, tais são as principais características do indivíduo na massa. Ele não é mais ele mesmo, ele se torna um autômato que sua vontade não guia mais.

Assim, pelo único fato de fazer parte de uma massa organizada, o ser humano desce vários graus na escala da civilização. Isolado, ele talvez fosse um indivíduo educado, na massa é um bárbaro, ou seja, um instintivo. Ele tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos. Ele tende a se aproximar dos primitivos também pela facilidade com a qual ele se deixa impressionar por palavras e imagens — que sobre cada um dos indivíduos isolados que compõem a massa seriam completamente sem ação — e levado a atos contrários aos seus interesses mais evidentes e aos seus hábitos mais conhecidos. O indivíduo em massa é um grão de areia no meio de outros grãos de areia que o vento levanta de acordo com sua vontade.

E é por isso que vemos júris pronunciarem veredictos que cada jurado individualmente reprovaria e assembleias parlamentares adotarem leis e medidas que cada um de seus membros reprovaria em particular. Tomados separadamente, os homens da Convenção eram burgueses esclarecidos e de hábitos pacíficos. Reunidos em massa, eles não hesitaram em aprovar as proposições mais ferozes, em enviar à guilhotina os indivíduos mais manifestamente inocentes e, contrariamente a todos os seus interesses, a renunciar à sua inviolabilidade e a dizimarem a si mesmos.

E não é somente por seus atos que o indivíduo em massa difere essencialmente dele mesmo. Antes mesmo que ele tenha perdido toda independência, suas ideias e seus sentimentos estão transformados e a transformação é profunda, a ponto de mudar o avaro em pródigo, o cético em crente, o honesto em criminoso, o covarde em herói. A renúncia a todos os seus privilégios que, num momento de entusiasmo, a nobreza votou durante a famosa noite de 4 de agosto de 1789,

certamente que jamais teria sido aceita por nenhum de seus membros isoladamente.

Conclui-se do que foi exposto que a massa é sempre intelectualmente inferior ao ser humano isolado, mas que, sob o ponto de vista dos sentimentos e dos atos que esses sentimentos provocam, ela pode, segundo as circunstâncias, ser melhor ou pior. Tudo depende da maneira com que a massa é sugestionada. Isto era perfeitamente desconhecido pelos escritores que estudaram as multidões sob o ponto de vista criminal. A massa é frequentemente criminosa, sem dúvida, mas frequentemente também ela é heroica. Foram sobretudo as multidões que se deixaram matar para o triunfo de uma crença ou de uma ideia, que se entusiasmam pela glória e a honra, que se movimentaram quase sem pão e sem armas, como na era das Cruzadas, para libertar de infiéis o túmulo de um Deus, ou, como em 93, para defender o solo da pátria. Heroísmos um pouco inconscientes, sem dúvida, mas é com esses heroísmos que se faz a história. Se tivéssemos que listar apenas as grandes ações friamente pensadas dos povos, os anais do mundo registrariam bem pouca coisa.

***

CAPÍTULO II

Sentimentos e moralidade das multidões.

Sumário

Após ter indicado, de uma maneira bem geral, as principais características das multidões, nos resta penetrar nos detalhes dessas características.

Destaquemos que, dentre as características especiais das multidões, há várias, como a impulsividade, a irritabilidade, a incapacidade de pensar, a ausência de discernimento e de espírito crítico, o exagero dos sentimentos e outras mais, que se observa igualmente nos seres que pertencem a formas inferiores de evolução, como as mulheres, o selvagem e a criança. Mas esta é uma analogia que eu só indico de passagem. Sua demonstração sairia do quadro desta obra. Ela seria inútil, aliás, para as pessoas que conhecem a psicologia dos primitivos e seria sempre pouco convincente para aqueles que não a conhecem.

Eu abordo agora, uma após outra, as diversas características que se pode observar na maior parte das multidões.

§1. Impulsividade, mobilidade e irritabilidade das multidões.

A massa, já o dissemos ao estudar suas características fundamentais, é conduzida quase exclusivamente pelo inconsciente. Seus atos estão muito mais sob a influência da medula espinhal do que sob a do cérebro. Ela se assemelha aos seres completamente primitivos. Os atos executados podem ser perfeitos quanto à sua execução, mas o cérebro não os dirige e o indivíduo age segundo os acasos das

excitações. A massa é o joguete de todas as excitações exteriores e reflete suas incessantes variações. Ela é, por isso, escrava dos impulsos que recebe. O indivíduo isolado pode ser submetido aos mesmos excitantes que o indivíduo em massa; mas, como seu cérebro lhe mostra os inconvenientes de ceder a eles, ele não cede. É o que se pode fisiologicamente exprimir dizendo que o indivíduo isolado possui a aptidão para dominar seus reflexos, enquanto que a massa não a possui.

Esses diversos impulsos aos quais as multidões obedecem poderão ser — de acordo com as excitações — generosos ou cruéis, heroicos ou pusilânimes, mas eles serão sempre tão imperiosos que o interesse pessoal, até mesmo o interesse pela conservação, não os dominará. Sendo os excitantes que podem agir sobre as multidões muito variados e como as multidões os obedecem sempre, estas são, por consequência, extremamente móveis. Por isso nós as vemos passar, num instante, da ferocidade mais sanguinária à generosidade ou ao heroísmo mais absoluto. A massa se transforma facilmente em carrasco, mas não menos facilmente em mártir. Foi de seu seio que escorreram as torrentes de sangue exigidas para o triunfo de cada crença. Não é preciso remontar às eras heroicas para ver do que, sob este ponto de vista, as multidões são capazes. Elas jamais regateiam sua vida num motim e, há bem poucos anos, um general que havia se tornado subitamente popular, encontrou facilmente cem mil homens prontos para dar sua vida por sua causa, se ele os tivesse pedido. Nada então poderia ser premeditado nas multidões.

Elas podem percorrer sucessivamente toda a gama dos sentimentos mais contrários, mas elas estarão sempre sob a influência das excitações do momento. Elas são parecidas com as folhas que o furacão levanta, espalha por todos os lados e depois deixa cair. Estudando, aliás, algumas

multidões revolucionárias, mostraremos alguns exemplos da variabilidade de seus sentimentos.

Essa mobilidade das multidões as torna muito difíceis de serem governadas, principalmente quando uma parte dos poderes públicos caiu em suas mãos. Se as necessidades da vida de cada dia constituíssem um tipo de regulador invisível das coisas, as democracias não conseguiriam durar muito. Mas, se as multidões querem as coisas com frenesi, elas não as querem por muito tempo. Elas são tão incapazes de vontade durável quanto de pensar.

A massa não é somente impulsiva e móvel. Como o selvagem, ela não admite que alguma coisa possa se interpor entre seu desejo e a realização desse desejo. Muito menos ela compreende que é o número que lhe dá o sentimento de um poder irresistível. Para o indivíduo em massa, a noção de impossível desaparece. O indivíduo isolado sente bem que ele não poderia sozinho incendiar um palácio ou pilhar uma loja e se ele for tentado a isso, ele facilmente resistirá à sua tentação. Fazendo parte de uma massa ele tem consciência do poder que lhe dá o número e basta que lhe sugiram ideias de assassinato e de pilhagem para que ele ceda imediatamente à tentação. O obstáculo inesperado será quebrado com frenesi. Se o organismo humano permitisse a perpetuidade da fúria, poder-se-ia dizer que o estado normal da multidão contrariada é a fúria.

Na irritabilidade das multidões, em sua impulsividade e em sua imobilidade, bem como em todos os sentimentos populares que iremos estudar, intervém sempre as características fundamentais da cultura, que constituem o solo invariável sobre o qual germinam todos os nossos sentimentos. Todas as multidões são sempre irritáveis e impulsivas, sem dúvida, mas com grandes variações de grau. A diferença entre uma

massa latina e uma massa anglo-saxã é, por exemplo, impressionante. Os fatos mais recentes de nossa história jogam uma viva luz sobre este ponto. Bastou, em 1870, a publicação de um simples telegrama relatando um suposto insulto feito a um embaixador para determinar uma explosão de fúria de onde uma guerra terrível imediatamente saiu. Alguns anos mais tarde, o anúncio telegráfico de uma insignificante derrota em Langson provocou uma nova explosão que levou à derrubada instantânea do governo. No mesmo instante, a derrota muito mais grave de uma expedição inglesa diante de Cartum produziu na Inglaterra apenas uma emoção muito pequena e nenhum ministério foi derrubado. As multidões são, portanto, femininas, mas as mais femininas de todas são as multidões latinas. Quem se apoia sobre elas pode subir muito alto e muito rápido, mas tocando sem parar o monte Tarpeio[3] e com a certeza de ser precipitado dele um dia.

§2. Sugestionabilidade e credulidade das multidões.

Já dissemos, definindo as multidões, que uma de suas características gerais é uma sugestionabilidade excessiva e já mostramos o quanto, em toda aglomeração humana, uma sugestão é contagiosa. O que explica a orientação rápida dos sentimentos em um sentido determinado.

Por mais neutra que a possamos supor, a massa se encontra na maioria das vezes nesse estado de atenção expectante que torna a sugestão fácil. A primeira sugestão formulada que surge se impõe imediatamente, por contágio, a todos os cérebros e logo a orientação se estabelece. Como em todos os seres sugestionados, a ideia que invadiu o cérebro tende a se transformar em ato. Quer se trate de um palácio a incendiar ou de um ato de devoção a ser feito, a massa está pronta com a

mesma facilidade. Tudo dependerá da natureza do excitante e não mais, como no ser isolado, das relações existentes entre o ato sugerido e a soma de razão que pode ser oposta à sua realização.

Assim, transitando sempre nos limites da inconsciência, sofrendo facilmente todas as sugestões, possuindo toda violência de sentimentos própria aos seres que não podem apelar para as influências da razão, desprovida de todo espírito crítico, a massa só pode ser um ser de credulidade excessiva. O incrível não existe para ela e é preciso se lembrar bem disso para compreender a facilidade com que se acredita e se propagam as lendas e as histórias mais incríveis[4].

A criação das lendas que circulam tão facilmente nas multidões não é determinada apenas por uma credulidade completa. Ela acontece também pelas deformações prodigiosas que sofrem os acontecimentos na imaginação de pessoas reunidas. O acontecimento mais simples visto pela massa é logo um acontecimento transformado. Ela pensa através de imagens e a imagem evocada evoca também uma série de outras que não possuem nenhuma ligação lógica com a primeira. Concebemos facilmente esse estado ao pensarmos nas bizarras sucessões de ideias a que somos às vezes levados pela evocação de um fato qualquer. A razão nos mostra o que existe de incoerente nas imagens, mas a massa não o vê e o que sua imaginação deformante acrescenta ao acontecimento real ela o confundirá com ele. A massa separa pouco o subjetivo do objetivo. Ela admite como reais as imagens evocadas em seu espírito e que, na maioria das vezes, tem apenas um parentesco distante com o fato observado.

As deformações que uma massa provoca em um acontecimento qualquer que ela testemunha deveriam — parece — ser inumeráveis e de sentidos diversos, pois os indivíduos que a compõem são de

temperamentos muito diferentes. Mas não é nada disso. Após o contágio, as deformações são de mesma natureza e de mesmo sentido por todos os indivíduos. A primeira deformação percebida por um dos indivíduos da coletividade é o núcleo da sugestão contagiosa. Antes de aparecer nos muros de Jerusalém a todos os cruzados, São Jorge só foi percebido por um dos assistentes. Por via de sugestão e de contágio o milagre assinalado por um só foi imediatamente aceito por todos.

Este é sempre o mecanismo dessas alucinações coletivas, tão frequentes na história e que parecem ter todas as características clássicas de autenticidade, pois se trata de fenômenos constatados por milhares de pessoas.

Não se poderia, para combater o que foi dito, invocar a qualidade mental dos indivíduos que compõem a massa. Essa qualidade não tem importância. No momento em que se colocam em massa, o ignorante e o sábio estão igualmente incapazes de observação.

A tese pode parecer paradoxal. Para demonstrá-la a fundo, seria preciso retomar um grande número de fatos históricos e vários volumes não bastariam.

Não querendo, no entanto, deixar o leitor com a impressão de afirmações sem provas, eu vou lhe dar alguns exemplos, tomados ao acaso, dentre a infinidade daqueles que se poderia citar.

O seguinte fato é um dos mais típicos, porque ele foi escolhido dentre as alucinações coletivas sofridas por uma massa onde se encontravam indivíduos de todos os tipos, dos mais ignorantes aos mais instruídos. Ele está relatado incidentalmente pelo tenente de marinha Julien Félix, em seu livro sobre as correntes marinhas e que foi antes reproduzido na **Revue Scientifique**.

A fragata Belle-Poule cruzava os mares para se encontrar com a corveta Berceau, da qual havia se separado por causa de uma violenta tempestade. Estavam em plena luz do dia e em pleno sol. Subitamente o vigia assinalou uma embarcação à deriva. A tripulação dirige seus olhos para o ponto assinalado e todo mundo — oficiais e marinheiros — percebeu nitidamente uma balsa carregada de homens e rebocada por embarcações onde havia sinais de avarias. Tudo não passou, no entanto, de uma alucinação coletiva. O almirante Desfossés ordenou o preparo de uma embarcação para voar em socorro dos náufragos. Ao se aproximar, os marinheiros e os oficiais que a guarneciam viram "grupos de homens se agitarem, sacudirem as mãos e ouviam o ruído surdo e confuso de um grande número de vozes". Quando a embarcação chegou ao local, encontraram simplesmente alguns ramos de árvores cobertos de folhas, arrancados da costa vizinha. Diante de uma evidência tão palpável a alucinação desapareceu.

Neste exemplo vemos se desenrolar bem claramente o mecanismo da alucinação coletiva, tal como nós a explicamos. De um lado, uma massa em estado de atenção expectante; do outro, uma sugestão feita pelo vigia, que assinalou um navio à deriva no mar. Sugestão que, por via de contágio, foi aceita por todos os assistentes, oficiais e marinheiros.

Não é necessário que uma massa seja numerosa para que a faculdade de ver corretamente o que se passa diante dela seja destruída e os fatos reais substituídos por alucinações sem parentesco com eles. Logo que alguns indivíduos estão reunidos eles constituem uma massa e mesmo que eles sejam cientistas ilustres eles assumem todas as características das multidões, para o que está fora de sua especialidade. A faculdade de observação e o espírito crítico que cada um possui logo

desaparecem. Um psicólogo engenhoso, o Sr. Davey, nos forneceu um exemplo bem curioso disso, recentemente relatado pelos **Annales des Sciences Psychiques** e que merece ser relatado aqui. O Sr. Davey, tendo convocado uma reunião de observadores ilustres — dentre os quais um dos principais cientistas da Inglaterra, o Sr. Wallace — executou diante deles e após tê-los deixado examinar os objetos e colocar carimbos onde eles desejassem, todos os fenômenos clássicos do espiritismo: materialização dos espíritos, escrita sobre tábuas etc. Tendo em seguida obtido, desses ilustres observadores, relatórios escritos que afirmavam que os fenômenos observados só podiam ser obtidos por meios sobrenaturais ele lhes revelou que eles eram o resultado de truques muito simples. Escreve o autor do relatório:

> *O mais espantoso da investigação do Sr. Davey não é a maravilha da farsa em si mesma, mas a extrema pobreza dos relatórios que fizeram as testemunhas não iniciadas. Por isso, diz ele, as testemunhas podem fazer numerosas e positivas descrições que são completamente erradas, mas cujo resultado é que, por mais que se aceite suas descrições como exatas, os fenômenos que elas descrevem são inexplicáveis pela fraude. Os métodos inventados pelo Sr. Davey eram tão simples que é espantoso que ele tenha tido a audácia de empregá-los; mas ele tinha um poder tal sobre a mente da multidão que ele podia persuadi-la de que ela via o que ela não via.*

É sempre o poder do hipnotizador sobre o hipnotizado. Mas, quando se vê esse poder ser exercido sobre mentes superiores — naturalmente desconfiadas, portanto — percebe-se a que ponto é fácil iludir as multidões comuns.

Os exemplos análogos são inumeráveis. No momento em que escrevo estas linhas, os jornais estão cobertos pela história de duas jovens afogadas retiradas do Sena. Essas crianças foram inicialmente

reconhecidas, da maneira mais categórica, por uma dúzia de testemunhas. Todas as afirmações eram tão concordantes que não ficou nenhuma dúvida na mente do juiz de instrução. Ele mandou emitir a certidão de óbito. Mas, no momento em que se ia realizar o sepultamento, o acaso fez descobrir que as supostas vítimas estavam perfeitamente vivas e só possuíam, aliás, uma semelhança muito distante com as pequenas afogadas. Como em vários exemplos precedentemente citados, a afirmação da primeira testemunha, vítima de uma ilusão, tinha bastado para sugestionar todas as outras.

Nos casos semelhantes, o ponto de partida da sugestão é sempre a ilusão produzida em um indivíduo por reminiscências mais ou menos vagas, depois o contágio por via da afirmação dessa ilusão primitiva. Se o primeiro observador é muito impressionável, bastará frequentemente que o cadáver que ele acredita reconhecer apresente — fora de toda semelhança real — alguma particularidade, uma cicatriz ou um detalhe da roupa, que possa evocar a ideia de uma outra pessoa.

A ideia evocada pode então se tornar o núcleo de um tipo de cristalização que invade o campo da compreensão e paralisa toda faculdade crítica. O que o observador vê então, não é mais o objeto em si, mas a imagem evocada em sua mente. Assim se explicam os reconhecimentos errados de cadáveres de crianças por sua própria mãe, como foi o caso seguinte, já antigo, mas que foi lembrado recentemente pelos jornais e em que vemos se manifestar precisamente as duas ordens de sugestões, cujo mecanismo eu indiquei.

> *A criança foi reconhecida por uma outra, que se enganou. A série de reconhecimentos incorretos se desenrolou então.*
> *E viu-se uma coisa bastante extraordinária. No dia seguinte ao reconhecimento feito por um estudante, uma mulher gritou: "Ah, meu Deus! É meu filho."*

Ela foi levada junto ao cadáver, examinou as roupas, constata uma cicatriz na testa. Diz ela: "É meu filho, sumido deste julho último. Ele foi roubado e morto!"

A mulher era recepcionista de hotel na rua Four e se chamava Chavandret. Mandaram chamar seu cunhado que, sem hesitação, diz: "É o pequeno Philibert." Vários moradores da rua reconheceram Philibert Chavandret na criança de La Villette, sem contar seu próprio professor, para o qual a medalha era um indicador.

E, pois bem! Os vizinhos, o cunhado, o professor e a mãe estavam enganados. Seis semanas mais tarde a identidade da criança foi estabelecida. Era uma criança de Bordeaux, morta em Bordeaux e que, por mensageiros, havia sido levada a Paris[5].

Destaque-se que esses reconhecimentos são feitos geralmente por mulheres e crianças, ou seja, precisamente pelos seres mais impressionáveis. Eles nos mostram, ao mesmo tempo, o que podem valer na justiça tais testemunhos. No que diz respeito às crianças, particularmente, suas afirmações não deveriam jamais ser invocadas. Os magistrados repetem, como um lugar comum, que nessa idade não se mente. Com uma cultura psicológica um pouco menos sumária eles saberiam que nessa idade, pelo contrário, mente-se quase sempre. A mentira, sem dúvida, é inocente, mas, nem por isso ela é menos mentira. Mais valeria decidir na cara ou coroa a condenação de um acusado do que decidi-la, como se faz tantas vezes, de acordo com o testemunho de uma criança.

Para retornar às observações feitas pelas multidões, concluiremos que as observações coletivas são as mais errôneas de todas e que na maioria das vezes elas representam as simples ilusão de um indivíduo que, por via de contágio, sugestionou os outros. Poder-se-ia multiplicar

ao infinito os fatos que provam que é preciso ter a mais profunda desconfiança no testemunho das multidões. Milhares de pessoas assistiram a carga de cavalaria da batalha de Sedan e, no entanto, é impossível, face aos testemunhos visuais mais contraditórios, saber por quem ela foi comandada. Em um livro recente, o general inglês Wolseley provou que haviam sido cometidos até aqui os mais graves erros sobre os fatos mais consideráveis da batalha de Waterloo; fatos que centenas de testemunhas haviam, no entanto, atestado[6].

Tais fatos nos mostram o que valem os testemunhos das multidões. Os tratados de lógica enquadram a unanimidade de numerosos testemunhos na categoria das provas mais sólidas que se possa invocar para provar a exatidão de um fato. Mas o que sabemos da psicologia das multidões mostra que os tratados de lógica estão para serem refeitos inteiramente sob este ponto. Os acontecimentos mais duvidosos são aqueles que foram observados pelo maior número de pessoas. Dizer que um fato foi constatado simultaneamente por milhares de testemunhas é dizer, na maioria das vezes, que o fato real é muito diferente da versão adotada.

Decorre claramente disso que é preciso considerar como obras de imaginação pura os livros de história. São versões fantasiosas de fatos mal observados, acompanhados de explicações feitas posteriormente. Enxugar gelo é empregar melhor o tempo do que escrever tais livros. Se o passado não nos tivesse legado suas obras literárias, artísticas e monumentais, não saberíamos absolutamente nada de real sobre esse passado. Conhecemos uma só palavra de verdadeiro sobre a vida dos grandes homens que desempenharam os papéis mais preponderantes na humanidade, como Hércules, Buda, Jesus ou Maomé? Muito provavelmente não. No fundo, aliás, sua vida real importa muito pouco.

O que nos interessa realmente conhecer são as grandes personalidades como a lenda popular as fabricou. Foram os heróis lendários — e, de maneira alguma, os heróis reais — que impressionaram a alma das multidões.

Infelizmente, as lendas — mesmo quando estão fixadas pelos livros — não têm, por si sós, nenhuma consistência. A imaginação das multidões as transforma sem parar, segundo o tempo e sobretudo segundo os povos. Há uma distância muito grande entre o Jeová sanguinário da Bíblia e o Deus de amor de Santa Tereza e o Buda adorado na China não tem mais nenhum traço em comum com aquele que é venerado na Índia.

Nem mesmo há necessidade de que os séculos tenham passado sobre os heróis para que sua lenda seja transformada pela imaginação das multidões. A transformação é feita às vezes em poucos anos. Nós vimos em nossos dias a lenda de um dos maiores heróis da história se modificar várias vezes em menos de cinquenta anos. Sob os Bourbons, Napoleão tornou-se um tipo de personagem idílico, filantropo e liberal, amigo dos humildes, que, no dizer dos poetas, deveriam conservar sua lembrança no coração durante muito tempo. Trinta anos após, o afável herói havia se transformado num déspota sanguinário que, após ter usurpado o poder e a liberdade, fez perecer três milhões de pessoas, unicamente para satisfazer sua ambição. Em nossos dias, assistimos a uma nova transformação da lenda. Quando algumas dezenas de séculos tiverem se passado sobre ela, os cientistas do futuro, em presença de tais narrações contraditórias, talvez duvidem da existência do herói, como eles duvidam às vezes de Buda e só verão nele um mito solar ou um desenvolvimento da lenda de Hércules. Eles se consolarão facilmente, sem dúvida, com essas incertezas, pois, melhor iniciados que hoje em

dia com o conhecimento da psicologia das multidões, eles saberão que a história quase que só pode eternizar mitos.

§3. Exagero e simplismo dos sentimentos.

Quaisquer que sejam os sentimentos, bons ou maus, manifestados por uma massa, eles apresentam a dupla característica de serem muito simples e muito exagerados. Sobre este ponto, bem como sobre tantos outros, o indivíduo em massa se aproxima dos seres primitivos. Inacessível às nuances, ele vê as coisas em bloco e não conhece as transições. Na massa, o exagero dos sentimentos é fortalecido pelo fato de que um sentimento manifestado se propaga muito rapidamente por via da sugestão e do contágio e, portanto, a aprovação evidente com que ele é objeto aumenta consideravelmente sua força.

A simplicidade e o exagero dos sentimentos das multidões fazem com que estas últimas não conheçam nem a dúvida nem a incerteza. Como as mulheres, elas vão rapidamente aos extremos. A suspeita enunciada se transforma logo em evidência indiscutível. Um começo de antipatia ou de desaprovação, que, num indivíduo isolado, não se acentuaria, se transforma num ódio feroz num indivíduo em massa.

A violência dos sentimentos das multidões é ainda exagerada — nas multidões heterogêneas, sobretudo — pela ausência de responsabilidade. A certeza de impunidade — certeza um tanto mais forte quanto mais numerosa for a massa — e a noção de um poder momentâneo considerável, devido ao número, tornam possível à coletividade sentimentos e atos impossíveis ao indivíduo isolado. Nas multidões, o imbecil, o ignorante e o invejoso são liberados do sentimento de sua nulidade e de sua impotência, que é substituído pela noção de uma força brutal, passageira, mas imensa.

O exagero nas multidões, frequentemente recai, infelizmente, sobre os maus sentimentos — relíquia atávica dos instintos do ser humano primitivo — que o medo do castigo obriga o indivíduo isolado e responsável a refrear. É o que faz com que as multidões sejam levadas facilmente aos piores excessos.

Isso não significa, no entanto, que, sugestionadas habilmente, as multidões não sejam capazes de heroísmo, de devoção e de virtudes muito elevadas. Elas são até mesmo mais capazes disso do que os indivíduos isolados. Logo teremos oportunidade de retornar a este ponto ao estudarmos a moralidade das multidões.

Exagerada em seus sentimentos, a massa só é impressionada por sentimentos excessivos. O orador que quer seduzi-la deve abusar das afirmações violentas. Exagerar, afirmar, repetir e jamais tentar demonstrar qualquer coisa através do raciocínio, são procedimentos de argumentação bem conhecidos dos oradores das reuniões populares. A massa também quer o mesmo exagero nos sentimentos de seus heróis. Suas qualidades e suas virtudes aparentes devem sempre ser amplificadas. Destacou-se muito justamente que, no teatro, a massa exige dos heróis da peça qualidades de coragem, de moralidade, de virtude que jamais são praticadas na vida.

Já se falou com razão da ótica especial do teatro. Não existe uma, sem dúvida, mas suas regras não têm, na maioria das vezes, nada a ver com o bom senso e a lógica. A arte de falar às multidões é de ordem inferior, sem dúvida, mas exige aptidões bem especiais. Frequentemente é impossível explicar, ao lê-las, o sucesso de certas peças. Os diretores de teatro, quando as recebem, eles também estão, na maioria das vezes, muito incertos sobre seu sucesso, porque, para avaliar, seria preciso que eles pudessem se transformar em massa[7]. Aqui, mais uma vez, se

pudéssemos entrar nos desenvolvimentos, nós mostraríamos a influência preponderante da cultura. A peça de teatro que entusiasma a massa em um país não tem às vezes nenhum sucesso em um outro ou tem apenas um sucesso de crítica e convencional, porque ela não coloca em jogo os propulsores capazes de levantar seu novo público.

Eu não preciso acrescentar que o exagero das multidões só acontece sobre os sentimentos e, de nenhuma maneira, sobre a inteligência. Eu já mostrei que, pelo único fato de o indivíduo estar em massa, seu nível intelectual abaixa imediata e consideravelmente. Foi o que o Sr. Tarde constatou em suas pesquisas sobre os crimes das multidões. É então somente na ordem dos sentimentos que as multidões podem subir muito alto ou, pelo contrário, descer muito baixo.

§4. Intolerância, autoritarismo e conservadorismo das multidões.

As multidões só conhecem os sentimentos simples e extremos. As opiniões, ideias e crenças que lhes são sugeridas são aceitas ou rejeitadas por elas em bloco e consideradas como verdades absolutas ou erros não menos absolutos. Sempre há nelas crenças determinadas por via de sugestão ao invés de terem sido estabelecidas por meio do raciocínio. Todo mundo sabe o quanto as crenças religiosas são intolerantes e que império despótico elas exercem sobre as almas.

Não tendo nenhuma dúvida sobre o que é verdade ou erro e tendo, por outro lado, a noção clara de sua força, a massa é tão autoritária quanto intolerante. O indivíduo pode suportar a contradição e a discussão, a massa não as suporta jamais. Nas reuniões públicas, a mais ligeira contradição da parte de um orador é imediatamente acolhida por urros de fúria e violentas ofensas, logo seguidos de vias de fato e de expulsão, por pouco que o orador insista. Sem a presença inquietante

dos agentes de autoridade, o contraditor seria mesmo frequentemente massacrado. O autoritarismo e a intolerância são gerais em todas as categorias de multidões, mas eles se apresentam em graus muito diversos e aqui, mais uma vez, reaparece a noção fundamental de cultura, dominadora de todos os sentimentos e de todos os pensamentos das pessoas. É sobretudo nas multidões latinas que o autoritarismo e a intolerância estão desenvolvidos em um alto grau. Eles estão tão desenvolvidos a ponto de terem destruído inteiramente o sentimento de independência individual, tão poderoso entre os anglo-saxões. As multidões latinas só são sensíveis à independência coletiva da seita à qual elas pertencem e a característica dessa independência é a necessidade de escravizar imediata e violentamente à suas crenças todos os dissidentes. Nos povos latinos, os jacobinos de todas as eras, desde a inquisição, jamais puderam se elevar a uma outra concepção de liberdade.

O autoritarismo e a intolerância são, para todas as multidões, sentimentos muito claros, que elas compreendem facilmente e que elas aceitam também tão facilmente quanto os praticam, assim que eles lhes são impostos. As multidões respeitam docilmente a força e são mediocremente impressionadas pela bondade, que para elas não passa de uma forma de fraqueza. Suas simpatias jamais foram para os senhores afáveis, mas para os tiranos que as esmagaram vigorosamente. Foi sempre para estes últimos que elas ergueram as mais altas estátuas. Se elas pisoteiam com prazer os déspotas derrubados é porque, tendo perdido sua força, eles entram na categoria dos fracos, que ela despreza, porque não os teme. O herói típico, muito valorizado pelas multidões, terá sempre a estrutura de um César. Sua figura as seduz, sua autoridade se impõe a elas e seu sabre lhes dá medo.

Sempre pronta a se erguer contra uma autoridade fraca, a massa se curva com servilismo diante de uma autoridade forte. Se a força da autoridade é intermitente, a massa, sempre obedecendo a seus sentimentos extremos, passa alternadamente da anarquia à servidão e da servidão à anarquia.

Seria, aliás, desconhecer muito a psicologia das multidões, acreditar na predominância de seus instintos revolucionários. Suas violências apenas nos iludem sobre este ponto. Suas explosões de revolta e de destruição são sempre muito efêmeras. As multidões são regidas muito pelo inconsciente e muito submetidas, por consequência, à influência de heranças seculares, para não serem extremamente conservadoras.

Abandonadas à própria sorte, elas logo se cansam de suas desordens e se dirigem instintivamente para a servidão. Foram os mais orgulhosos e os mais intratáveis dos jacobinos que aclamaram mais energicamente Bonaparte, quando ele suprimiu todas as liberdades e fez sentir duramente sua mão de ferro.

É difícil compreender a história, a das revoluções populares principalmente, quando não se leva em conta devidamente os instintos profundamente conservadores das multidões. Elas querem muito mudar os nomes de suas instituições e elas até mesmo provocam violentas revoluções para obterem essas mudanças; mas o fundamento dessas instituições são as necessidades herdadas do povo e elas sempre retornam a elas. Sua mobilidade incessante só recai sobre as coisas totalmente superficiais. De fato, elas têm instintos conservadores tão irredutíveis quanto aqueles de todos os primitivos. Seu respeito fetichista pelas tradições é absoluto e seu horror inconsciente a todas as novidades capazes de mudar suas condições reais de existência é

absolutamente profundo. Se as democracias possuíssem o poder que elas possuem hoje em dia, na época em que foram inventados os objetos mecânicos, o vapor e as estradas de ferro, a realização dessas invenções teria sido impossível, ou só teriam acontecido ao custo de revoluções e massacres repetidos. É felizmente, para o progresso da civilização, que o poder das multidões só tenha começado a nascer quando as grandes descobertas da ciência e da indústria já haviam acontecido.

§5. A moralidade das multidões.

Se tomarmos a palavra moralidade no sentido de respeito constante a certas convenções sociais e de repressão permanente dos impulsos egoístas, fica bem evidente que as multidões são muito impulsivas e muito móveis para serem suscetíveis de moralidade. Mas, se no termo moralidade, fizermos entrar a aparição momentânea de certas qualidades, como a abnegação, o devotamento, o desinteresse, o sacrifício de si mesmo, a necessidade de justiça, podemos dizer que as multidões são, pelo contrário, às vezes suscetíveis de uma moralidade muito elevada.

Os raros psicólogos que estudaram as multidões só as olharam sob o ponto de vista de seus atos criminosos e, vendo a que ponto esses atos são frequentes, eles as consideraram como tendo um nível moral muito baixo.

Sem dúvida, é frequentemente assim. Mas, por quê? Simplesmente porque os instintos de ferocidade destrutiva são resíduos das eras primitivas que dormem no fundo de cada um de nós. Na vida do indivíduo isolado, seria muito perigoso para ele satisfazê-los, enquanto que sua absorção numa massa irresponsável — e onde, por consequência, a impunidade está assegurada — lhe dá toda liberdade para segui-los. Não podendo exercer habitualmente esses instintos

destrutivos sobre nossos semelhantes, nós nos limitamos a exercê-los sobre os animais. É de uma mesma fonte que derivam a paixão tão geral pela caça e os atos de ferocidade das multidões. A massa que tortura lentamente uma vítima sem defesa dá prova de uma ferocidade muito covarde. Mas, para o filósofo, essa ferocidade é parente bem próxima daquela dos caçadores que se reúnem às dúzias para ter o prazer de assistir à perseguição e ao esfolamento de um infeliz cervo pelos seus cães.

Se a massa é capaz de matar, de incendiar e de todo tipo de crime, ela é igualmente capaz de atos de devoção, de sacrifício e de desinteresse muito elevados, muito mais elevados mesmo do que é capaz o indivíduo isolado. É principalmente sobre o indivíduo em massa que se age — e, frequentemente, até se obtém o sacrifício de sua vida — quando se invoca sentimentos de glória, de honra, de religião e de pátria. A história está repleta de exemplos análogos àqueles das Cruzadas e dos voluntários de 93. Apenas as coletividades são capazes de grandes desinteresses e de grandes devoções.

Quantas multidões se fizeram heroicamente massacrar por causa de crenças, de ideias e de palavras que elas compreendiam tão pouco! As multidões que fazem greves as fazem muito mais para obedecer a uma palavra de ordem do que para obter um magro aumento de salário que as satisfaz. O interesse pessoal é muito raramente um motivador poderoso nas multidões, enquanto que é o motivador quase exclusivo do indivíduo isolado. Não foi, certamente, o interesse que guiou as multidões em tantas guerras, incompreensíveis na maioria das vezes para sua inteligência e onde elas se deixaram tão facilmente massacrar quanto as cotovias hipnotizadas pelo espelho manobrado pelo caçador.

Mesmo para os perfeitos bandidos, acontece muito frequentemente que, pelo único fato de estarem reunidos em massa, adquirirem momentaneamente princípios de moralidade bem restritos. Taine destacou que os Massacradores de Setembro[8] vinham depositar sobre a mesa dos comitês as carteiras e as joias que eles encontravam com suas vítimas e que eles poderiam facilmente roubar. A massa ululante, agitada e miserável que invadiu as Tulherias durante a Revolução de 1848 não se apoderou de nenhum dos objetos que a deslumbraram e que um só deles teria representado pão para muitos dias.

Essa moralização do indivíduo pela massa não é, certamente, uma regra constante, mas é uma regra que se observa frequentemente. Ela é observada mesmo em circunstâncias muito menos graves do que essas que citei. Eu já mencionei que no teatro a massa quer do herói virtudes exageradas e é facilmente observável que uma assistência, mesmo composta por elementos inferiores, se mostra geralmente muito puritana. O hedonista profissional, o cafetão, o vadio blasfemador, frequentemente murmuram diante de uma cena um pouco arriscada ou uma leve maledicência, bem anódinas, no entanto, comparadas com suas conversações habituais.

Portanto, se as multidões se dedicam frequentemente aos baixos instintos, elas dão também, às vezes, exemplos de atos elevados de moralidade. Se o desinteresse, a resignação, a devoção absoluta a um ideal quimérico ou real são virtudes morais, pode-se dizer que as multidões possuem frequentemente essas virtudes em um grau que os mais sábios dos filósofos raramente atingiram. Elas as praticam, sem dúvida, com inconsciência, mas não importa. Não lamentemos muito que as multidões sejam guiadas sobretudo pelo inconsciente e raciocinem pouco. Se elas alguma vez tivessem raciocinado e

consultado seus interesses imediatos, nenhuma civilização teria se desenvolvido na superfície de nosso planeta e a humanidade não teria história.

***

CAPÍTULO III

Ideias, raciocínios e imaginação das multidões.

§1. As ideias das multidões.

Sumário

Estudando em nosso livro precedente[9] o papel das ideias na evolução dos povos, mostramos que cada civilização deriva de um pequeno número de ideias fundamentais, muito raramente renovadas. Expusemos como essas ideias se estabelecem na alma das multidões; com que dificuldade elas penetram nelas e o poder que elas possuem quando elas penetraram nelas. Vimos, por fim, como as grandes perturbações históricas derivam, na maioria das vezes, das mudanças dessas ideias fundamentais.

Tendo tratado suficientemente desse assunto, eu não o retomarei agora e me limitarei a dizer algumas palavras sobre as ideias que são acessíveis às multidões e sob quais formas estas as concebem.

Pode-se dividi-las em duas classes. Numa, colocaremos as ideias acidentais e passageiras criadas sob influências do momento; o entusiasmo de um indivíduo por uma doutrina, por exemplo. Noutra, as ideias fundamentais às quais o meio, a herança e a opinião dão uma estabilidade muito grande; como as crenças religiosas, outrora e as ideias democráticas e sociais, agora.

As ideias fundamentais poderiam ser representadas pelas águas de um rio que seguem lentamente seu curso; as ideias passageiras, pelas pequenas vagas, sempre cambiantes, que agitam sua superfície e que, mesmo sem importância real, são mais visíveis do que a marcha do rio em si.

Em nossos dias, as grandes ideias fundamentais sob as quais viveram nossos pais estão, cada vez mais, vacilantes. Elas perderam toda solidez e, ao mesmo tempo, as instituições que repousavam sobre elas se encontram profundamente abaladas. Formam-se diariamente muitas das pequenas ideias transitórias que eu mencionei há pouco; mas muito poucas dentre elas parecem crescer visivelmente e adquirir uma influência preponderante.

Quaisquer que sejam as ideias sugeridas às multidões, elas só podem se tornar dominantes com a condição de assumirem uma forma bem absoluta e muito simples. Elas se apresentam então sob a forma de imagens e só são acessíveis às multidões sob essa forma. Essas ideias-imagens não são ligadas entre si por nenhuma relação lógica de analogia ou de sucessão e podem substituir umas às outras, como os vidros da lanterna mágica que o operador retira da caixa onde estavam superpostos. E é por isso que se vê serem mantidas nas multidões, lado a lado, as ideias mais contraditórias. Segundo os acasos do momento, a massa será colocada sob a influência de uma das diversas ideias armazenadas em sua mente e poderá, por consequência, cometer os atos mais diferentes. Sua ausência completa de espírito crítico não lhe permite perceber as contradições.

Isto não é um fenômeno exclusivo das multidões; ele é observado em muitos indivíduos isolados, não apenas entre os seres primitivos, mas em todos aqueles que, por um aspecto qualquer de sua mente — os sectários de uma fé religiosa intensa, por exemplo — se assemelham aos primitivos. Eu observei isso em grau curioso entre os hindus cultos, educados em nossas universidades europeias e que obtiveram todos os diplomas. Sobre um fundo imóvel de ideias religiosas ou sociais herdadas estava superposta — sem, de maneira alguma, alterá-las —

uma fachada de ideias ocidentais sem parentesco com as primeiras. Segundo os acasos do momento, umas ou outras apareciam com seu cortejo especial de atos ou de discursos e o mesmo indivíduo apresentava assim as contradições mais flagrantes. Contradições, aliás, mais aparentes do que reais, pois somente as ideias herdadas são suficientemente poderosas no indivíduo isolado para se tornarem motivadores de comportamento. É somente quando, através de cruzamentos, o ser humano se encontra entre os impulsos de heranças diferentes, que os atos podem ser realmente, de um momento para o outro, completamente contraditórios. Seria inútil insistir aqui sobre esses fenômenos, mesmo que sua importância psicológica seja capital. Eu considero que sejam necessários pelo menos dez anos de viagens e observações para se chegar a compreendê-los.

Sendo as ideias acessíveis às multidões apenas após terem assumido uma forma bem simples, elas devem, para se tornarem populares, sofrer frequentemente as mais completas transformações. É principalmente quando se trata de ideias filosóficas um pouco sofisticadas que se pode constatar a profundidade das modificações que lhes são necessárias para descer, de camada em camada, até o nível das multidões. Essas modificações dependem das categorias das multidões ou do povo ao qual essas multidões pertençam; mas elas são sempre reduzidas e simplificadas. É por isso que, sob o ponto de vista social, quase não há, na realidade, hierarquia de ideias, ou seja, de ideias mais ou menos sofisticadas. Pelo único fato de uma ideia chegar às multidões e poder agir, por maior ou mais verdadeira que ela possa ter sido em sua origem, ela está desprovida de quase tudo o que fazia sua sofisticação e sua grandeza.

Aliás, sob o ponto de vista social, o valor hierárquico de uma ideia não tem importância. O que é preciso considerar é o efeito que ela produz. As ideias cristãs da Idade Média, as ideias democráticas do último século, as ideias sociais de hoje em dia, não são certamente muito sofisticadas. Só se pode considerá-las, filosoficamente, como erros muito pobres e, no entanto, seu papel foi e será imenso e elas estarão por muito tempo dentre os mais essenciais fatores de comportamento dos Estados.

Até mesmo quando a ideia sofreu as transformações que a tornam acessível às multidões, ela só age quando, por diversos processos que serão estudados em outra parte, ela penetrou no inconsciente e se tornou um sentimento, o que é sempre muito longo.

Não se pode acreditar, com efeito, que é simplesmente porque a correção de uma ideias está demonstrada que ela pode produzir seus efeitos, mesmo nas mentes cultas. Damos conta rapidamente disso ao ver o quanto a demonstração mais clara tem pouca influência sobre a maioria das pessoas. A evidência, se ela for muito óbvia, poderá ser reconhecida por um ouvinte instruído; mas esse novo convertido será rapidamente reconduzido por seu inconsciente à suas concepções antigas. Reencontremo-no após alguns dias e ele vos apresentará novamente seus antigos argumentos, exatamente nos mesmos termos. Ele está, com efeito, sob a influência de ideias anteriores que se tornaram sentimentos e são elas apenas que agem sobre os motivadores profundos de nossos atos e de nossos discursos. Não poderia ser de outra forma para as multidões.

Mas quando, através de diversos processos, uma ideia acabou por penetrar na alma da multidão, ela possui um poder irresistível e provoca toda uma série de efeitos que é preciso sofrer. As ideias filosóficas que

levaram à Revolução Francesa levaram quase um século para se implantar na alma da multidão. Conheceu-se sua irresistível força quando elas foram estabelecidas. A energia de um povo inteiro rumo à conquista da igualdade social, rumo à realização de direitos abstratos e de liberdades ideais, fez balançar todos os tronos e convulsionou profundamente o mundo ocidental. Durante vinte anos os povos se precipitaram uns sobre os outros e a Europa conheceu hecatombes que teriam assustado Gengis Khan e Tamerlão. Jamais o mundo viu, em um grau tal, o que pode produzir o desencadeamento de uma ideia.

É preciso muito tempo para as ideias se estabelecerem na alma da multidão, mas elas não levam menos tempo para saírem dela. Também as multidões sempre estão, sob o ponto de vista das ideias, atrasadas em várias gerações com relação aos cientistas e filósofos. Todos os homens de Estado sabem bem hoje em dia o que contém de errado nas ideias fundamentais que eu citei há pouco. Mas, como sua influência é muito poderosa ainda, eles são obrigados a governar de acordo com princípios que, na verdade, eles não acreditam mais.

§2. Os raciocínios das multidões.

Não se pode dizer, de uma maneira totalmente absoluta, que as multidões não raciocinam e não são influenciáveis por argumentos racionais. Mas os argumentos que elas empregam e aqueles que podem agir sobre elas são, sob o ponto de vista da lógica, de uma ordem tão inferior que é somente por via da analogia que se pode qualificá-los de raciocínios.

Os raciocínios inferiores das multidões são, como os raciocínios sofisticados, baseados em associações. Mas as ideias associadas pelas multidões só possuem entre si laços aparentes de analogia ou de sucessão. Elas se encadeiam como as ideias do esquimó que, sabendo

por experiência que o gelo, corpo transparente, derrete na boca, conclui que o vidro, corpo igualmente transparente, deve derreter também na boca. Ou as ideias do selvagem, que imagina que, ao comer o coração de um inimigo corajoso, adquire sua bravura. Ou ainda as do trabalhador que, tendo sido explorado por um patrão, conclui imediatamente que todos os patrões são exploradores.

Associação de coisas dessemelhantes, que só possuem entre si relações aparentes e generalização imediata de casos particulares, tais são as características dos raciocínios das multidões. São raciocínios dessa ordem que lhes apresentam sempre aqueles que sabem manipulá-las. São os únicos que podem influenciá-las. Uma cadeia de argumentos lógicos é totalmente incompreensível às multidões e é por isso que é permitido dizer que elas não raciocinam ou raciocinam falsamente e não são influenciáveis por uma argumentação lógica. Espanta-se às vezes, ao lê-los, a fraqueza de certos discursos que possuem, no entanto, uma influência enorme sobre as multidões que os ouvem. Mas esquece-se que eles foram feitos para conduzir coletividades e não para serem lidos por filósofos. O orador, em comunicação íntima com a massa, sabe evocar as imagens que a seduzem. Se ele consegue, seu objetivo foi atingido e vinte volumes de arengas — sempre fabricados após o acontecido — não valem algumas frases que chegaram até aos cérebros que era preciso convencer.

Seria supérfluo acrescentar que a impotência das multidões em raciocinar corretamente as impede de ter algum traço de espírito crítico, ou seja, de serem aptas para discernir a verdade do erro, de realizar um julgamento preciso sobre o que quer que seja. Os julgamentos que as multidões aceitam são apenas os julgamentos impostos e jamais os julgamentos discutidos. Sob este ponto de vista, numerosas são as

pessoas que não se elevam acima da multidão. A facilidade com que certas opiniões se tornam gerais é devida principalmente à impossibilidade da maior parte das pessoas em formar uma opinião particular baseada em seus próprios raciocínios.

§3. A imaginação das multidões.

Da mesma forma que nos seres onde a argumentação lógica não intervém, a imaginação representativa das multidões é muito poderosa, muito ativa e suscetível de ser vivamente impressionada. As imagens evocadas em sua mente por um personagem, um acontecimento, um acidente, têm quase a mesma vivacidade das coisas reais. As multidões são um pouco parecidas com a pessoa adormecida, cuja razão, momentaneamente suspensa, deixa surgir em sua mente imagens de uma intensidade extrema, mas que se dissipariam rapidamente se elas pudessem ser submetidas à reflexão. As multidões, não sendo capazes de reflexão nem de raciocínio, não conhecem o inverossímil. Porém, são as coisas mais inverossímeis que geralmente mais as impressionam.

É por isso que são os aspectos maravilhosos e lendários dos acontecimentos que mais impressionam as multidões. Quando se analisa uma civilização, vê-se que são, na realidade, o maravilhoso e o lendário, seus verdadeiros suportes. Na história, a aparência sempre desempenhou um papel muito mais importante do que a realidade. O irreal nela predomina sobre o real.

As multidões, só podendo pensar por imagens, só se deixam impressionar por imagens.

Apenas as imagens as aterrorizam ou as seduzem e se tornam motivadores de ação.

Assim, as representações teatrais, que usam a imagem sob sua forma mais nitidamente visível, sempre têm uma enorme influência

sobre as multidões. Pão e circo constituíam outrora, para a plebe romana, o ideal de felicidade e ela não pedia mais nada. Na sucessão das eras esse ideal pouco variou. Nada impressiona mais a imaginação das multidões de todas as categorias do que as representações teatrais. O auditório todo experimenta, ao mesmo tempo, as mesmas emoções e se essas emoções não se transformam imediatamente em atos é porque o espectador mais inconsciente não pode ignorar que ele é vítima de ilusões e que ele riu ou chorou por causa de aventuras imaginárias. Às vezes, no entanto, os sentimentos sugeridos pelas imagens são tão fortes que eles tendem, como as sugestões habituais, a se transformar em atos. Já se contou várias vezes a história do teatro popular que só apresentava dramas sombrios e foi obrigado a contratar seguranças para o ator em sua saída do teatro, para livrá-lo das violências dos espectadores indignados com os crimes imaginários que ele havia cometido. Isto é, eu creio, um dos indicadores mais memoráveis do estado mental das multidões e principalmente da facilidade com que ela é sugestionada. O irreal tem quase a mesma ação sobre elas do que o real. Elas têm uma tendência evidente a não diferenciá-los.

É sobre a imaginação popular que está fundamentado o poder dos conquistadores e a força dos Estados. É sobretudo agindo sobre ela que se conduz as multidões. Todos os grandes fatos históricos — a criação do budismo, do cristianismo, do islamismo, a Reforma, a Revolução Francesa e, em nossos dias, a invasão ameaçadora do socialismo — são as consequências diretas ou distantes de impressões fortes produzidas sobre a imaginação das multidões.

Assim, todos os grandes homens de Estado de todas as eras e de todos os países, inclusive os mais absolutos déspotas, consideraram a imaginação popular como a base de seu poder e jamais tentaram

governar contra ela. Disse Napoleão no Conselho de Estado: “Foi me fazendo de católico que eu acabei com a guerra da Vendeia; fazendo-me de muçulmano eu me estabeleci no Egito; fazendo-me de ultramontano eu ganhei os padres da Itália. Se eu governasse um povo judeu, eu reconstruiria o templo de Salomão”. Jamais, talvez, desde Alexandre e César, nenhum homem soube melhor como a imaginação das multidões deve ser impressionada. Sua preocupação constante foi impressioná-la. Ele pensava nela em suas vitórias, em suas discussões, em seus discursos, em todos os seus atos. Em seu leito de morte ele ainda pensava nela.

Como se impressiona a imaginação das multidões? Logo o veremos. Limitemo-nos, no momento, a dizer que, jamais é tentando agir sobre a inteligência e a razão, ou seja, por via de demonstração. Não foi por meio de uma retórica inteligente que Antônio conseguiu amotinar o povo contra os assassinos de César. Foi lendo para ele seu testamento e mostrando-lhe seu cadáver.

Tudo o que impressiona a imaginação das multidões se apresenta sob a forma de uma imagem cativante e bem nítida, livre de qualquer interpretação acessória, ou que não possui nenhum outro acompanhamento além de alguns fatos maravilhosos ou misteriosos: uma grande vitória, um grande milagre, um grande crime, uma grande esperança. É preciso apresentar as coisas em bloco e jamais indicar sua gênese. Cem pequenos crimes ou cem pequenos acidentes não impressionarão, de maneira alguma, a imaginação das multidões. Enquanto que um só crime, um só grande acidente as impressionará profundamente, mesmo com resultados infinitamente menos mortíferos que os cem pequenos acidentes reunidos. A epidemia de gripe que, há poucos anos, fez perecer, somente em Paris, 5.000 pessoas em algumas

semanas, impressionou muito pouco a imaginação popular. Essa verdadeira hecatombe não se traduziu, com efeito, em nenhuma imagem visível, mas somente pelas indicações semanais da estatística. Um acidente que, ao invés dessas 5.000 pessoas, tivesse feito perecer somente 500, mas no mesmo dia, num lugar público, por um acidente bem visível — a queda da Torre Eiffel, por exemplo — teria, pelo contrário, produzido na imaginação uma impressão imensa. A perda provável de um transatlântico, que se supôs, na falta de notícias, ter se afundado em pleno mar, impressionou profundamente durante oito dias a imaginação das multidões. Porém, as estatísticas oficiais mostram que no mesmo ano um milhar de grandes navios se perdeu. Mas essas perdas sucessivas, por mais importantes que possam ter sido em termos de perdas de vida e de mercadoria, com relação ao transatlântico em questão, as multidões não se preocuparam um só instante com isso.

Não são portanto os fatos em si que impressionam a imaginação popular, mas muito mais a maneira com que eles são divulgados e apresentados. É preciso que, através de sua condensação — se eu posso me exprimir assim — eles produzam uma imagem impressionante que preencha e obceque a mente. Quem conhece a arte de impressionar a imaginação das multidões conhece também a arte de governá-las.

***

CAPÍTULO IV

As formas religiosas que assumem todas as convicções das multidões.

Sumário

Mostramos que as multidões não raciocinam, que elas admitem ou rejeitam as ideias em bloco, não suportam discussão nem contradição e que as sugestões que agem sobre elas invadem inteiramente o campo de seu entendimento e tendem logo a se transformar em atos. Mostramos que as multidões, convenientemente sugestionadas, estão prontas a se sacrificar pelo ideal que lhes é sugerido. Vimos também que elas só conhecem os sentimentos violentos e extremos, que nelas a simpatia torna-se rapidamente adoração e que, mal nascida, a antipatia se transforma em ódio. Essas indicações gerais já permitem pressentir a natureza de suas convicções.

Quando se examina de perto as convicções das multidões — tanto nas épocas de fé quanto nos grandes levantes políticos, como os do último século — constata-se que essas convicções sempre assumem uma forma especial, que eu não posso melhor determinar a não ser dando-lhe o nome de sentimento religioso.

Esse sentimento tem características muito simples: adoração a um ser supostamente superior, medo do poder mágico que este ser supostamente possui, submissão cega a seus mandamentos, impossibilidade de discutir seus dogmas, desejo de difundi-lo, tendência a considerar como inimigo todos aqueles que não o admitem. Quer um sentimento tal se aplique a uma divindade invisível, a um ídolo de pedra ou de madeira, a um herói ou a uma ideia política, no momento em que

ele apresenta as características precedentes ele é sempre de uma essência religiosa. O sobrenatural e o miraculoso nele se encontram no mesmo grau. Inconscientemente as multidões atribuem um poder misterioso à fórmula política ou à liderança vitoriosa que, no momento, as fanatiza.

Não se é religioso apenas quando se adora uma divindade, mas quando se coloca todos os recursos da mente, todas as submissões da vontade, todos os ardores do fanatismo a serviço de uma causa ou de um ser que se torna o objetivo e o guia dos pensamentos e das ações.

A intolerância e o fanatismo constituem o acompanhamento necessário de um sentimento religioso. Eles são inevitáveis naqueles que acreditam possuir o segredo da felicidade terrestre ou eterna. Estes dois traços são encontrados em todas as pessoas em grupo quando uma convicção qualquer os anima. Os jacobinos do Terror eram tão fundamentalmente religiosos quanto os católicos da Inquisição e seu cruel ardor vinha da mesma fonte.

As convicções das multidões assumem características de submissão cega, de intolerância selvagem, de necessidade de propaganda violenta que são inerentes ao sentimento religioso e é por isso que se pode dizer que todas as crenças têm uma forma religiosa. O herói que a massa aclama é verdadeiramente um deus para ela. Napoleão o foi durante quinze anos e jamais uma divindade teve mais perfeitos adoradores. Nenhum enviou mais facilmente as pessoas à morte. Os deuses do paganismo e do cristianismo jamais exerceram um império mais absoluto sobre as almas que conquistaram.

Todos os fundadores de crenças religiosas ou políticas só as fundaram porque souberam impor às multidões esses sentimentos de fanatismo que fazem com a pessoa encontre sua felicidade na adoração

e na obediência e está pronta para dar sua vida por seu ídolo. Isso foi assim em todas as épocas. Em seu belo livro sobre a Gália romana, Fustel de Coulanges destacou justamente que não foi, de maneira alguma, pela força que se manteve o império romano, mas pela admiração religiosa que ele inspirava. Ele diz, com razão: "Seria sem exemplo na história do mundo que um regime detestado pelas populações tivesse durado cinco séculos... Não se explicaria que trinta legiões do império tivessem podido coagir cem milhões de pessoas a obedecê-lo". Se eles obedeciam era porque o imperador, que personificava a grandeza romana, era adorado como uma divindade, com consentimento unânime. Nos mais distantes rincões do império o imperador tinha seus altares. "Via-se surgir naquele tempo, de um lado ao outro do império, uma religião nova que tinha por divindades os próprios imperadores. Alguns anos antes da era cristã, a Gália inteira, representada por sessenta cidades, ergueu em comum um templo, perto da cidade de Lyon, em Augusta... Seus sacerdotes, eleitos pelo conjunto das cidades gaulesas, eram os principais personagens de seu país... É impossível atribuir tudo isso ao medo e ao servilismo. Povos inteiros não são servis e não o são durante três séculos. Não eram os cortesãos que adoravam o príncipe, era Roma. Não era Roma apenas, era a Gália, era a Espanha, era a Grécia e a Ásia".

Hoje em dia, a maior parte dos conquistadores de almas não tem mais altares, mas eles têm estátuas ou imagens e o culto que lhes são prestados não tem uma diferença notável daqueles que lhes eram prestados outrora. Só se chega a compreender um pouco a filosofia da história quando se penetrou bem nesse ponto fundamental da psicologia das multidões. É preciso ser deus para elas, ou nada ser.

E não se poderia acreditar que estamos diante de superstições de uma era que a razão caçou definitivamente. Em sua luta eterna contra a razão, o sentimento jamais foi vencido. As multidões não querem mais ouvir as palavras divindade e religião, em nome das quais elas foram durante muito tempo escravizadas, mas elas jamais possuíram tantos fetiches quanto nos últimos cem anos e jamais as velhas divindades fizeram erguer para si tantas estátuas e altares. Aqueles que estudaram nos últimos anos o movimento popular conhecido com o nome de boulangismo[10] puderam ver com que facilidade os instintos religiosos das multidões estão prontos para renascerem. Não havia um albergue do interior que não possuísse a imagem do herói. Atribuía-se a ele o poder de consertar todas as injustiças, todos os males e milhares de pessoas deram sua vida por ele. Que lugar não teria ele na história se seu caráter tivesse tido força para sustentar, um pouco que fosse, sua lenda!

Assim, é de uma banalidade bem inútil repetir que é preciso uma religião para as multidões, pois todas as crenças políticas, divinas e sociais só se estabelecem nelas com a condição de assumirem sempre uma forma religiosa que as coloca ao abrigo da discussão. O ateísmo, se fosse possível fazer com que ele fosse aceito pelas multidões, teria todo o ardor intolerante de um sentimento religioso e, em suas formas exteriores, logo se tornaria um culto. A evolução da pequena seita positivista nos fornece uma prova curiosa disso. O que aconteceu a esse niilista aconteceu muito rapidamente, como nos conta a história o profundo Dostoievsky. Iluminado um dia pelas luzes da razão, ele quebrou as imagens das divindades e dos santos que ornamentavam o altar de uma capela, apagou os sírios e, sem perder um só instante, substituiu as imagens destruídas pelas obras de alguns filósofos ateus, como Büchner e Moleschott. Depois, respeitosamente, reacendeu os

sírios. O objeto de suas crenças religiosas havia se transformado, mas seus sentimentos religiosos, pode-se dizer que realmente mudaram?

Só se compreende bem, eu repito mais uma vez, alguns acontecimentos históricos — e são precisamente os mais importantes — quando se dá conta dessa forma religiosa que sempre acabam por assumir as convicções das multidões. Há fenômenos sociais que devem ser estudados muito mais por um psicólogo do que por um naturalista. Nosso grande historiador Taine só estudou a Revolução Francesa como um naturalista e foi por isso que a gênese real dos acontecimentos frequentemente lhe escapou. Ele observou perfeitamente os fatos, mas, por não ter estudado a psicologia das multidões, ele nem sempre soube remontar às causas. Tendo os fatos o assustado pelo seu lado sanguinário, anárquico e feroz, ele só viu nos heróis da grande epopeia uma horda de selvagens epiléticos se dedicando sem entraves a seus instintos. As violências da Revolução Francesa, seus massacres, sua necessidade de propaganda, suas declarações de guerra a todos os reis, só se explicam bem quando se pensa que ela foi simplesmente o estabelecimento de uma nova crença religiosa na alma das multidões. A Reforma, a Noite de São Bartolomeu, as guerras de religião, a Inquisição, o Terror, são fenômenos de ordem idêntica, realizados pelas multidões animadas por esses sentimentos religiosos que levam necessariamente a extirpar sem piedade, pelo ferro e pelo fogo, tudo o que se opõe ao estabelecimento da nova crença. Os métodos da Inquisição são aqueles de todos os verdadeiros convictos. Eles não seriam convictos se empregassem outros.

Perturbações análogas àquelas que citei só são possíveis quando as almas das multidões as faz surgirem. Os mais poderosos déspotas não poderiam desencadeá-las. Quando os historiadores nos contam que a

Noite de São Bartolomeu foi a obra de um rei, eles mostram que ignoram a psicologia das multidões tanto quanto a dos reis. Tais manifestações só podem sair das almas das multidões. O poder mais absoluto do monarca mais despótico não vai mais longe do que apressar ou retardar um pouco o momento. Não foram os reis que fizeram a Noite de São Bartolomeu, nem as guerras de religião. Muito menos foram Robespierre, Danton ou Saint-Just que fizeram o Terror. Por detrás desses acontecimentos encontram-se sempre as almas das multidões e jamais o poder dos reis.

***

LIVRO II

As opiniões e as crenças das multidões.

CAPÍTULO I

Fatores distantes das crenças e opiniões das multidões.

Sumário

Acabamos de estudar a constituição mental das multidões. Conhecemos suas maneiras de sentir, de pensar, de raciocinar. Examinemos agora como nascem e se estabelecem suas opiniões e suas crenças.

Os fatores que determinam essas opiniões e essas crenças são de duas ordens: os fatores distantes e os fatores imediatos.

Os fatores distantes tornam as multidões capazes de adotarem algumas convicções e incapazes de se deixar penetrar por outras. Elas preparam o terreno onde se vê germinar subitamente ideias novas, cuja força e resultados espantam, mas que de espontâneo só possuem a aparência. A explosão e a ação de certas ideias nas multidões apresentam algumas vezes uma espontaneidade fulgurante. Isso não passa de um efeito superficial, por detrás do qual se deve procurar todo um longo trabalho anterior.

Os fatores imediatos são aqueles que, se superpondo a esse longo trabalho, sem o qual eles não teriam efeito, provocam a persuasão ativa nas multidões, ou seja, dão forma à ideia e provocam o seu desencadeamento, com todas as suas consequências. Através desses fatores imediatos surgem as resoluções que sublevam imediatamente as coletividades; através deles explode um motim ou se decide por uma greve; através deles, maiorias enormes levam uma pessoa ao poder ou derrubam um governo.

Em todos os grandes acontecimentos da história constatamos a ação sucessiva dessas duas ordens de fatores. A Revolução Francesa — para tomar apenas um dos mais impressionantes exemplos — teve dentre esses fatores distantes os escritos dos filósofos, as exigências da nobreza, os progressos do pensamento científico. A alma das multidões, assim preparada, foi sublevada em seguida facilmente por fatores imediatos, como os discursos dos oradores e as resistências da corte às propostas de reformas insignificantes.

Dentre os fatores distantes, há aqueles gerais, que são encontrados no fundo de todas as crenças e opiniões das multidões. São eles: a cultura, as tradições, o tempo, as instituições, a educação.

Vamos estudar o papel desses diferentes fatores.

§1. A cultura.

Este fator, a cultura, deve ser colocado em primeiro lugar. Pois sua importância ultrapassa em muito a de todos os outros. Já o estudamos suficientemente em outra obra para que seja preciso nos determos muito nele. Nós mostramos, num volume precedente, o que é uma raça histórica e como, quando suas características estão formadas, ela possui, em concordância com as leis da hereditariedade, um poder tal que, suas crenças, suas instituições, suas artes, enfim, todos os elementos de sua civilização, são apenas a expressão exterior de sua alma. Mostramos que poder da cultura é tal que nenhum elemento pode ser transferido de um povo a outro sem sofrer as transformações mais profundas[11]. O meio, as circunstâncias, os acontecimentos representam as sugestões sociais do momento. Eles podem ter uma influência considerável, mas essa influência é sempre momentânea se ela for contrária às sugestões da cultura, ou seja, de toda a série de ancestrais.

Em vários capítulos deste livro teremos oportunidade mais uma vez de rever a influência da cultura e de mostrar que essa influência é tão grande que domina as características especiais da alma das multidões. É por este fato que as multidões de países diferentes apresentam em suas crenças e em seu comportamento diferenças muito consideráveis e não podem ser influenciadas da mesma maneira.

§2. As tradições.

As tradições representam as ideias, as necessidades, os sentimentos do passado. Elas são a síntese da cultura e pesam enormemente sobre nós.

As ciências biológicas foram transformadas depois que a embriologia mostrou a influência imensa do passado na evolução dos seres e as ciências históricas não o serão menos quando essa noção estiver mais difundida. Ela ainda não o está suficientemente ainda e muitos homens de Estado ainda continuam com as ideias dos teóricos do último século, que acreditavam que uma sociedade pode romper com seu passado e ser refeita em todas as suas peças tomando como guia as luzes da razão.

Um povo é um organismo criado pelo passado e que, como todo organismo, só pode se modificar através de lentas acumulações herdadas.

O que dirige as pessoas — sobretudo quando elas estão em massa — são as tradições e, como eu já repeti várias vezes, elas só mudam facilmente os nomes e as formas exteriores.

Não é de se lamentar que seja assim. Sem tradições, não há alma nacional nem civilização possíveis. Desta forma, as duas grandes ocupações do ser humano, desde que ele existe, foram: criar uma rede de tradições e depois tratar de destruí-la, quando seus efeitos benéficos estão gastos. Sem as tradições não há civilização; sem a lenta eliminação dessas tradições não há progresso. A dificuldade é encontrar

um justo equilíbrio entre a estabilidade e a variabilidade e esta dificuldade é imensa. Quando um povo deixou os costumes se fixarem muito solidamente nele durante muitas gerações ele não pode mais mudar e se torna, como a China, incapaz de aperfeiçoamento. As revoluções violentas nada podem com isso, pois acontece então que, ou os fragmentos quebrados voltam a se colar e o passado retoma sem mudança seu império ou os fragmentos permanecem dispersos e então, à anarquia, logo sucede a decadência.

Por isso, o ideal para um povo é guardar as instituições do passado, só as transformando insensivelmente e pouco a pouco. Este ideal é dificilmente acessível. Os romanos, nos tempos antigos e os ingleses, nos tempos modernos, quase que são os únicos que realizaram isso.

Os conservadores mais tenazes das ideias tradicionais e que se opõem mais obstinadamente à sua mudança, são precisamente as multidões e particularmente as categorias de multidões constituídas em castas. Eu já insisti sobre o espírito conservador das multidões e mostrei que as mais violentas revoltas só levam a uma mudança de palavras. No fim do último século, diante das igrejas destruídas, diante dos padres expulsos ou guilhotinados, diante da perseguição universal ao culto católico, podia-se acreditar que as velhas ideias religiosas tinham perdido seu poder. No entanto, alguns anos apenas haviam se passado e, diante das reclamações universais, foi preciso restabelecer o culto abolido[12].

Apagadas por um instante, as velhas tradições retomaram seu império.

Nenhum exemplo mostra melhor o poder das tradições sobre a alma das multidões. Não é nos templos que moram os ídolos mais temíveis, nem nos palácios os tiranos mais despóticos. Estes podem ser

quebrados num instante. Mas os senhores invisíveis que reinam em nossas almas escapam a todo esforço de revolta e só cedem para o lento desgaste dos séculos.

§3. O tempo.

Nos problemas sociais — como nos problemas biológicos — um dos mais enérgicos fatores é o tempo. Ele é o único verdadeiro criador e o único grande destruidor. Foi ele que fez as montanhas com os grãos de areia e elevou até à dignidade humana a obscura célula dos tempos geológicos. Basta, para transformar um fenômeno qualquer, fazer intervirem os séculos. Diz-se, com razão, que, se uma formiga tivesse o tempo necessário diante dela, ela poderia nivelar o Monte Branco. Um ser que tivesse o poder mágico de fazer variar o tempo a sua vontade, teria o poder que os crentes atribuem a Deus.

Mas vamos nos ocupar aqui apenas com a influência do tempo na gênese das opiniões das multidões. Sob este ponto de vista sua ação é ainda imensa. Ele tem sob sua dependência as grandes forças, como a cultura, que não podem se formar sem ele. Ele faz nascer, crescer e morrer todas as crenças. É por ele que elas adquirem seu poder e por ele também elas o perdem.

É principalmente o tempo que prepara as opiniões e as crenças das multidões, ou seja, o terreno sobre o qual elas germinarão. É por isso que certas ideias são realizáveis numa época e não o são em outras. É o tempo que acumula esse imenso depósito de crenças e de pensamentos, sobre o qual nascem as ideias de uma época. Elas não germinam ao acaso e aventureiramente; as raízes de cada uma delas estão mergulhadas num longo passado. Quando elas florescem, o tempo tinha preparado sua eclosão e é sempre para trás dele que é preciso remontar

para compreender sua gênese. Elas são filhas do passado, mães do futuro e sempre escravas do tempo.

O tempo é então nosso verdadeiro senhor e basta deixá-lo agir para ver todas as coisas se transformarem. Hoje, nós nos inquietamos muito com as aspirações ameaçadoras das multidões, por causa das destruições e perturbações que elas pressagiam. O tempo se encarregará de restabelecer o equilíbrio. Escreve muito justamente o Sr. Lavisse: “Nenhum regime é fundado em um dia. As organizações políticas e sociais são obras que demandam séculos. O feudalismo existiu disforme e caótico durante séculos, antes de encontrar suas regras. A monarquia viveu também durante séculos, antes de encontrar meios regulares de governo e teve grandes problemas nesses períodos de espera”.

§4. As instituições políticas e sociais.

A ideia de que as instituições podem consertar os defeitos das sociedades; que o progresso dos povos é a consequência do aperfeiçoamento das constituições e dos governos e que as mudanças sociais podem ser feitas a golpes de decretos; essa ideia, eu digo, está muito geralmente difundida ainda. A Revolução Francesa a teve como ponto de partida e as teorias sociais atuais a tomam também como seu ponto de apoio.

As experiências mais contínuas não conseguiram ainda abalar seriamente essa temível quimera. Foi em vão que filósofos e historiadores tentaram provar seu absurdo. Não lhes foi difícil, no entanto, provar que as instituições são filhas das ideias, dos sentimentos e dos costumes e que não se refaz as ideias, os sentimentos e os costumes refazendo os códigos. Um povo não escolhe suas instituições de acordo com sua vontade, da mesma forma que não escolhe a cor de seus olhos ou de seus cabelos. As instituições e os governos são o

produto da cultura. Longe de serem os criadores de uma época, eles são suas criações. Os povos não são governados como gostariam os caprichos de um momento, mas como exige seu caráter. São necessários séculos para formar um regime político e séculos para mudá-lo. As instituições não têm nenhuma virtude intrínseca; elas não são boas ou más em si mesmas. Aquelas que são boas, num dado momento para um dado povo, podem ser detestáveis para um outro.

Desta forma, não está, de maneira alguma, em poder de um povo mudar suas instituições. Ele pode, ao preço de revoluções violentas, mudar o nome dessas instituições, mas o fundo não se modifica. Os nomes são apenas etiquetas com as quais o historiador que vai um pouco ao fundo das coisas não tem que se preocupar. É por isso, por exemplo, que o mais democrático país do mundo, que é a Inglaterra[13], vive sob um regime monárquico, enquanto que os países onde reina o mais pesado despotismo são as repúblicas hispano-americanas, apesar das constituições republicanas que as regem. É o caráter dos povos e não seus governos que guiam seus destinos. É um ponto de vista que eu tentei estabelecer num livro precedente[14], me apoiando em exemplos categóricos.

É, portanto, uma tarefa bastante pueril, um inútil exercício de retórica ignorante, perder tempo fabricando todas as peças das constituições. A necessidade e o tempo se encarregam de elaborá-las, quando temos a sabedoria de deixar agir estes dois fatores. Foi o que os anglo-saxões aprenderam e é o que nos diz seu grande historiador Macaulay, numa passagem que deveriam aprender de cor os políticos de todos os países latinos. Após ter mostrado todo o bem que puderam fazer leis que pareciam, sob o ponto da razão pura, um caos de absurdos e de contradições, ele compara dezenas de constituições mortas nas

convulsões dos povos latinos da Europa e da América com a da Inglaterra e mostra que esta última só foi mudada muito lentamente, por partes, sob a influência de necessidades imediatas e jamais através de raciocínios especulativos. Diz ele:

> *Não há que se preocupar com a simetria e muito menos com a utilidade; não impedir uma anomalia unicamente porque ela é uma anomalia; jamais inovar, a não ser quando um mal-estar se fizer sentir e então inovar na justa medida para se livrar do mal-estar; jamais estabelecer uma proposição maior do que o caso particular ao qual se quer consertar; tais são as regras que, desde a era de João até a era de Vitória, guiaram de maneira geral as deliberações de nossos 250 parlamentos.*

Seria preciso tomar uma a uma as leis e as instituições de cada povo, para mostrar a que ponto elas são a expressão das necessidades desse povo e não poderiam, por esta única razão, serem violentamente transformadas. Pode-se dissertar filosoficamente, por exemplo, sobre as vantagens e os inconvenientes da centralização, mas quando vemos um povo composto por etnias diversas, dedicar mil anos de esforços para chegar progressivamente a esta centralização; quando constatamos que uma grande revolução, que tinha por objetivo quebrar todas as instituições do passado, foi forçada não apenas a respeitar essa centralização, mas exacerbá-la ainda mais, podemos dizer que ela é filha de necessidades imperiosas, uma condição mesma da existência e lamentar a pequena capacidade mental dos políticos que falam em destruí-la. Se eles pudessem, por acaso, realizar isso, a hora da vitória seria logo o sinal de uma terrível guerra civil[15] que levaria imediatamente, aliás, a uma nova centralização muito mais pesada do que a antiga.

Concluímos, do que foi exposto, que não é nas instituições que é preciso procurar os meios de agir profundamente sobre a alma das multidões e quando vemos alguns países, como os Estados Unidos, chegarem a um alto grau de prosperidade com instituições democráticas, enquanto que vemos outros, como as repúblicas hispano-americanas, viverem na mais triste anarquia, apesar das instituições absolutamente semelhantes, dizemos bem que essas instituições são tão estranhas à grandeza de uns quanto à decadência dos outros. Os povos são governados por seu caráter e todas as instituições que não são intimamente moldadas sobre esse caráter representam apenas uma vestimenta emprestada, um disfarce transitório. Certamente que guerras sangrentas e revoluções violentas foram feitas e ainda se farão, para impor instituições às quais são atribuídas, como às relíquias dos santos, o poder sobrenatural de criar a felicidade. Poder-se-ia então dizer que, num certo sentido, as instituições agem sobre a alma das multidões, pois elas produzem tais levantes. Mas, na realidade, não são as instituições que agem então, pois sabemos que, triunfantes ou fracassadas, elas não possuem em si nenhuma virtude. O que agiu sobre a alma das multidões foram ilusões e palavras. Palavras, principalmente; palavras quiméricas e poderosas, cujo espantoso império logo mostraremos.

§5. A instrução e a educação.

No primeiro lugar dessas ideias dominantes de uma época, cujo pequeno número e força já mostramos, mesmo que às vezes elas sejam ilusões puras, se encontra hoje em dia esta: que a instrução seja capaz de mudar consideravelmente as pessoas e tem, como resultado certo, melhorá-las e até mesmo torná-las iguais. Apenas por causa de sua repetição esta afirmação acabou por se tornar um dos dogmas mais

inabaláveis da democracia. Seria tão difícil tocar nele agora quanto foi outrora tocar nos dogmas da Igreja.

Mas, sobre este ponto, bem como sobre outros, as ideias democráticas estão em profundo desacordo com os dados fornecidos pela psicologia e a experiência. Vários filósofos ilustres — Herbert Spencer, entre outros — não tiveram dificuldade em mostrar que a instrução não torna a pessoa mais moral, nem mais feliz; que ela não muda seus instintos e paixões herdadas; que ela é, às vezes — por pouco que ela seja mal conduzida — muito mais perniciosa do que útil. As estatísticas vieram confirmar essas visões ao nos dizer que a criminalidade aumenta com a generalização da instrução, ou, pelo menos, de uma certa instrução; que os piores inimigos da sociedade — os anarquistas — são recrutados frequentemente dentre os diplomados das escolas e, num trabalho recente, um magistrado conhecido, o Sr. Adolphe Guillot, destacou que conta-se agora com 3.000 criminosos letrados contra 1.000 iletrados e que, em cinquenta anos, a criminalidade passou de 227 em 400.000 habitantes para 552, ou seja, um aumento de 133%. Ele notou igualmente, como todos os seus colegas, que a criminalidade aumenta sobretudo entre os jovens para os quais a escola gratuita e obrigatória, como se sabe, substituiu o trabalho.

Não é, certamente — e ninguém sustentou isso — que a instrução bem dirigida não possa dar resultados práticos muito úteis, se não for para elevar a moralidade, pelo menos para desenvolver as capacidades profissionais. Infelizmente os povos latinos, sobretudo nos últimos vinte e cinco anos, basearam seus sistemas de instrução sobre princípios muito errôneos e, apesar das observações das mentes mais ilustres, eles persistem em seus lamentáveis erros. Eu mesmo, em diversos livros[16], mostrei que nossa educação atual transforma em inimigos da sociedade

a maior parte daqueles que a receberam e fornece numerosos discípulos para as piores formas de socialismo.

O que constitui o primeiro perigo dessa educação — muito justamente qualificada de latina — é que ela repousa sobre o erro psicológico fundamental que diz que é decorando manuais que se desenvolve a inteligência. Desta forma, trata-se de aprender o máximo possível e, da escola primária ao doutorado, o jovem só faz decorar livros, sem que sua capacidade de raciocínio e sua iniciativa sejam jamais exercitadas. A instrução para ele consiste em recitar e obedecer. Escreve um ex-ministro da instrução pública:

> *Aprender lições, saber de cor uma gramática ou um sumário, bem repetir, bem imitar; eis aqui uma agradável educação, onde todo esforço é um ato de fé diante da infalibilidade do mestre e que só nos leva a diminuir e nos tornar impotentes.*

Se essa educação fosse apenas inútil, poder-se-ia se limitar a lamentar pelas infelizes crianças às quais, ao invés de tantas coisas necessárias para se aprender na escola primária, prefere-se ensinar a genealogia dos filhos de Clotário, as lutas da Nêustria e da Austrásia, ou as classificações zoológicas; mas ela apresenta um perigo muito mais sério. Ela dá àquele que a recebe um desgosto violento pela condição em que ele nasceu e um intenso desejo de sair dela. O trabalhador não quer mais continuar trabalhador, o agricultor não quer mais ser agricultor e o último dos burgueses não vê para seus filhos outra carreira possível que não sejam as funções assalariadas pelo Estado. Ao invés de preparar as pessoas para a vida, a escola só as prepara para as funções públicas, onde se pode ter sucesso sem muito esforço e sem precisar manifestar nenhum lampejo de iniciativa. Embaixo da escala ela cria exércitos de proletários descontentes com sua sorte e sempre prontos

para a revolta; acima, nossa burguesia frívola, ao mesmo tempo cética e crédula, que possui uma confiança supersticiosa no Estado-Providência, que, no entanto, ela critica sem parar, sempre atribuindo ao governo seus próprios erros e incapaz de empreender qualquer coisa sem a intervenção da autoridade.

O Estado, que fabrica a golpes de manuais todos esses diplomados, só pode utilizar um pequeno número deles e deixa forçosamente sem emprego os outros. É preciso então se conformar em sustentar os primeiros e ter os segundos como inimigos. De alto a baixo na pirâmide social, do simples escriturário ao professor e ao prefeito, a massa imensa dos diplomados assedia hoje as carreiras públicas. Enquanto um negociante dificilmente encontra um agente para representá-lo nas colônias, milhares de candidatos solicitam os mais modestos cargos públicos. Só o Departamento do Sena conta com 20.000 professores e professoras sem emprego e que, desprezando os campos e as oficinas, dirigem-se ao Estado para sobreviver. Sendo restrito o número dos eleitos, o dos descontentes é forçosamente imenso. Estes últimos estão prontos para todas as revoluções, quaisquer que sejam os líderes delas e qualquer que seja o objetivo que elas persigam. A aquisição de conhecimentos que não se pode empregar é um meio certeiro de fazer da pessoa uma revoltada[17].

É, evidentemente, muito tarde para estancar uma corrente tal. Apenas a experiência, última educadora dos povos, se encarregará de nos mostrar nosso erro. Só ela será suficientemente poderosa para provar a necessidade de substituir nossos odiosos manuais, nossos lamentáveis concursos por uma instrução profissional capaz de conduzir a juventude aos campos, às oficinas, às empresas coloniais, dos quais ela hoje procura fugir a todo custo.

Essa instrução profissional que todas as mentes esclarecidas reclamam agora foi aquela que outrora receberam nossos pais e que os povos que dominam hoje o mundo, por sua vontade, sua iniciativa, seu espírito empreendedor, souberam conservar. Em páginas memoráveis, cujas partes mais essenciais eu reproduzirei mais adiante, um grande pensador — o Sr. Taine — mostrou nitidamente que nossa educação de outrora era quase o que é a educação inglesa ou americana de hoje e, num memorável paralelo entre o sistema latino e o sistema anglo-saxão, ele mostrou claramente as consequências dos dois métodos.

Consentir-se-ia talvez, com extremo rigor, em aceitar ainda todos os inconvenientes de nossa educação clássica, mesmo que ela produzisse tantos desclassificados e descontentes, se a aquisição superficial de tantos conhecimentos, a recitação perfeita de tantos manuais, elevasse o nível da inteligência. Mas ela o eleva realmente? Não, de maneira alguma! É o raciocínio, a experiência, a iniciativa, o caráter que são as condições de sucesso na vida e isso não é dado pelos livros. Os livros são dicionários úteis para se consultar, mas que é perfeitamente inútil ter longos fragmentos na cabeça.

Como a instrução profissional pode desenvolver a inteligência, numa medida que escapa completamente à instrução clássica é o que mostra muito bem o Sr. Taine:

> *As ideias só se formam em seu meio natural e normal. O que faz com que elas germinem são as inumeráveis impressões sensíveis que o jovem recebe todos os dias na oficina, na mina, no tribunal, no estudo, no estaleiro, no hospital, no espetáculo das máquinas, dos materiais e das operações; em presença dos clientes, dos trabalhadores, do trabalho, da obra bem ou mal feita, dispendiosa ou lucrativa. Eis as pequenas percepções particulares dos olhos, das orelhas, das mãos e até mesmo dos odores, que, involuntariamente recebidas e surdamente elaboradas, se organizam nele para lhe sugerir, cedo ou tarde,*

uma combinação nova, simplificação, economia, aperfeiçoamento ou invenção. De todos esses contatos preciosos, de todos esses elementos assimiláveis e indispensáveis, o jovem francês está privado e justamente durante a idade fecunda — sete ou oito anos — ele está sequestrado numa escola, longe da experiência direta e ninguém lhe terá dado a noção exata e viva das coisas, das pessoas e das diversas maneiras de utilizá-las.
... Pelo menos nove em dez perderam seu tempo e seu esforço, vários anos de sua vida e anos eficazes, importantes ou mesmo decisivos. Conte primeiro com a metade ou dois terços daqueles que se apresentam ao exame, eu quero dizer os recusados em seguida, dentre os admitidos, graduados, licenciados e diplomados, ainda a metade ou dois terços, eu quero dizer os sobrecarregados. Exigiu-se muito deles ao exigir que num tal dia, numa cadeira ou diante de um quadro, eles fossem, durante duas horas e para um grupo de ciências, repertórios vivos de todo conhecimento humano. Com efeito, eles foram isso, ou quase, nesse dia, durante duas horas; mas, um mês mais tarde, eles já não o são mais. Eles não poderiam passar novamente pelo exame; suas aquisições, muito numerosas e muito pesadas, deslizam incessantemente para fora de suas mentes e eles não podem fazer novas e, frequentemente ele é uma pessoa acabada. Este, estabelecido, casado, conformado a girar em círculos e indefinidamente no mesmo círculo, se ajeita em seu escritório pequeno; ele o completa totalmente, nada além. Tal é o rendimento médio; certamente a receita não equilibra a despesa. Na Inglaterra e na América, onde — como na França antes de 1789 — se emprega o processo inverso, o rendimento obtido é igual ou superior.

O ilustre historiador nos mostra em seguida a diferença de nosso sistema com o dos anglo-saxões. Estes últimos não possuem nossas inumeráveis escolas especiais; neles, o ensino não é fornecido pelo livro, mas pela própria coisa. O engenheiro, por exemplo, se forma numa oficina e jamais numa escola, o que permite a cada um chegar exatamente ao grau que comporta sua inteligência: trabalhador ou

contramestre, se ele não pode ir mais longe; engenheiro, se suas aptidões o levam a isso. Isto é um processo democrático e útil para a sociedade de uma forma bem diferente do que fazer depender toda a carreira de um indivíduo de um concurso de algumas horas, sofrido aos dezoito ou vinte anos.

> *No hospital, na mina, na fábrica, na construção civil, na justiça, o aluno, admitido muito jovem, faz seu aprendizado e seu estágio, quase como entre nós um clérigo em seu estudo ou um aprendiz em sua oficina. Como preparatório e antes de entrar ele pôde seguir algum curso geral e sumário, a fim de ter um quadro pronto para nele encaixar as observações que a toda hora ele vai fazer. No entanto, na sua área, há, na maioria das vezes, alguns cursos técnicos que ele poderá fazer em suas horas livres, a fim de coordenar progressivamente as experiências que ele faz. Sob um regime tal, a capacidade prática cresce e se desenvolve por si só, até o grau que comportam as faculdades do aluno e na direção requerida por sua tarefa futura e para o objetivo especial que desde o início ele quer se adaptar. Desta maneira, na Inglaterra e nos Estados Unidos, o jovem consegue rapidamente tirar dele mesmo tudo o que ele contém. Desde os vinte e cinco anos e até mais cedo, se a substância e a base não lhe faltam, ele é, não apenas um executante útil, mas também um empreendedor espontâneo, não apenas uma engrenagem, mas, acima de tudo, um motor. Na França, onde o processo inverso prevaleceu e a cada geração torna-se mais chinês, o total das forças perdidas é enorme.*

E o grande filósofo chega à seguinte conclusão sobre a inconveniência crescente de nossa educação latina e da vida:

> *Nas três etapas da instrução — para a infância, a adolescência e a juventude — a preparação teórica e escolar nos bancos e através dos livros se prolongou e se sobrecarregou, em vista dos exames, da graduação, do diploma e do licenciamento. Em vista disso somente e pelos piores meios. Pela aplicação de um regime*

antinatural e antissocial, pelo atraso excessivo do aprendizado prático, pelo internato, pelo treinamento artificial e a absorção mecânica. Pelo cansaço, sem consideração pelo tempo que se seguirá, pela idade adulta e os ofícios viris que o homem feito exercerá. Pela abstração feita do mundo real onde o jovem em pouco tempo vai cair. Pela sociedade ambiente na qual ele precisará se adaptar ou se conformar antecipadamente com o conflito humano onde, para se defender e se manter de pé, ele deve ser, antecipadamente equipado, armado, treinado, endurecido. Este equipamento indispensável, essa aquisição mais importante do que todas as outras, essa solidificação do bom senso, da vontade e dos nervos, nossas escolas não lhe fornecem. Muito pelo contrário, longe de qualificá-lo, elas o desqualificam para sua condição próxima e definitiva. Portanto, sua entrada no mundo e seus primeiros passos no campo da ação prática não passam, na maioria das vezes, de uma sucessão de quedas dolorosas. Ele permanece por muito tempo em casa, mortificado, magoado e às vezes incapacitado. É uma rude e perigosa prova. O equilíbrio moral se altera nele e ele corre o risco de não se restabelecer. A desilusão vem, muito brusca e bastante completa. As decepções foram muito grandes e os desgostos muito fortes[18].

Nós nos distanciamos, acima, da psicologia das multidões? Não, de maneira alguma. Se queremos compreender as ideias e as crenças que germinam nela hoje em dia e que eclodirão amanhã, é preciso saber como o terreno foi preparado. O ensino dado à juventude de um país permite saber o que será esse país um dia. A educação dada à geração atual justifica as previsões mais sombrias. É, em parte, com a instrução e a educação que se melhora ou se altera a alma das multidões. Foi, portanto, necessário mostrar como o sistema atual a moldou e como a massa dos indiferentes e dos neutros tornou-se progressivamente um imenso exército de descontentes, prontos para obedecer a todas as sugestões dos utópicos e dos demagogos. É na escola que se formam

hoje os descontentes e os anarquistas e que se preparam para os povos latinos as horas próximas da decadência.

***

CAPÍTULO II

Os fatores imediatos das opiniões das multidões.

Sumário

Acabamos de estudar os fatores distantes e preparatórios que dão à alma das multidões uma receptividade especial que tornam possível nela a eclosão de certos sentimentos e de certas ideias. Resta-nos estudar agora os fatores capazes de agir de uma maneira imediata. Veremos, num próximo capítulo, como devem ser manejados esses fatores para que eles possam produzir todos os seus efeitos.

Na primeira parte deste livro estudamos os sentimentos, as ideias e os raciocínios das coletividades e desse conhecimento poder-se-ia, evidentemente, deduzir, de uma maneira geral, os meio de impressionar sua alma. Já sabemos o que impressiona a imaginação das multidões e o poder e o contágio das sugestões, sobretudo aquelas que se apresentam sob a forma de imagens. Mas as sugestões podem ser de origens muito diversas e os fatores capazes de agir sobre as almas das multidões podem ser bem diferentes. É então necessário examiná-los separadamente. Este não é um estudo inútil. As multidões são um pouco como a esfinge da fábula antiga; é preciso saber resolver os problemas que sua psicologia nos coloca ou se conformar em ser devorado por elas.

§1. As imagens, as palavras e as fórmulas.

Estudando a imaginação das multidões, vimos que ela é impressionada sobretudo por imagens. Essas imagens nem sempre estão disponíveis, mas é possível evocá-las com o emprego criterioso das

palavras e das fórmulas. Manejadas com arte, elas possuem realmente o poder misterioso que lhes eram atribuídas outrora pelos adeptos da magia. Elas fazem nascer nas almas das multidões as mais formidáveis tempestades e sabem também acalmá-las. Erguer-se-ia uma pirâmide muito mais alta do que aquela do velho Quéops apenas com os ossos das pessoas vítimas do poder das palavras e das fórmulas.

O poder das palavras está ligado às imagens que elas evocam e é completamente independente de seu significado real. São às vezes aquelas cujo sentido é o mais mal definido que possuem mais ação. Como, por exemplo, os termos democracia, socialismo, igualdade, liberdade etc. cujos sentidos são tão vagos que grossos volumes não bastam para precisá-los. E, no entanto, é certo que um poder realmente mágico emana de suas breves sílabas, como se elas contivessem a solução de todos os problemas. Elas sintetizam as aspirações inconscientes mais diversas e a esperança de sua realização.

A razão e os argumentos não conseguiriam luta contra certas palavras e certas fórmulas. Elas são pronunciadas com veneração diante das multidões e assim que elas são pronunciadas os rostos se tornam respeitosos e as frontes se inclinam. Muitos as consideram como forças da natureza, das potências sobrenaturais. Elas evocam, nas almas, imagens grandiosas e vagas, mas é mesmo este contorno indefinido que aumenta seu misterioso poder. Pode-se compará-las a essas divindades temíveis, escondidas por detrás de tabernáculos, das quais o devoto só se aproxima tremendo.

Sendo as imagens evocadas pelas palavras independentes de seu sentido, elas variam de era para era, de povo para povo, sob a identidade das fórmulas. A certas palavras se ligam transitoriamente certas

imagens; a palavra não passa do botão de chamada que as faz aparecerem.

Nem todas as palavras e nem todas as fórmulas possuem o poder de evocar imagens; é que, após serem evocadas, elas se desgastam e não despertam mais nada na mente. Elas se tornam então sons inúteis, cuja utilidade principal é dispensar aqueles que as empregam da obrigação de pensar. Com um pequeno estoque de fórmulas e de lugares-comuns aprendidos na juventude, possuímos tudo o que é preciso para atravessar a vida, sem a fatigante necessidade de ter que refletir sobre o que quer que seja.

Se considerarmos uma língua determinada, vemos que as palavras que a compõem mudam muito lentamente no curso das eras; mas o que muda sem parar são as imagens que elas evocam ou o sentido que se atribui a elas. É por isso que eu cheguei, num outro livro, à seguinte conclusão: a tradução completa de uma língua, sobretudo quando se trata de povos mortos, é uma coisa totalmente impossível. O que fazemos, na realidade, quando substituímos um termo latino, grego ou sânscrito por um termo francês, ou até mesmo quando procuramos compreender um livro escrito em nossa língua há dois ou três séculos? Substituímos simplesmente por imagens e ideias que a vida moderna colocou em nossa inteligência as noções e imagens absolutamente diferentes que a vida antiga tinha feito nascer na alma de povos submetidos a condições de existência sem analogia com as nossas. Quando as pessoas da Revolução Francesa acreditavam copiar os gregos e os romanos, o que eles faziam se não era dar a palavras antigas um sentido que elas jamais tiveram? Que semelhanças poderiam existir entre as instituições dos gregos e aquelas que designam em nossos dias as palavras correspondentes? O que era então a república, se não uma

instituição essencialmente aristocrática, formada por uma reunião de pequenos déspotas que dominavam uma massa de escravos mantidos na mais absoluta sujeição? Essas aristocracias comunais, baseadas na escravidão, não poderiam existir um instante sem ela.

E a palavra liberdade; o que poderia significar de semelhante ao que compreendemos hoje, numa época em que a possibilidade da liberdade de pensar não era nem mesmo suspeitada e em que não havia penalidade maior e mais rara do que discutir os deuses, as leis e os costumes da cidade? Uma palavra como pátria; o que significava na alma de um ateniense ou de um espartano, se não era o culto de Atenas ou de Esparta e, de maneira alguma, o da Grécia, composta de cidades rivais e sempre em guerra. A mesma palavra pátria; que sentido ela tinha entre os antigos gauleses, divididos em tribos rivais, com etnias, línguas e religiões diferentes, que César venceu facilmente porque ele sempre tinha aliados entre eles? Apenas Roma deu à Gália uma pátria, ao lhe dar a unidade política e religiosa. Até mesmo sem ir tão longe e recuando dois séculos apenas; é de se acreditar que a mesma palavra pátria era concebida como hoje, por príncipes franceses como o grande Condé, que se aliou a um estrangeiro contra seu soberano? E a mesma palavra ainda; não tinha ela um sentido bem diferente do sentido moderno, para os emigrados, que acreditavam obedecer às leis da honra ao combaterem a França e que, sob seu ponto de vista, a obedeciam realmente, pois a lei feudal ligava o vassalo ao senhor e não à terra e, onde estava o soberano, lá estava a verdadeira pátria?

Numerosas são as palavras que mudaram profundamente o sentido de era para era e que só podemos chegar a compreender como eram compreendidas outrora, após um longo esforço. Diz-se com razão que é preciso muita leitura para chegar apenas a conceber o que significavam

para nossos tataravôs palavras como rei e família real. Como seriam então para termos mais complexos ainda?

As palavras só possuem, portanto, significados móveis e transitórios, cambiantes de era para era e de povo para povo e, quando queremos agir, através delas, sobre a massa, o que se precisa saber é o sentido que elas têm para ela num dado momento e não aquele que elas tiveram outrora ou que elas podem ter para indivíduos de constituição mental diferente.

Desta forma, quando as multidões acabaram — após convulsões políticas e mudanças de crenças — por adquirir uma antipatia profunda pelas imagens evocadas por certas palavras, o primeiro dever do homem de Estado verdadeiro é mudar as palavras sem, bem entendido, tocar propriamente nas coisas; sendo estas últimas muito ligadas a uma constituição herdada para que possam ser transformadas. O judicioso Tocqueville destacou, há muito tempo, que o trabalho do Consulado e do Império consistiu sobretudo em vestir com palavras novas a maior parte das instituições do passado, ou seja, substituir palavras que evocavam falsas imagens na imaginação das multidões por outras palavras, cuja novidade impedia tais evocações. O talho tornou-se contribuição fundiária; a gabela, imposto sobre o sal; as ajudas — contribuições indiretas e diretas — foram reunidas na taxa de soberanias e ofícios que foi chamada de patente etc.

Uma das funções mais essenciais dos homens de Estado consiste então em batizar, com palavras populares, ou pelo menos neutras, as coisas que as multidões não podem suportar com seus antigos nomes. O poder das palavras é tão grande que basta designar por termos bem escolhidos as coisas mais odiosas para fazer com que elas sejam aceitas pelas multidões. Taine destaca justamente que foi por invocarem a

liberdade e a fraternidade — palavras muito populares naquela época — que os jacobinos puderam “instalar um despotismo digno do Daomé, um tribunal como aquele da Inquisição, hecatombes humanas semelhantes àquelas do antigo México”. A arte dos governantes, como a dos advogados, consiste sobretudo em saber manejar as palavras. Uma das grandes dificuldades dessa arte está em que, numa mesma sociedade, as mesmas palavras têm, na maioria das vezes, sentidos bem diferentes para as diversas camadas sociais. Elas empregam, em aparência, as mesmas palavras; mas elas não falam jamais a mesma língua.

Nos exemplos precedentes fizemos intervir sobretudo o tempo como principal fator de mudança do sentido das palavras. Mas se fizéssemos também intervir a etnia, veríamos então que, numa mesma época, em povos igualmente civilizados, mas de etnias diferentes, às mesmas palavras correspondem geralmente ideias extremamente diferentes. É impossível compreender essas diferenças sem numerosas viagens e é por isso que eu não poderia insistir muito nisso. Eu me limitarei a destacar que são precisamente as palavras mais empregadas pelas multidões que, de um povo a outro, possuem os mais diferentes sentidos. Como são, por exemplo, as palavras democracia e socialismo, de um uso tão frequente hoje em dia.

Elas correspondem, na realidade, a ideias e imagens totalmente opostas nas almas latinas e nas almas anglo-saxãs. Entre os latinos a palavra democracia significa sobretudo a inibição da vontade e da iniciativa do indivíduo diante da comunidade representada pelo Estado. É o Estado que é encarregado cada vez mais de dirigir tudo, de centralizar, de monopolizar e de tudo fabricar. É a ele que todos os partidos, sem exceção — radicais, socialistas ou monarquistas — fazem

constantemente apelo. Entre os anglo-saxões — os da América, particularmente — a mesma palavra democracia significa, pelo contrário, o desenvolvimento intenso da vontade e do indivíduo; a inibição a mais completa possível do Estado, ao qual — fora a polícia, o exército e as relações diplomáticas — não se deixa dirigir nada, nem mesmo a instrução. Portanto, a mesma palavra, que significa em um povo o apagamento da vontade e da iniciativa individual e a preponderância do Estado, significa em um outro o desenvolvimento excessivo dessa vontade, dessa iniciativa e o apagamento completo do Estado[19]; ou seja, possui um sentido absolutamente contrário.

§2. As ilusões.

Desde a aurora das civilizações as multidões sofreram a influência das ilusões. Foi aos criadores de ilusões que elas ergueram mais templos, estátuas e altares. Ilusões religiosas outrora; ilusões filosóficas e sociais agora. Sempre se encontra essas formidáveis soberanas à frente de todas as civilizações que sucessivamente floresceram em nosso planeta. Foi em seu nome que foram edificados os templos da Caldeia ao Egito; os edifícios religiosos da Idade Média; que a Europa inteira foi sacudida há um século e não há uma só de nossas concepções artísticas, políticas ou sociais que não receba sua poderosa marca. A humanidade os derruba às vezes, ao preço de convulsões pavorosas, mas ela parece condenada a reerguê-los sempre. Sem elas a humanidade não poderia ter saído da barbárie primitiva e sem elas ela logo recairia nela. São sombras inúteis, sem dúvida; mas essas filhas de nossos sonhos obrigaram os povos a criar tudo o que faz o esplendor das artes e a grandeza das civilizações.

Escreve um autor que resume nossas doutrinas:

> *Se destruíssemos nos museus e nas bibliotecas e se fizéssemos desmoronar sobre os pisos dos adros, todas as obras e todos os monumentos de arte que inspiraram as religiões, o que restaria dos sonhos humanos? Dar às pessoas a parte de esperança e de ilusões sem a qual elas não podem existir, tal é a razão de ser dos deuses, dos heróis e dos poetas.*
> *Durante cinquenta anos a ciência pareceu assumir essa tarefa. Mas o que a comprometeu com os corações esfomeados por ideais foi que ela não ousa prometer tanto e ela não sabe mentir tanto.*

Os filósofos do último século se dedicaram com fervor a destruir as ilusões religiosas, políticas e sociais com as quais, durante longos séculos, nossos pais viveram. Destruindo-as eles secaram as fontes de esperança e de resignação. Por detrás das quimeras imoladas eles encontraram as forças cegas e surdas da natureza. Inexoráveis com a fraqueza, elas não conhecem a piedade.

Com todos os seus progressos a filosofia não pôde ainda oferecer às multidões nenhum ideal que possa encantá-las; mas, como elas precisam de ilusões a qualquer preço, elas se dirigem instintivamente, como o inseto à luz, rumo aos demagogos que as fornecem. O grande fator de evolução dos povos jamais foi a verdade, mas, muito mais o erro. E se o socialismo é tão poderoso hoje em dia é porque ele constitui a única ilusão que ainda está viva. Apesar de todas as demonstrações científicas, ele continua a crescer. Sua principal força é ser defendido por mentes que ignoram suficientemente as realidades das coisas para ousar prometer corajosamente a felicidade às pessoas. A ilusão social reina hoje em dia sobre todas as ruínas amontoadas do passado e o futuro lhe pertence. As multidões jamais tiveram sede de verdades. Diante das evidências que lhes desagradam, elas as contornam e

preferem deificar o erro, se o erro as seduz. Quem sabe iludi-las é facilmente seu senhor; quem tenta desiludi-las é sempre sua vítima.

§3. A experiência.

A experiência é quase o único processo eficaz para estabelecer solidamente uma verdade na alma das multidões e destruir as ilusões que se tornaram muito perigosas. É necessário ainda que a experiência seja realizada numa escala muito grande e repetida muitas vezes. As experiências feitas por uma geração são geralmente inúteis para a seguinte e é por isso que os fatos históricos invocados como elementos de demonstração não servem. Sua única utilidade é provar a que ponto as experiências devem ser repetidas de era em era para exercer alguma influência e conseguir somente abalar um erro, quando ele está solidamente implantado na alma das multidões.

Nosso século e o precedente serão citados sem dúvida por historiadores do futuro como uma era de curiosas experiências. Em nenhuma era se tentou tanto.

A mais gigantesca dessas experiências foi a Revolução Francesa. Para descobrir que não se refaz uma sociedade em todas as suas peças seguindo as indicações da razão pura, foi preciso massacrar vários milhares de pessoas e perturbar a Europa inteira durante vinte anos. Para nos provar experimentalmente que os césares custam caro aos povos que os aclamam, foram necessárias duas ruinosas experiências em cinquenta anos e, apesar de sua clareza, parece que elas não foram suficientemente convincentes. A primeira custou, no entanto, três milhões de pessoas e uma invasão; a segunda, um desmembramento e a necessidade de exércitos permanentes. Uma terceira quase foi tentada há não muito tempo e o será certamente um dia. Para fazer com que todo um povo admitisse que o imenso exército alemão não era, como se dizia

antes de 1870, uma guarda nacional inofensiva[20], foi preciso a formidável guerra que nos custou tão caro. Para reconhecer que o protecionismo arruína os povos que o aceitam, serão necessários pelo menos vinte anos de desastrosas experiências. Poder-se-ia multiplicar indefinidamente esses exemplos.

§4. A razão.

Na enumeração dos fatores capazes de impressionar a alma das multidões, poder-se-ia se dispensar inteiramente de mencionar a razão, se não fosse necessário indicar o valor negativo de sua influência.

Já mostramos que as multidões não são influenciáveis por argumentos racionais e só compreendem grosseiras associações de ideias. Também é a seus sentimentos e jamais à sua razão que fazem apelo os oradores que sabem impressioná-las. As leis da lógica não têm nenhuma ação sobre elas[21]. Para convencer as multidões, é preciso primeiro levar em conta os sentimentos que as animam, fingir compartilhá-los, depois tentar modificá-los provocando, por meio de associações rudimentares, certas imagens bem sugestivas; saber retornar, se for necessário, sobre seus passos; sobretudo adivinhar, a cada instante, os sentimentos que nascem. Essa necessidade de variar sem parar sua linguagem de acordo com o efeito produzido no instante em que se fala supera em muito todo discurso estudado e preparado. No discurso preparado com antecedência o orador segue seu pensamento e não o de seus ouvintes e, por este único fato, sua influência se tornar perfeitamente nula.

As mentes lógicas, habituadas a serem convencidas por cadeias de argumentos um pouco fechadas, não podem se impedir de recorrer a esse modo de persuasão quando se dirigem às multidões e a falta de

efeitos de seus argumentos sempre os surpreende. Escreve um lógico: "As consequências matemáticas usuais fundamentadas sobre o silogismo, ou seja, sobre associações de identidades, são necessárias... A necessidade forçaria a concordância, mesmo de uma massa inorgânica, se ela fosse capaz de seguir associações de identidades". Sem dúvida; mas a massa não é mais capaz do que a massa inorgânica de segui-las, nem mesmo de ouvi-las. Que se tente convencer, através de argumentos lógicos, mentes primitivas, selvagens ou crianças, por exemplo e dar-se-á conta do pequeno valor que possui esse modo de argumentação.

Não há necessidade de descer até os seres primitivos para ver a completa impotência dos argumentos lógicos quando eles têm que lutar contra sentimentos. Lembremos simplesmente o quanto foram tenazes, durante longos séculos, as superstições religiosas, contrárias à mais simples lógica. Durante quase dois mil anos os mais luminosos gênios se curvaram às suas leis e foi preciso que os tempos modernos chegassem para que sua veracidade pudesse ser somente contestada. A Idade Média e a Renascença possuíram muitos homens esclarecidos; elas não possuíram um só ao qual o raciocínio lógico tivesse mostrado os lados infantis de suas superstições e feito nascer uma pequena dúvida sobre os malfeitos do diabo ou sobre a necessidade de se queimar as bruxas.

É de se lamentar que jamais seja a razão que guie as multidões? Não ousaríamos dizê-lo. A razão humana não teria conseguido, sem dúvida, conduzir a humanidade nas vias da civilização com o ardor e a coragem com que suas quimeras o fizeram. Filhas do inconsciente que nos guia, essas quimeras eram, sem dúvida, necessárias. Cada povo traz em sua constituição mental as leis de seus destinos e são talvez a essas

leis que ele obedece com um indestrutível instinto, mesmo em seus impulsos, aparentemente, os mais irracionais. Às vezes parece que os povos são submetidos a forças secretas análogas àquelas que obrigam a glande a se transformar em carvalho ou o cometa a seguir sua órbita.

O pouco que podemos pressentir dessas forças deve ser buscado na marcha geral da evolução de um povo e não nos fatos isolados de onde essa evolução às vezes parece surgir. Se considerássemos apenas esses fatos isolados a história pareceria regida por inverossímeis acasos. Seria inverossímil que um ignorante carpinteiro da Galileia pudesse se tornar, em dois mil anos, um deus todo-poderoso, em nome do qual foram fundadas as mais importantes civilizações. Inverossímil também que alguns bandos de árabes saídos de seus desertos pudessem conquistar a maior parte do velho mundo greco-romano e fundar um império maior do que o de Alexandre. Inverossímil ainda que, numa Europa muito velha e muito hierarquizada, um obscuro tenente de artilharia pudesse reinar sobre uma massa de povos e de reis.

Deixemos então a razão para os filósofos, mas não lhe peçamos muito que intervenha no governo das pessoas. Não é com a razão — e o mais frequente é apesar dela — que são criados sentimentos como a honra, a abnegação, a fé religiosa, o amor pela glória e pela pátria, que foram até aqui os grandes propulsores de todas as civilizações.

***

CAPÍTULO III

Os líderes das multidões e seus meios de persuasão.

Sumário

A constituição mental das multidões é agora conhecida e sabemos também quais são os motivadores capazes de impressionar sua alma. Resta-nos pesquisar como devem ser aplicados esses motivadores e porque eles podem ser utilmente postos em ação.

§1. Os líderes das multidões.

Assim que um certo número de seres vivos está reunido — quer se trate de uma tropa de animais ou de uma massa de pessoas — eles se colocam instintivamente sob a autoridade de um líder.

Nas multidões humanas o líder real não passa geralmente de um condutor, mas, como tal, ele desempenha um papel considerável. Sua vontade é o núcleo ao redor do qual se formam e se identificam as opiniões. Ele constitui o primeiro elemento de organização das multidões heterogêneas e prepara sua organização em seitas. Nesse meio tempo, ele as dirige. A massa é uma tropa servil que jamais conseguiria passar sem um mestre.

O líder foi, primeiramente e geralmente, um liderado. Ele mesmo foi hipnotizado pela ideia da qual, em seguida, ele se tornou um apóstolo. Ela o invadiu a ponto de tudo desaparecer ao redor dela e a ponto de toda opinião contrária a ela lhe parecer um erro e uma superstição. Foi o caso, por exemplo, de Robespierre, que, hipnotizado pelas ideias filosóficas de Rousseau, empregou os procedimentos da Inquisição para propagá-las.

Os líderes não são geralmente pessoas de pensamento, mas de ação. Eles são pouco previdentes e não poderiam sê-lo, já que a previdência geralmente leva à dúvida e à inação. Eles são recrutados sobretudo dentre esses nervosos, esses excitados, esses semi-alienados que estão às margens da loucura. Qualquer que possa ser a ideia que eles defendam ou o objetivo que eles persigam, todo argumento racional se apaga contra sua convicção. O desprezo ou as perseguições não os tocam, ou só fazem excitá-los mais. Interesse pessoal, família, tudo é sacrificado. Até mesmo o instinto de conservação é anulado neles, a ponto de a única recompensa que eles solicitam geralmente é se tornarem mártires. A intensidade de sua fé dá a suas palavras um grande poder sugestivo. A multidão está sempre pronta para escutar a pessoa dotada de vontade forte que sabe se impor a ela. As pessoas reunidas em massa perdem toda vontade e se voltam instintivamente em direção a quem a possui.

Líderes para os povos jamais faltaram; mas é preciso que todos sejam animados pelas convicções fortes que fazem os apóstolos. São geralmente demagogos sutis, que não perseguem apenas interesses pessoais e buscam persuadir bajulando os baixos instintos. A influência que eles exercem pode ser muito grande, mas ela é sempre muito efêmera. Os grandes convictos que sublevaram a alma das multidões — os Pierre, o Ermitão; os Luteros; os Savonarolas; os homens da Revolução Francesa — só exerceram uma fascinação após terem sido primeiramente fascinados por uma crença. Eles puderam então criar nas almas essa potência formidável chamada fé, que torna a pessoa escrava absoluta de seu sonho.

Criar uma fé — quer se trate de fé religiosa, de fé política ou social, de fé em uma obra, em um personagem, em uma ideia — tal é o

principal papel dos grandes líderes e é por isso que sua influência é sempre considerável. De todas as forças que a humanidade dispõe, a fé sempre foi uma das maiores e é com razão que o Evangelho lhe atribui o poder de remover montanhas. Dar à pessoa uma fé é decuplicar sua força. Os grandes acontecimentos da história foram realizados por obscuros crentes que quase só tinham a sua fé por eles. Não foi com letrados e filósofos, nem sobretudo com céticos que se edificaram as grandes religiões que governaram o mundo, nem os vastos impérios que se estenderam de um hemisfério ao outro.

Mas, em tais exemplos, trata-se dos grandes líderes e eles são bem raros para que a história possa facilmente marcar seu número. Eles formam o ápice de uma série contínua de descendentes, que vai desses poderosos manipuladores de pessoas até o trabalhador que, num albergue fumarento, fascina lentamente seus camaradas, repetindo sem parar algumas fórmulas que ele não compreende muito bem, mas que, segundo ele, a aplicação deve levar certamente à realização de todos os sonhos e de todas as esperanças.

Em todas as esferas sociais, das mais altas até às mais baixas, assim que a pessoa não está mais isolada ela logo cai sob a fé de um líder. A maior parte das pessoas, nas multidões populares sobretudo, não possui, fora de sua especialidade, uma ideia nítida e pensada sobre o que quer que seja. Elas são incapazes de se conduzir. O líder lhes serve de guia. Ele pode ser substituído, a rigor, mas muito ineficientemente, por essas publicações periódicas que fabricam opiniões para seus leitores e lhes fornecem frases feitas que os dispensam de pensar.

A autoridade dos líderes é muito despótica e mesmo só consegue se impor por causa desse despotismo. Menciona-se frequentemente o quão facilmente eles se fazem obedecer — mesmo que não possuindo

nenhuma base onde apoiar sua autoridade — nas camadas trabalhadoras mais turbulentas. Eles fixam as horas de trabalho, os descontos salariais e decidem as greves, fazendo com que comecem e terminem na hora fixada.

Os líderes tendem hoje em dia a substituir cada vez mais os poderes públicos, na medida em que estes últimos se deixam discutir e enfraquecer. A tirania desses novos mestres faz com que as multidões lhes obedeçam muito mais docilmente do que elas obedeceram a qualquer governo. Se, após um acidente qualquer, um líder desaparece e não é imediatamente substituído, a massa volta a ser uma coletividade sem coesão nem resistência. Durante uma das greves dos empregados dos ônibus de Paris, bastou prendeu os dois líderes que a dirigiam para fazer com que ela logo terminasse. Não é a necessidade de liberdade, mas a de servidão, que sempre predomina na alma das multidões. Elas têm uma sede tal de obedecer que elas se submetem instintivamente a quem se declara seu mestre.

Pode-se estabelecer uma divisão bem nítida na classe dos líderes. Uns são pessoas enérgicas, com vontade forte, mas momentânea; outros, muito mais raros que os precedentes, são pessoas que possuem uma vontade ao mesmo tempo forte e durável. Os primeiros são violentos, bravos, ousados. Eles são úteis sobretudo para empreender uma ação violenta, conduzir as multidões, apesar do perigo e transformar em heróis os recrutados na véspera. Como, por exemplo, Ney e Murat, no Primeiro Império. Como ainda, em nossos dias, Garibaldi, aventureiro sem talento, mas enérgico, que conseguiu, com um punhado de homens se apoderar do antigo reino de Nápoles, defendido, no entanto, por um exército disciplinado.

Mas, se a energia desses líderes é poderosa, ela é momentânea e não sobrevive ao excitante que a fez nascer. Retornados à corrente da vida ordinária, os heróis que eram tão animados, dão prova, como aqueles que eu citei a pouco, da mais espantosa fraqueza. Eles parecem incapazes de refletir e de se conduzir nas circunstâncias mais simples, enquanto que souberam conduzir muito bem os outros. São líderes que só podem exercer sua função com a condição de serem eles próprios liderados e estimulados sem parar, de sempre terem acima deles uma pessoa ou uma ideia, de seguir uma linha de conduta bem traçada.

A segunda categoria dos líderes — a dos homens de vontade durável — têm, apesar das formas menos brilhantes, uma influência muito mais considerável. Nela se encontram os verdadeiros fundadores de religiões ou de grandes obras: São Paulo, Maomé, Cristóvão Colombo, Lesseps. Que eles sejam inteligentes ou limitados, não importa; o mundo estará sempre com eles. A vontade persistente que eles possuem é uma faculdade infinitamente rara e infinitamente poderosa que faz tudo se curvar. Nem sempre se dá conta suficientemente do que pode uma vontade forte e contínua. Nada resiste a ela; nem a natureza, nem os deuses, nem as pessoas.

O mais recente exemplo do que pode uma vontade forte e contínua nos é dado pelo ilustre homem que separou dois mundos e realizou a tarefa inutilmente tentada nos últimos três mil anos pelos maiores soberanos. Ele falhou mais tarde num empreendimento idêntico; mas a velhice havia chegado e tudo se extinguia diante dele, inclusive a vontade.

Quando se quiser mostrar o que pode apenas a vontade, ter-se-á que apresentar em seus detalhes a história das dificuldades que foi preciso superar para rasgar o canal de Suez. Uma testemunha ocular — o Dr.

Cazalis — resumiu, em algumas linhas marcantes, a síntese dessa grande obra, contada por seu imortal autor.

> *E ele contou, dia a dia, em episódios, a epopeia do canal. Ele contou tudo o que ele teve que superar, todo o impossível que ele tornou possível, todas as resistências, as coalizões contra ele e os desgostos, os reveses, as derrotas, mas que jamais puderam desencorajá-lo ou abatê-lo; ele lembrou a Inglaterra combatendo-o, atacando-o sem descanso e o Egito e a França hesitantes, o cônsul da França se opondo mais que todos os outros aos primeiros trabalhos e como resistiam a ele, pegando os trabalhadores com sede e fazendo-os recusar água doce; e o Ministério da Marinha e os engenheiros, todos homens sérios, experientes e de ciência, todos naturalmente hostis e todos cientificamente certos do desastre, calculando-o e prometendo-o, como para tal dia e tal hora se promete o eclipse.*

O livro que contasse a vida de todos esses grandes líderes não conteria muitos nomes; mas esses nomes estiveram à frente dos acontecimentos mais importantes da civilização e da história.

§2. Os meios de ação dos líderes: a afirmação, a repetição e o contágio.

Quando se trata de conduzir uma massa por um instante e de determiná-la a cometer um ato qualquer — pilhar um palácio, se deixar massacrar para defender uma fortaleza ou uma barricada — é preciso agir sobre ela através de sugestões rápidas, sendo que o exemplo ainda é o mais enérgico; mas é preciso também que a massa já esteja preparada através de algumas circunstâncias e, sobretudo, que aquele que deseja conduzi-la possua a qualidade que estudarei mais além sob o nome de prestígio.

Mas quando se trata de fazer penetrar ideias e crenças na mente das multidões — as teorias sociais modernas, por exemplo — os

procedimentos dos líderes são diferentes. Eles têm recorrido a três procedimentos bem nítidos: a afirmação, a repetição e o contágio. A ação deles é bem lenta, mas os efeitos dessa ação, uma vez produzidos, são muito duráveis.

A afirmação pura e simples, livre de todo discernimento e de toda prova, é um dos mais certeiros meios de fazer penetrar uma ideia na mente das multidões. Quanto mais a afirmação é concisa, quanto mais ela é desprovida de toda aparência de provas e de demonstração, mais ela possui autoridade. Os livros religiosos e os códigos de todas as eras sempre agiram através da simples afirmação. Os homens de Estado chamados a defender uma causa política qualquer e os industriais que propagandeiam seus produtos através de anúncios sabem o valor da afirmação.

A afirmação só possui, no entanto, influência real com a condição de ser constantemente repetida e, o máximo possível, nos mesmos termos. Foi Napoleão, eu creio, que disse que só existe uma única figura séria de retórica: a repetição. A coisa afirmada consegue, pela repetição, se estabelecer nas mentes a ponto de acabar por ser aceita como uma verdade demonstrada.

Compreende-se bem a influência da repetição sobre as multidões, vendo a que ponto ela é poderosa sobre as mentes mais esclarecidas. Esse poder advém do fato de que a coisa repetida acaba por se incrustar nas regiões profundas do inconsciente onde são elaborados os motivadores de nossas ações. Ao fim de algum tempo, não sabemos mais qual é o autor da afirmação repetida e acabamos por acreditar nela. Daí a força espantosa da propaganda. Quando lemos cem vezes, mil vezes, que o melhor chocolate é o chocolate X, imaginamos ter ouvido isso de todos os lados e acabamos por ter certeza. Quando lemos mil vezes que a farinha Y curou as mais famosas pessoas das doenças mais graves, acabamos por ficar tentados a experimentá-la um dia, quando

formos atingidos por uma doença do mesmo tipo. Se sempre lêssemos no mesmo jornal que A é um perfeito bandido e B uma pessoa muito honesta, acabamos por ficar convencidos disso; a menos, bem entendido, que não lêssemos com frequência um outro jornal com opinião contrária, onde os dois qualificativos sejam invertidos. Somente a afirmação e a repetição são suficientemente poderosas para se combaterem.

Quando uma afirmação foi suficientemente repetida e quando há unanimidade na repetição — como acontece com certas empresas financeiras célebres e suficientemente ricas para comprar todos os apoios — forma-se o que se chama uma corrente de opinião e o poderoso mecanismo do contágio intervém. Nas multidões, as ideias, os sentimentos, as emoções, as crenças, possuem um poder contagioso tão intenso quanto o dos micróbios. Esse fenômeno é muito natural, pois é observado também nos animais quando eles estão em massa. O tique de um cavalo num estábulo é logo imitado pelos outros cavalos do mesmo estábulo. Um susto, um movimento desordenado de alguns carneiros, logo se estende para todo rebanho. No ser humano em massa, todas as emoções são muito rapidamente contagiosas e é isso que explica a instantaneidade dos pânicos. As desordens cerebrais, como a loucura, são também contagiosas. Sabe-se o quanto é frequente a alienação nos médicos alienistas. Até mesmo já foi citada recentemente formas de loucura — a agorafobia, por exemplo — transmitidas do ser humano para os animais.

O contágio não exige a presença simultânea de indivíduos sobre um mesmo ponto. Ele pode acontecer à distância, sob a influência de alguns eventos que orientam todas as mentes num mesmo sentido e lhes dão as características especiais às multidões, sobretudo quando as mentes estão

preparadas pelos fatores distantes que eu estudei acima. Foi assim, por exemplo, que a explosão revolucionária de 1848, partida de Paris, se estendeu bruscamente para uma grande parte da Europa e abalou várias monarquias.

A imitação, a qual se atribuiu tanta influência nos fenômenos sociais, não passa, na realidade, de um simples efeito do contágio. Tendo mostrado, em outro lugar, sua influência, eu me limitarei a reproduzir o que eu disse há mais de vinte anos e que depois foi desenvolvido por outros escritores em publicações recentes:

> *Semelhante aos animais, o ser humano é naturalmente imitador. A imitação é uma necessidade para ele, com a condição, bem entendido, de que essa imitação seja totalmente fácil. É essa necessidade que torna tão poderosa a influência do que chamamos moda. Quer se trate de opiniões, ideias, manifestações literárias, ou simplesmente de costumes, quantos ousam fugir de seu império? Não é com argumentos, mas com modelos, que se guia as multidões. Em cada época há um pequeno número de individualidades que imprimem sua marca e que a massa inconsciente imita. É preciso, no entanto, que essas individualidades não se afastem muito das ideias recebidas. Imitá-las seria então muito difícil e sua influência seria nula. É precisamente por essa razão que as pessoas muito superiores à sua época geralmente não têm nenhuma influência sobre ela. O afastamento é muito grande. É pela mesma razão que os europeus, com todas as vantagens de sua civilização, têm uma influência tão insignificante sobre os povos do Oriente, dos quais eles se diferenciam muito.*
>
> *A dupla ação do passado e da imitação recíproca acaba por tornar todas as pessoas de um mesmo país e de uma mesma época semelhantes a um ponto tal que, mesmo aqueles que parecem estar mais afastados deles — filósofos, cientistas e literatos — possuem um pensamento e um estilo com um ar familiar, que produz imediatamente o reconhecimento do tempo ao qual eles pertenciam. Não é preciso conviver por muito tempo*

com um indivíduo para reconhecer a fundo suas leituras, suas ocupações habituais e o meio onde ele vive.[22]

O contágio é tão poderoso que ele impõe aos indivíduos não apenas certas opiniões, mas também certas maneiras de sentir. É o contágio mental que faz certas épocas desprezarem certas obras — como o **Tannhäuser**[23], por exemplo — e que, alguns anos mais tarde, são admiradas por aqueles mesmos que mais as haviam denegrido.

É sobretudo pelo mecanismo do contágio — jamais pela argumentação lógica — que se propagam as opiniões e as crenças das multidões. É no cabaré — pela afirmação, repetição e contágio — que se estabelecem as concepções atuais dos trabalhadores e as crenças das multidões de todas as eras não foram criadas de outra maneira. Renan compara, com justiça, os primeiros fundadores do cristianismo "aos trabalhadores socialistas, que difundem suas ideias de cabaré em cabaré". E Voltaire já tinha destacado, a propósito da religião cristã, que "somente a mais vil ralé a tinha abraçado em mais de cem anos".

É de se destacar, nos exemplos análogos que acabei de citar, que o contágio, após acontecer nas camadas populares, passa em seguida para as camadas superiores da sociedade. É o que vemos em nossos dias com as doutrinas socialistas, que começam a conquistar aqueles que, no entanto, estão marcados para se tornarem suas primeiras vítimas. O mecanismo do contágio é tão poderoso que, diante de sua ação, o próprio interesse pessoal desaparece.

E é por isso que toda opinião que se tornou popular acaba sempre por se impor com uma grande força às camadas sociais mais elevadas, por mais visível que possa ser o absurdo da opinião triunfante. Há aqui uma reação das camadas sociais inferiores sobre as camadas superiores, um tanto quanto mais curioso diante do fato de que as crenças da

multidão são sempre derivadas, mais ou menos, de alguma ideia superior que ficou, geralmente, sem influência no meio onde ela nasceu. Essa ideia superior é apoderada pelos líderes subjugados por ela, que a deformam e criam uma seita que a deforma novamente, depois a divulgam no seio das multidões, que continuam a deformá-la cada vez mais.

Transformada em verdade popular, ela volta, de alguma maneira, à sua fonte e age então sobre as camadas superiores de uma nação. É, em definitivo, a inteligência que guia o mundo; mas ela o guia realmente de muito longe. O filósofo que criou a ideia já voltou, há muito tempo, ao pó, quando, pelo efeito do mecanismo que acabei de descrever, seu pensamento acaba por triunfar.

§3. O prestígio.

O que sobretudo contribui para dar às ideias propagadas pela afirmação, a repetição e o contágio um poder muito grande é que elas acabam por adquirir o poder misterioso chamado prestígio.

Tudo o que dominou no mundo, nas ideias ou nas pessoas foi imposto principalmente por essa força misteriosa que é expressa pela palavra prestígio. É um termo cujo sentido nós compreendemos bem, mas que se aplica de maneiras tão diversas que não é fácil defini-lo. O prestígio pode comportar certos sentimentos como a admiração ou o medo. Ele chega até mesmo a tê-los como base, mas ele pode perfeitamente existir sem eles. São os mortos e, portanto, os seres que não tememos — Alexandre, César, Maomé, Buda, por exemplo — que mais possuem prestígio. Por outro lado, há seres ou ficções que nós não admiramos — as divindades monstruosas dos templos subterrâneos da Índia, por exemplo — e que, no entanto, nos parecem revestidas de um grande prestígio.

O prestígio é, na realidade, um tipo de dominação que um indivíduo, uma obra ou uma ideia exerce sobre nossas mentes. Essa dominação paralisa todas as nossas faculdades críticas e enche nossa alma de admiração e de respeito. O sentimento provocado é inexplicável, como todos os sentimentos, mas ele deve ser de mesma ordem que o fascínio sofrido pelo sujeito hipnotizado. O prestígio é o mais poderoso propulsor de toda dominação. Os deuses, os reis e as mulheres jamais reinaram sem ele.

Pode-se reduzir a duas formas principais as diversas variedades de prestígio: o prestígio adquirido e o prestígio pessoal. O prestígio adquirido é aquele fornecido pelo nome, a fortuna, a reputação. Ele pode ser independente do prestígio pessoal. O prestígio pessoal é, pelo contrário, alguma coisa de individual, que pode coexistir com a reputação, a glória, a fortuna, ou ser reforçado por elas, mas que pode perfeitamente existir sem elas.

O prestígio adquirido, ou artificial, é muito mais difundido. Apenas pelo fato de que um indivíduo ocupa uma certa posição, possui uma certa fortuna, está coberto por títulos, ele têm prestígio, por mais nulo que possa ser seu valor pessoal. Um militar em uniforme e um magistrado em toga, sempre têm prestígio. Pascal já havia notado, com muita justiça, a necessidade que os juízes tinham das togas e das perucas. Sem elas, eles perderiam três quartos de sua autoridade. O socialista mais selvagem sempre fica um pouco emocionado quando vê um príncipe ou um marquês. Basta mencionar tais títulos para extrair de um comerciante tudo o que se quiser[24].

O prestígio que mencionei é aquele exercido pelas pessoas; podemos colocar de lado o prestígio que exercem as opiniões, as obras literárias ou artísticas etc. Isso não passa geralmente de repetições

acumuladas. A história — a história literária e artística, principalmente — sendo apenas a repetição dos mesmos julgamentos que ninguém tenta controlar, cada um acaba por repetir o que aprendeu na escola e há nomes ou coisas que ninguém ousaria tocar. Para um leitor moderno, a obra de Homero produz um incontestável e imenso tédio; mas quem ousaria dizê-lo? O Parthenon, em seu estado atual, é uma ruína desprovida de interesse; mas ele possui um prestígio tal que não vemos isso, com todo seu cortejo de lembranças históricas. É próprio do prestígio impedir ver as coisas tal como elas são e paralisar todo nosso discernimento. As multidões sempre, os indivíduos geralmente, têm necessidade, em todos os assuntos, de opiniões prontas. O sucesso dessas opiniões independe da quantidade de verdade ou erro que elas contêm; ele depende unicamente de seu prestígio.

Eu chego agora ao prestígio pessoal. Ele é de uma natureza bem diferente do prestígio artificial ou adquirido com que eu me ocupei até agora. É uma faculdade independente de qualquer título, de qualquer autoridade, possuída por um pequeno número de pessoas e que lhes permite exercer um fascínio verdadeiramente magnético sobre aqueles que as rodeiam, mesmo sobre aqueles que lhes são seus iguais e sem possuir nenhum meio ordinário de domínio. Eles impõem suas ideias e seus sentimentos àqueles que os rodeiam e estes o obedecem como a besta fera obedece ao domador que ela poderia facilmente devorar.

Os grandes líderes de massa — como Buda, Jesus, Maomé, Joana D’Arc, Napoleão — possuíam em um alto grau essa forma de prestígio e foi principalmente através dele que eles se impuseram. Os deuses, os heróis e os dogmas se impõem e não são discutidos; eles desaparecem assim que se começa a discuti-los.

Os grandes personagens que eu acabo de citar possuíam seu poder fascinante bem antes de se tornarem ilustres e eles não teriam se tornado ilustres sem ele. É evidente, por exemplo, que Napoleão, no zênite de sua glória, exercia, apenas pelo seu poder, um prestígio imenso; mas esse prestígio, ele já o possuía em parte, mesmo antes de possuir qualquer poder e quando era completamente desconhecido. Quando, general ignorado, ele foi enviado, sob proteção, comandar o exército da Itália, ele caiu no meio de rudes generais que se apressaram em fazer uma dura acolhida ao jovem intruso que o Diretório lhes enviava. Desde o primeiro minuto, desde a primeira entrevista, sem frases, sem gestos, sem ameaças, ao primeiro olhar do futuro grande homem, eles estavam domados. Taine fornece, de acordo com as memórias dos contemporâneos, uma curiosa descrição dessa entrevista.

> *Os generais de divisão — dentre outros, Augereau, um tipo de mercenário heroico e grosseiro, orgulhoso de sua grande altura e de sua bravura — chegam ao quartel-general muito mal dispostos para com o pequeno recém-chegado que Paris lhes enviava. Augereau é injurioso, insubordinado antecipadamente, um favorito de Barras, um general de primeira hora, um general de rua, visto como um urso, porque está sempre sozinho pensando, uma cara pequena, uma reputação de matemático e de sonhador. São introduzidos na sala e Napoleão os faz esperar. Ele aparece, enfim, espada no cinto, coberto, explica suas ordens, dá suas ordens e os dispensa. Augereau permaneceu mudo; é apenas do lado de fora que ele se recupera e retoma seus resmungos costumeiros; ele concorda, com Masséna, que esse pequeno general de m... lhe deu medo; ele não consegue compreender o fascínio que o fez se sentir esmagado ao primeiro olhar.*

Ao se tornar um grande homem, seu prestígio cresceu com toda sua glória e se tornou pelo menos igual ao de uma divindade para seus

devotos. O general Vandamme, mercenário revolucionário, mais brutal e mais enérgico ainda do que Augereau, dizia dele ao marechal d'Ornano, em 1815, num dia em que subiam juntos a escada das Tulherias:

> *Meu caro, esse diabo de homem exerce sobre mim uma fascinação que eu não consigo entender. Isso acontece a ponto de eu, que não temo nem Deus nem o diabo, quando me aproximo dele, começo a tremer como uma criança e ele me faria passar pelo buraco de uma agulha para me jogar no fogo.*

Napoleão exercia o mesmo fascínio sobre todos aqueles que se aproximavam dele[25].

Davoust disse, falando da devoção de Maret e da sua:

> *Se o imperador nos dissesse: "É importante para os interesses de minha política destruir Paris, sem que ninguém escape dela". Maret guardaria segredo, estou certo, mas ele não poderia evitar comprometê-lo, no entanto, fazendo sua família fugir. Eu... bem... por medo de deixar escapar o segredo, eu abandonaria lá minha mulher e meus filhos.*

É preciso se lembrar desse espantoso poder de fascinação para compreender o maravilhoso retorno da ilha de Elba; a conquista imediata da França, por um homem isolado, que tinha diante de si todas as forças organizadas de um grande país, que se podia acreditar cansado de sua tirania. Ele só teve que olhar os generais enviados para prendê-lo e que tinham jurado prendê-lo. Todos se submeteram sem discussão.

Escreve o general inglês Wolseley:

> *Napoleão desembarca na França quase sozinho e como um fugitivo, da pequena ilha de Elba que era seu reino e consegue, em algumas semanas, perturbar, sem derramamento de sangue, toda a organização do poder da França sob seu rei legítimo. O fascínio pessoal de um homem jamais foi mais espantoso! Mas, do início ao fim dessa campanha, que foi sua última, como é*

memorável o fascínio que ele exercia igualmente sobre os aliados, obrigando-os a seguirem sua iniciativa e o quanto faltou pouco para que ele os esmagasse!

Seu prestígio sobreviveu a ele e continuou a crescer. Foi ele que fez sagrar imperador um sobrinho obscuro. Vendo renascer hoje em dia sua lenda, vê-se o quanto esse grande fantasma ainda é poderoso. Maltrate as pessoas o quanto quiser, massacre-os aos milhões, leve-os de invasão em invasão, tudo vos é permitido se possuís, num grau suficiente, o prestigio e o talento necessários para sustentá-lo.

Eu invoquei aqui um exemplo de prestígio totalmente excepcional, sem dúvida, mas que foi útil citar para fazer compreender a gênese das grandes religiões, das grandes doutrinas e dos grandes impérios. Sem o poder exercido sobre a massa através do prestígio, essa gênese não seria compreensível.

Mas o prestígio não é fundamentado unicamente sobre o fascínio pessoal, a glória militar e o terror religioso; ele pode ter origens mais modestas e, no entanto, ainda ser considerável. Nosso século pode fornecer vários exemplos disso. Um dos mais impressionantes, aquele que a posteridade lembrará de era para era, será fornecido pela história do célebre homem que modificou a face do globo e as relações comerciais dos povos, separando dois continentes. Ele venceu em sua empreitada através de sua imensa vontade, mas também pela fascinação que ele provocava em todos que o cercavam. Para vencer a oposição unânime que ele encontrava ele só tinha que se mostrar. Ele falava um instante e, diante do encanto que ele exercia, os opositores se tornavam amigos. Os ingleses, principalmente, combatiam seu projeto implacavelmente. Ele só teve que aparecer na Inglaterra para angariar todos os votos. Quando, mais tarde, ele passou por Southampton, os sinos tocaram em sua passagem e hoje em dia a Inglaterra se ocupa em

lhe erguer uma estátua. Tendo vencido tudo, as pessoas e as coisas, ele não acreditava mais em obstáculos e quis recomeçar Suez no Panamá. Ele recomeçou com os mesmo meios, mas a idade já havia chegado e, aliás, a fé que remove montanhas só as remove com a condição de que elas não sejam muito altas. As montanhas resistiram e a catástrofe que se seguiu destruiu a deslumbrante auréola de glória que envolvia o herói. Sua vida ensina como pode crescer o prestígio e como ele pode desaparecer. Após ter igualado em grandeza os mais célebres heróis da história, ele foi rebaixado pelos magistrados de seu país ao nível dos mais vis criminosos. Quando ele morreu, seu caixão passou isolado no meio das multidões indiferentes. Apenas os soberanos estrangeiros renderam homenagem à sua memória, como sendo a memória de um dos maiores homens que a história conheceu[26].

Mas, os diversos exemplos que acabam de ser citados representam formas extremas. Para estabelecer em seus detalhes a psicologia do prestígio, seria preciso colocá-los na extremidade de uma série que desceria dos fundadores de religiões e de impérios até ao particular que tenta deslumbrar seus vizinhos com uma roupa nova ou uma decoração.

Entre os termos mais distanciados dessa série, colocar-se-ia todas as formas de prestígio nos diversos elementos de uma civilização — ciências, artes, literatura etc. — e se veria que ele constitui o elemento fundamental da persuasão. Conscientemente ou não, o ser, a ideia ou a coisa que possui prestígio é — através do contágio — imitado imediatamente e impõe, a toda uma geração, certas maneiras de sentir e de traduzir seu pensamento. A imitação é, aliás, geralmente, inconsciente e é precisamente isso que a torna perfeita. Os pintores modernos, que reproduzem as cores apagadas e as atitudes rígidas de certos primitivos, não deixam dúvida de onde vem sua inspiração; eles

acreditam em sua própria sinceridade, embora se um mestre ilustre não tivesse ressuscitado essa forma de arte, ter-se-ia continuado a só ver nela os aspectos ingênuos e inferiores. Aqueles que, estimulados por um outro mestre ilustre, inundam suas telas com sombras violentas, não veem na natureza mais violeta do que se via há cinquenta anos, mas eles são sugestionados pela impressão pessoal e especial de um pintor que, apesar dessa bizarrice, soube adquirir um grande prestígio. Em todos os elementos da civilização, tais exemplos poderiam ser facilmente invocados.

Vemos, pelo exposto, que muitos fatores podem entrar na gênese do prestígio; um dos mais importantes é o sucesso. Todo aquele que vence, toda ideia que se impõe, deixa, por este único fato, de ser contestado. A prova de que o sucesso é uma das bases principais do prestígio está no fato de que este último quase sempre desaparece com ele. O herói que a massa aclamava na véspera é desprezado por ela no dia seguinte ao insucesso que o abateu. A reação será mesmo tão intensa quanto mais intenso foi o prestígio. A massa considera então o herói caído como um igual e se vinga por ter se inclinado diante da superioridade que ela não reconhece mais. Quando Robespierre mandava cortar os pescoços de seus colegas e de um grande número de seus contemporâneos, ele possuía um imenso prestígio. Quando a reação de algumas vozes tirou-lhe o poder, ele perdeu imediatamente esse prestígio e a massa o acompanhou até à guilhotina com tantas imprecações quanto seguia na véspera suas vítimas. É sempre com furor que os crentes quebram as estátuas de seus antigos deuses.

O prestígio removido pelo insucesso é perdido bruscamente. Ele pode ser gasto também pela discussão, mas de uma maneira mais lenta. Este processo é, no entanto, de um efeito muito certeiro. O prestígio

discutido já não é mais prestígio. Os deuses e as pessoas que souberam guardar por muito tempo seu prestígio jamais toleraram a discussão. Para se fazer admirar pelas multidões é sempre necessário manter distância delas.

***

CAPÍTULO IV

Limites de variabilidade das crenças e opiniões das multidões.

§ 1. As crenças fixas.

Sumário

Há um paralelismo estreito entre as características anatômicas dos seres e suas características psicológicas. Nas características anatômicas encontramos alguns elementos invariáveis ou tão pouco variáveis que é preciso o passar das eras geológicas para mudá-las. E, ao lado dessas características fixas, imutáveis, veem-se características bastante móveis, que o meio, a arte do criador e do horticultor modificam facilmente e, às vezes, a ponto de dissimular, para o observador pouco atento, as características fundamentais.

Observamos o mesmo fenômeno nas características morais. Ao lado dos elementos psicológicos imutáveis de um povo encontram-se elementos móveis e cambiantes. É por isso que, ao estudar as crenças e as opiniões de um povo, constata-se sempre um fundo bastante fixo sobre o qual se transplantam opiniões tão móveis quanto a areia que recobre um rochedo.

As crenças e as opiniões das multidões formam, portanto, duas classes bem distintas. De um lado, as grandes crenças permanentes, que duram vários séculos e sobre as quais uma civilização inteira repousa; como outrora, por exemplo, a concepção feudal, as ideias cristãs e as da Reforma; e como, em nossos dias, o princípio das nacionalidades e as ideias democráticas e sociais. Por outro lado, as opiniões momentâneas e cambiantes, derivadas geralmente das concepções gerais, que cada era

vê nascer e morrer; como são as teorias que guiam as artes e a literatura em certos momentos. Por exemplo, as que produziram o romantismo, o naturalismo, o misticismo etc. Elas são tão superficiais, na maioria das vezes, quanto a moda e mudam como ela. São as pequenas vagas que nascem e desaparecem sem parar na superfície de um lago de águas profundas.

As grandes crenças gerais são em número bem restrito. Seu nascimento e sua morte formam, para cada raça histórica, os pontos culminantes de sua história. Elas constituem o verdadeiro arcabouço das civilizações.

É muito fácil estabelecer uma opinião passageira nas almas das multidões, mas é muito difícil estabelecer nelas uma crença durável. É igualmente muito difícil destruir esta última quando ela foi estabelecida. É geralmente apenas ao preço de revoluções violentas que se pode mudá-la. As revoluções só têm mesmo este poder quando a crença perdeu quase inteiramente seu império sobre as almas. As revoluções servem então para varrer finalmente o que já estava quase abandonado, mas que o jugo do costume impedia de abandonar inteiramente. As revoluções que começam são, na realidade, crenças que se acabam.

O dia preciso em que uma grande crença está marcada para morrer é fácil reconhecer: é aquele em que seu valor começa a ser discutido. Toda crença geral não passa de uma ficção que só consegue sobreviver com a condição de não ser submetida a exame.

Mas, no entanto, mesmo que uma crença esteja fortemente abalada, as instituições derivadas dela conservam seu poder e só se apagam lentamente. Quando ela, por fim, perdeu completamente seu poder, tudo o que ela sustentava logo se desmorona. Ainda não foi dado a um povo

o poder de mudar suas crenças sem ser logo condenado a transformar todos os elementos de sua civilização.

Ele as transforma até que tenha encontrado uma nova crença geral que seja aceita; e, até que esse dia chegue, ele vive forçosamente na anarquia. As crenças gerais são os suportes necessários das civilizações; elas dão uma orientação às ideias. Somente elas podem inspirar a fé e criar o dever.

Os povos sempre sentiram a utilidade de adquirir crenças gerais e compreendem instintivamente que o desaparecimento destas deverá marcar para eles a hora da decadência. O culto fanático de Roma foi para os romanos a crença que os tornou senhores do mundo e quando essa crença morreu, Roma teve que morrer. Foi somente quando eles adquiriram algumas crenças comuns que os bárbaros, que destruíram a civilização romana, atingiram uma certa coesão e puderam sair da anarquia.

Não foi, portanto, sem motivo que os povos sempre defenderam suas convicções com intolerância. Essa intolerância, tão criticável sob o ponto de vista filosófico, representa na vida dos povos a mais necessária das virtudes. Foi para criar ou manter crenças gerais que a Idade Média acendeu tantas fogueiras e que tantos inventores ou inovadores são mortos no desespero quando eles evitam os suplícios. Foi para defendê-las que o mundo foi tantas vezes convulsionado e tantas pessoas morreram nos campos de batalha e ainda morrerão neles ainda.

Existem grandes dificuldades para estabelecer uma crença geral, mas, quando ela está definitivamente estabelecida, seu poder é por muito tempo invencível e qualquer que seja sua falsidade filosófica ela se impõe às mais luminosas mentes. Os povos da Europa consideraram, nos últimos quinze séculos, como verdades indiscutíveis, lendas

religiosas tão bárbaras[27], quando são examinadas de perto, quanto as lendas de Moloque. O pavoroso absurdo da lenda de um Deus que se vinga em seu filho, através de horríveis suplícios, da desobediência de uma de suas criaturas, não foi percebido durante muitos séculos. Os mais poderosos gênios — um Galileu, um Newton, um Leibniz — nem mesmo supuseram, por um instante, que a verdade de tais dogmas pudesse ser discutida. Nada demonstra melhor a hipnotização produzida pelas crenças gerais; mas nada marca melhor também os humilhantes limites de nossa mente.

Assim que um dogma novo está implantado na alma da multidão ele se torna inspirador de suas instituições, de suas artes e de sua conduta. O império que ele exerce então sobre as almas é absoluto. As pessoas de ação só pensam em realizá-lo, os legisladores só fazem aplicá-lo, os filósofos, os artistas, os literatos só se preocupam em traduzi-lo em formas diversas.

Da crença fundamental, ideias momentâneas acessórias podem surgir, mas elas sempre trazem a marca da crença de onde surgiram. A civilização egípcia, a civilização europeia da Idade Média, a civilização muçulmana dos árabes, derivam de um número muito pequeno de crenças religiosas que imprimiram sua marca sobre os menores elementos de suas civilizações e que permitem reconhecê-las prontamente.

E, desta forma, graças às crenças gerais, as pessoas de cada era são rodeadas por uma rede de tradições, de opiniões e de costumes, ao jugo da qual elas não conseguiriam se livrar e que sempre as tornam muito semelhantes umas às outras. O que principalmente guia as pessoas são as crenças e os costumes derivados dessas crenças. Elas regulam os menores atos de nossa existência e o espírito mais independente nem

pensa em se livrar deles. A verdadeira tirania é aquela que é exercida inconscientemente sobre as almas, porque é a única que não se pode combater. Tibério, Gengis Khan e Napoleão foram tiranos temidos, sem dúvida, mas, do fundo de suas tumbas, Moisés, Buda, Jesus, Maomé e Lutero exerceram sobre as almas um despotismo muito mais profundo. Uma conspiração pode abater um tirano, mas o que ela pode contra uma crença bem estabelecida? Em sua luta violenta contra o catolicismo e apesar do consentimento aparente das multidões, apesar dos processos de destruição tão impiedosos quanto aqueles da Inquisição, foi nossa grande Revolução que foi vencida. Os únicos tiranos reais que a humanidade conheceu sempre foram as sombras dos mortos ou as ilusões que elas criaram.

O absurdo filosófico que apresentam geralmente as crenças gerais jamais foi um obstáculo para seu triunfo. Esse triunfo só parece mesmo possível com a condição de que elas possuam algum misterioso absurdo. Não é, portanto, a evidente fraqueza das crenças socialistas atuais que as impedirá de triunfarem nas almas das multidões. Sua verdadeira inferioridade, comparada a todas as crenças religiosas, deve-se unicamente a isto: como o ideal de felicidade que estas últimas prometiam só se realizaria numa vida futura, ninguém poderia contestar essa realização. O ideal de felicidade socialista devendo ser realizado aqui na terra, desde suas primeiras tentativas de realização a inutilidade das promessas logo aparecerá e a crença nova perderá, no mesmo golpe, todo seu prestígio. Seu poder só crescerá, portanto, até o dia em que, tendo triunfado, a realização prática começar. É por isso que, se a religião nova exerce inicialmente um papel destruidor, como todas as que a precederam, ela não conseguiria exercer em seguida, como elas, um papel criador.

§2. As opiniões móveis das multidões.

Acima das crenças fixas, cujo poder nós mostramos, encontra-se uma camada de opiniões, de ideias, de pensamentos que nascem e morrem constantemente. Algumas têm a duração de um dia e as mais importantes mal ultrapassam a vida de uma geração. Já destacamos que as mudanças que acontecem nessas opiniões são, às vezes, muito mais superficiais do que reais e que elas sempre trazem a marca das qualidades do povo. Considerando, por exemplo, as instituições políticas do país em que vivemos, mostramos que os partidos aparentemente os mais opostos — monarquistas, radicais, imperialistas, socialistas etc. — têm um ideal absolutamente idêntico e que esse ideal deve-se unicamente à estrutura de nosso povo, pois, sob nomes semelhantes, encontra-se em outros povos um ideal totalmente contrário. Não é o nome dado às opiniões, nem as adaptações enganosas que mudam o fundo das coisas. Os burgueses da Revolução Francesa, totalmente impregnados de literatura latina e que, com os olhos fixos na república romana, adotaram suas leis, seus símbolos e suas togas e trataram de imitar suas instituições e seus exemplos, não haviam se tornado romanos, porque eles estavam sob o império de uma poderosa sugestão histórica. O papel do filósofo é pesquisar o que subsiste das crenças antigas sob as mudanças aparentes e distinguir o que, na onda movente das opiniões, é determinado pelas crenças gerais e pela alma do povo.

Sem esse critério filosófico poder-se-ia acreditar que as multidões mudam de crenças políticas ou religiosas frequentemente e à vontade. A história inteira — política, religiosa, artística, literária — parece provar isso, com efeito.

Tomemos, por exemplo, um bem curto período de nossa história — de 1790 a 1820, somente — ou seja, trinta anos, a duração de uma geração. Vemos nele as multidões, primeiramente monarquistas, tornarem-se revolucionárias, depois imperialistas e depois voltarem a ser monarquistas. Em religião, elas vão, no mesmo período de tempo, do catolicismo ao ateísmo, depois ao deísmo, depois retornam às formas mais exageradas de catolicismo. E não são somente as multidões, mas igualmente aqueles que as dirigem. Contemplamos com espanto esses grandes convencionais, inimigos jurados dos reis e que não queriam nem deuses nem senhores, que se tornaram humildes servidores de Napoleão e depois carregam piamente círios nas procissões sob Luís XVII.

E nos setenta anos que se seguem, que mudanças ainda nas opiniões das multidões! A "Pérfida Albion[28]" do início daquele século, que se tornou aliada da França sob o herdeiro de Napoleão; a Rússia, duas vezes invadida por nós e que tanto tinha aplaudido nossos reveses, passa a ser considerada subitamente como uma amiga.

Na literatura, na arte, na filosofia, as sucessões de opiniões são mais rápidas ainda. Romantismo, naturalismo, misticismo etc. nascem e morrem uma a uma. O artista e o escritor aclamados ontem são profundamente desdenhados amanhã.

Mas, quando analisamos todas essas mudanças, aparentemente tão profundas, o que vemos? Todos aqueles contrários às crenças gerais e aos sentimentos do povo têm uma duração apenas efêmera e o rio transbordado logo retoma seu curso. As opiniões que não se ligam a nenhuma crença geral, a nenhum sentimento do povo e que, por consequência, não conseguiriam ter uma estabilidade, estão à mercê de todos os acasos ou, se se prefere, das menores mudanças do meio.

Formadas por sugestão e contágio, elas são sempre momentâneas; elas nascem e desaparecem às vezes tão rapidamente quanto as dunas de areia formadas pelo vento às margens do oceano.

Em nossos dias, a soma das opiniões móveis das multidões é maior do que jamais foi e isso se deve a três razões diferentes:

A primeira é que, com as antigas crenças perdendo cada vez mais seu império, não agem mais como outrora sobre as opiniões passageiras, para lhes dar alguma orientação. O enfraquecimento das crenças gerais deixa lugar para uma massa de opiniões particulares sem passado nem futuro.

A segunda razão é que, com o poder das multidões tornando-se cada vez maior e possuindo cada vez menos contrapeso, a mobilidade extrema de ideias que constatamos nelas pode se manifestar livremente.

A terceira razão, por fim, é a difusão recente da imprensa, que coloca sem parar sob os olhos das multidões as opiniões mais contrárias. As sugestões que cada uma delas poderia ocasionar são logo destruídas pelas opiniões opostas. Disso resulta que cada opinião não chega a se espalhar e está destinada a uma existência muito efêmera. Ela está morta antes de ter podido se difundir suficientemente para se tornar geral.

Dessas diversas causas resultou um fenômeno muito novo na história do mundo e totalmente característico da era atual. Eu quero dizer da impotência dos governos em dirigir a opinião pública.

Outrora — e este outrora não está muito distante — a ação dos governos e a influência de alguns escritores e de um número bem pequeno de jornais, constituíam os verdadeiros reguladores da opinião pública. Hoje em dia os escritores perderam toda influência e os jornais só fazem refletir a opinião pública. Quanto aos homens de Estado, longe de dirigi-la, eles só procuram segui-la. Eles têm um medo da opinião

pública que vai até o terror e impede toda estabilidade em sua linha de conduta.

A opinião das multidões tende, portanto, a se tornar cada vez mais o revelador supremo da política. Ela chega hoje em dia a impor alianças, como vimos recentemente com a aliança russa, exclusivamente saída de um movimento popular. É um sintoma bem curioso ver em nossos dias papas, reis e imperadores se submeterem ao mecanismo da entrevista, para expor seu pensamento sobre um dado assunto ao julgamento das multidões. Podia-se dizer outrora que a política não era coisa de sentimento. Poder-se-ia dizê-lo ainda hoje, quando ela tem cada vez mais por guia os impulsos de multidões móveis, que não conhecem a razão e que só possuem o sentimento como guia?

Quanto à imprensa, outrora diretora da opinião, ela teve, como os governos, que se apagar diante do poder das multidões. Ela possui, certamente, um poder considerável, mas apenas porque ela é exclusivamente o reflexo das opiniões das multidões e de suas incessantes variações. Ao se tornar simples agente de informação ela desistiu de querer impor alguma ideia, alguma doutrina. Ela segue todas as mudanças do pensamento público e as necessidades da concorrência a obrigam a segui-las, sob pena de perder seus leitores. Os velhos órgãos solenes e influentes de outrora, como o **Constitutionnel**, o **Débats**, o **Siècle**, dos quais a geração anterior ouvia piamente os oráculos, desapareceram ou se tornaram folhas de informações enquadradas, de crônicas divertidas, de fofocas mundanas e de publicidade financeira. Onde estaria hoje o jornal suficientemente rico para permitir a seus redatores opiniões pessoais e que peso teriam essas opiniões junto a leitores que só demandam serem informados e entretidos e que, por detrás de cada recomendação, temem sempre o

especulador. A crítica não tem nem mesmo o poder de lançar um livro ou uma peça de teatro. Ela pode prejudicá-los, mas não servi-los. Os jornais têm tanta consciência da inutilidade de tudo o que é crítica ou opinião pessoal que eles suprimiram progressivamente as críticas literárias, se limitando a dar o título do livro com duas ou três linhas de informação e, em vinte anos, provavelmente acontecerá o mesmo com a crítica teatral.

Descobrir qual é a opinião pública tornou-se a preocupação essencial da imprensa e dos governos hoje em dia. Qual é o efeito produzido por um acontecimento, um projeto legislativo, um discurso, eis o que é preciso saber continuamente. E a coisa não é fácil, pois nada é mais móvel e mais cambiante do que o pensamento das multidões e nada é mais frequente do que vê-las acolher com desaforos o que elas tinham aplaudido na véspera.

Essa ausência total de direção da opinião pública — e, ao mesmo tempo, a dissolução das crenças gerais — têm, como resultado final, uma fragmentação completa de todas as convicções e a indiferença crescente das multidões por tudo o que não diz respeito claramente a seus interesses imediatos. As questões de doutrinas, como o socialismo, só recrutam defensores realmente convictos nas camadas totalmente iletradas: trabalhadores das minas e das fábricas, por exemplo. A pequena burguesia e o trabalhador que possui algum grau de instrução, adquiriram um grau de ceticismo ou, pelo menos, uma mobilidade completa.

A evolução que aconteceu nos últimos trinta anos é impressionante. Na época precedente, pouco distante portanto, as opiniões possuíam ainda uma orientação geral; elas eram derivadas da adoção de alguma crença fundamental. Pelo único fato de que se era monarquista, possuía-

se fatalmente, tanto na história quanto nas ciências, algumas ideias muito fechadas e, pelo único fato de que se era republicano, tinha-se ideias completamente contrárias. Um monarquista achava pertinentemente que o homem não descende do macaco e um republicano sabia, não menos pertinentemente, que ele descendia. O monarquista devia falar da Revolução Francesa com horror e o republicano com veneração. Havia nomes, como Robespierre e Marat, que era preciso pronunciar com grande devoção e havia outros, como César, Augusto e Napoleão, que só se podia pronunciar cobrindo-os com injúrias. Até em nossa Sorbonne essa ingênua maneira de conceber a história era geral[29].

Hoje em dia, diante da discussão e da análise, todas as opiniões perdem seu prestígio. Seus ângulos se desgastam rapidamente e sobrevive delas bem pouco do que possam nos apaixonar. O ser humano moderno é invadido cada vez mais pela indiferença.

Não deploremos muito essa desagregação geral das opiniões. Que ela seja um sintoma de decadência na vida de um povo, não se poderia contestar. É certo que os videntes, os apóstolos, os líderes, os convictos enfim, têm uma força bem diferente da dos negadores, os críticos e os indiferentes; mas não esqueçamos também que, com o poder atual das multidões, se uma única opinião pudesse adquirir suficiente prestígio para se impor, ela logo se revestiria de um poder tão tirânico que tudo deveria se curvar diante dela e que a era da livre expressão estaria fechada por muito tempo. As multidões representam senhores pacíficos às vezes, como eram nos tempos de Heliogábalo e Tibério; mas elas têm também furiosos caprichos. Quando uma civilização está preste a cair em suas mãos, ela está à mercê de muitos acasos para durar por muito tempo. Se alguma coisa pudesse retardar um pouco a hora do

desmoronamento, seria precisamente a extrema mobilidade das opiniões e a indiferença crescente das multidões por toda crença geral.

***

LIVRO III

Classificação e descrição das diversas categorias de multidões.

CAPÍTULO I

Classificação das multidões.

Sumário

Indicamos nessa obra as características gerais comuns às multidões psicológicas. Resta-nos mostrar as características particulares que se ligam a essas características gerais segundo as diversas categorias de coletividades quando, sob a influência de estímulos convenientes, elas se transformam em multidões.

Exporemos primeiramente, em algumas palavras, uma classificação das multidões.

Nosso ponto de partida será a simples multidão. Sua forma mais inferior se apresenta quando ela é composta por indivíduos que pertençam a povos diferentes. Ela não tem outro laço comum além da vontade — percebida ou pelo menos respeitada — de um líder. Pode-se considerar como típicas multidões os bárbaros, de origens bem diversas, que, durante vários séculos, invadiram o império romano.

Acima dessas multidões de povos diversos, encontram-se aquelas que, sob a influência de alguns fatores, adquiriram características comuns e acabaram por formar uma etnia. Elas apresentarão, de acordo com a ocasião, as características especiais das multidões, mas essas características serão mais ou menos dominadas por aquelas da etnia.

Estas duas categorias de multidões podem, sob a influência dos fatores estudados nesta obra, se transformar em multidões organizadas ou psicológicas. Nessas multidões organizadas estabeleceremos as seguintes divisões:

A. Multidões heterogêneas: 1º) Anônimas (multidões de rua, por exemplo) e 2º) Não anônimas (júris,

assembleias parlamentares etc.)

B. Multidões homogêneas: 1º) Seitas (seitas políticas, seitas religiosas etc.), 2º) Castas (casta militar, casta sacerdotal, castas trabalhadoras) e 3º) Classes (classe burguesa, classe de ruralistas etc.).

Indiquemos em algumas palavras as características diferentes dessas diversas categorias de multidões.

§1. Multidões heterogêneas.

Essas coletividades são aquelas cujas características estudamos neste volume. Elas são compostas por indivíduos quaisquer, qualquer que seja sua profissão ou sua inteligência.

Sabemos agora que, pelo único fato de pessoas formarem uma massa agitada, sua psicologia coletiva difere essencialmente de sua psicologia individual e que a inteligência não as livra dessa diferenciação. Vimos que, nas coletividades, a inteligência não desempenha nenhum papel. Apenas os sentimentos inconscientes agem.

Um fator fundamental — a etnia — permite diferenciar bastante profundamente as diversas multidões heterogêneas.

Já mencionamos por diversas vezes o papel fundamental da etnia e mostramos que ela é o mais poderoso dos fatores capazes de determinar as ações das pessoas. Ela manifesta igualmente sua ação nas características das multidões. Uma massa composta por indivíduos quaisquer — mas todos ingleses ou chineses — diferirá profundamente de uma outra massa composta por indivíduos igualmente quaisquer, mas de etnias diferentes — russos, franceses, espanhóis, por exemplo.

As profundas divergências que a constituição mental herdada cria na maneira de sentir e de pensar das pessoas explodem imediatamente, assim que as circunstâncias — bastante raras, aliás — reúnem numa

mesma massa, em proporções semelhantes, indivíduos de nacionalidades diferentes, por mais idênticos que sejam, em aparência, os interesses que os unam. As tentativas feitas pelos socialistas para reunir, em grandes congressos, representantes da população trabalhadora de cada país, sempre levou às mais furiosas discórdias. Uma massa latina, por mais revolucionária ou conservadora que se possa supô-la, fará imediatamente apelo, para realizar suas exigências, para a intervenção do Estado. Ela é sempre centralizadora e, mais ou menos, cesarista. Uma massa inglesa ou americana, pelo contrário, não reconhece o Estado e faz apelo apenas à iniciativa privada. Uma massa francesa se atém, antes de tudo, à igualdade e uma massa inglesa, à liberdade. São precisamente essas diferenças étnicas que fazem com que haja quase tantas formas de socialismo e de democracia quantas são as nações.

A alma do povo domina então inteiramente a alma da multidão. Ela é o substrato poderoso que limita as oscilações. Consideremos como uma lei essencial que *as características inferiores das multidões são um tanto menos acentuadas quanto mais a alma do povo é forte*. O estado de massa ou a dominação das multidões é a barbárie ou o retorno à barbárie. É adquirindo uma alma solidamente constituída que o povo se livra cada vez mais do poder irrefletido das multidões e sai da barbárie.

Além da etnia, a única classificação importante a fazer para as multidões heterogêneas é separá-las em multidões anônimas (como as das ruas) e em multidões não anônimas (as assembleias deliberantes e os júris, por exemplo). O sentimento de responsabilidade, nulo nas primeiras e desenvolvido nas segundas, dá a seus atos orientações geralmente bem diferentes.

§2. Multidões homogêneas.

As multidões homogêneas compreendem: 1º) as *seitas*; 2º) as *castas* e 3º) as *classes*.

A *seita* marca o primeiro grau na organização das multidões homogêneas. Ela compreende indivíduos de educação, profissão e meios às vezes bem diferentes, que só possuem de comum entre si a ligação das crenças. Tais são as seitas religiosas e políticas por exemplo.

A *casta* representa o mais alto grau de organização possível à massa. Enquanto que a seita compreende indivíduos de profissões, educação e meios bem diferentes e unidas apenas pela comunidade das crenças, a casta compreende apenas indivíduos de mesma profissão e, por consequência, com educação e meios bastante semelhantes. Tais são a casta militar e a casta sacerdotal, por exemplo.

A *classe* é formada por indivíduos de origens diversas, reunidos, não pela comunidade das crenças, como são os membros de uma seita, nem pela comunidade das ocupações profissionais, como são os membros de uma casta, mas por certos interesses, certos hábitos de vida e com educação bastante semelhantes. Tais são, por exemplo, a classe burguesa, a classe agrícola etc.

Só me ocupando nesta obra com as multidões heterogêneas e reservando o estudo das multidões homogêneas (seitas, castas e classes) para um outro volume, não insistirei aqui com as características destas últimas e só me ocuparei agora com algumas categorias de multidões heterogêneas, escolhidas como típicas.

***

CAPÍTULO II

As multidões ditas criminosas.

Sumário

As multidões caem, após um certo período de excitação, no estado de simples autômatos inconscientes guiados por sugestões. Por isso, parece difícil qualificá-las em alguma medida como criminosas. Eu só conservo este qualificativo errôneo porque ele foi consagrado por pesquisas psicológicas recentes. Certos atos das multidões são certamente criminosos, se só os considerarmos em si mesmos. De forma simples, como o ato do tigre que devora um hindu, após tê-lo deixado primeiro ser um pouco dilacerado pelos seus filhotes, por distração.

Os crimes das multidões geralmente têm como motivação uma sugestão poderosa e os indivíduos que tomaram parte deles estão convencidos, em seguida, de que obedeceram a um dever, o que não é, de forma alguma, o caso de um criminoso comum.

A história dos crimes cometidos pelas multidões coloca em evidência o que foi exposto acima.

Pode-se citar como exemplo típico o assassinato do diretor da Bastilha, o Sr. de Launay. Após a tomada dessa fortaleza, o diretor, rodeado por uma massa muito excitada, recebeu golpes por todos os lados. Propôs-se pendurá-lo, cortar-lhe a cabeça ou atá-lo ao rabo de um cavalo. Debatendo-se, ele deu sem querer um chute num dos assistentes. Alguém propôs — e sua sugestão logo foi aclamada pela massa — que o indivíduo atingido pelo chute cortasse o pescoço do diretor.

> *Este, cozinheiro desempregado, meio curioso que foi até a Bastilha para ver o que se passava ali, avalia que — pois esta*

era a opinião geral — a ação é patriótica e até mesmo acredita merecer uma medalha por destruir um monstro. Com um sabre que lhe emprestam ele golpeia o pescoço nu; mas o sabre mal afiado não corta e ele tira de sua bolsa um pequeno machado de cabo preto e (como, em sua condição de cozinheiro, ele saber trabalhar com as carnes) ele executa eficazmente a operação.

Vê-se claramente aqui o mecanismo indicado precedentemente. Obediência a uma sugestão um tanto quanto poderosa porque é coletiva, convicção do assassino de que ele cometeu um ato meritório e convicção um tanto quanto natural já que ela teve a aprovação unânime de seus concidadãos. Um ato tal pode ser legalmente — mas não psicologicamente — qualificado de criminoso.

As características gerais das multidões ditas criminosas são exatamente aquelas que constatamos em todas as multidões: sugestionabilidade, credulidade, mobilidade, exagero dos sentimentos bons ou maus, manifestação de algumas formas de moralidade etc.

Encontraremos todas essas características numa das multidões que deixaram uma das mais sinistras lembranças em nossa história: a dos setembristas[30]. Ela, aliás, apresenta muita analogia com aquelas que fizeram a Noite de São Bartolomeu. Eu pego emprestado do Sr. Taine os detalhes da narrativa, que as retirou das memórias do tempo.

Não se sabe exatamente quem deu a ordem ou sugeriu esvaziar as prisões massacrando os prisioneiros. Que seja Danton, como é provável, ou qualquer outro, não importa; o único fato interessante para nós é a sugestão poderosa que a massa encarregada do massacre recebeu.

A massa dos massacradores compreendia ao redor de trezentas pessoas e constituía o tipo perfeito de uma massa heterogênea. A parte um número muito pequeno de bandidos profissionais, ela era composta sobretudo por comerciantes e profissionais de todos os tipos: sapateiros,

serralheiros, barbeiros, pedreiros, funcionários públicos, porteiros etc. Sob a influência da sugestão recebida, eles estão — como o cozinheiro citado acima — perfeitamente convencidos de que realizam um dever patriótico. Eles executam uma dupla função — juízes e carrascos — mas não se consideram, de maneira alguma, criminosos.

Compenetrados da importância de seu dever, eles começam por formar um tipo de tribunal e imediatamente aparecem o espírito simplista e a justiça não menos simplista das multidões. Diante do número considerável dos acusados decide-se prontamente que os nobres, os padres, os oficiais, os servidores do rei, ou seja, todos os indivíduos cuja profissão apenas é prova de culpa aos olhos de um bom patriota, serão massacrados aos montes, sem que seja necessária uma decisão especial. Os outros serão julgados pela aparência e a reputação. A consciência rudimentar da multidão assim satisfeita, ela vai poder proceder legalmente ao massacre e dar livre curso aos instintos de ferocidade cuja gênese eu demonstrei em outro lugar e que as coletividades têm sempre o poder de desenvolver em alto grau. Eles não impedirão, aliás — como é a regra nas multidões — a manifestação concomitante de outros sentimentos contrários, como uma sensibilidade frequentemente tão extrema quanto a ferocidade.

> *Eles têm a simpatia expansiva e a sensibilidade pronta do trabalhador parisiense. Na Abadia, um federado, sabendo que há vinte e seis horas tinham deixado os detidos sem água, quis exterminar imediatamente o carcereiro negligente e o teria feito, não fossem as súplicas dos próprios detidos. Quando um prisioneiro é absolvido por seu tribunal improvisado, guardas e carrascos, todo mundo o abraça com emoção e o aplaudem com exagero.*

Depois voltam a matar os outros aos montes. Durante o massacre, uma amável alegria não deixa de reinar. Eles dançam e cantam ao redor dos cadáveres, providenciando bancos "para as damas", felizes em ver os aristocratas serem mortos. Eles continuam também a dar prova de uma justiça especial. Um carrasco, tendo reclamado na Abadia que as damas colocadas um pouco distantes viam mal e que alguns assistentes apenas tinham o prazer de espancar os aristocratas, eles se rendem à justiça dessa observação e decidem que se fará com que as vítimas passem lentamente entre duas alas de degoladores, que só poderão bater com o dorso do sabre, a fim de prolongar o suplício. A força coloca-se as vítimas inteiramente nuas e elas são espancadas durante meia hora; depois, quando todo mundo viu bem, termina-se lhes abrindo o ventre.

Os massacradores são, aliás, muito escrupulosos e manifestam a moralidade cuja existência já assinalamos no seio das multidões. Eles se recusam a se apoderar do dinheiro e das joias das vítimas e as colocam sobre a mesa dos comitês.

Em todos os seus atos encontram-se essas formas rudimentares de raciocinar, características das almas das multidões. Foi assim que, após a degola dos 12 ou 1.500 inimigos da nação, alguém observou e sua sugestão foi imediatamente aceita, que as outras prisões, aquelas onde havia velhos mendigos, vagabundos, jovens detentos, continham, na realidade, bocas inúteis e que seria bom, por esta razão, se livrar delas. Aliás, deve haver certamente, dentre eles, alguns inimigos do povo. Como, por exemplo, uma certa dama Delarue, viúva de um envenenador. "Ela deve estar furiosa por estar na prisão. Se ela pudesse, ela colocaria fogo em Paris. Ela deve ter dito isso. Ela o disse. Mais uma varrida". A demonstração parece evidente e tudo é massacrado em bloco, inclusive cinquenta crianças de doze a dezessete anos, que, aliás,

também poderiam se transformar em inimigos da nação e, por consequência era de um interesse evidente se livrar delas.

Ao fim de uma semana de trabalho, todas essas operações terminadas, os massacradores puderam pensar em repouso. Estando intimamente convencidos de que tinham feito um bem à pátria, eles vieram reclamar das autoridades uma recompensa; os mais zelosos foram até mesmo exigir uma medalha.

A história da Comuna de 1871 nos oferece vários fatos análogos a estes precedentes. Com a influência crescente das multidões e as capitulações sucessivas dos poderes diante delas, somos certamente chamados a ver muitos outros.

***

CAPÍTULO III

Os jurados de tribunais.

Sumário

Não podendo estudar aqui todas as categorias de jurados, examinarei somente a mais importante, a dos jurados de tribunais. Esses jurados constituem um excelente exemplo de massa heterogênea não anônima. Encontramos neles a sugestionabilidade, a predominância dos sentimentos inconscientes, a pequena aptidão ao raciocínio, a influência dos líderes etc. Ao estudá-los teremos a oportunidade de observar interessantes tipos de erros que podem cometer as pessoas não iniciadas na psicologia das coletividades.

Os jurados nos fornecem primeiramente uma prova da pequena importância que apresenta, sob o ponto de vista das decisões, o nível mental dos diversos elementos que compõem uma massa. Vimos que, quando uma assembleia deliberante é chamada a dar sua opinião sobre uma questão que não tenha uma característica totalmente técnica, a inteligência não desempenha nenhum papel e que uma reunião de cientistas ou de artistas, pelo único fato de estarem reunidos, não tem, sob assuntos gerais, avaliações sensivelmente diferentes daquelas de uma assembleia de pedreiros ou de merceeiros. Em diversas épocas a administração fez uma escolha cuidadosa das pessoas chamadas para compor o júri e as recrutou entre as classes esclarecidas: professores, funcionários públicos, letrados etc. Hoje em dia se recruta sobretudo dentre os pequenos comerciantes, os pequenos empresários, os empregados. No entanto, para grande espanto dos escritores especializados, qualquer que tenha sido a composição dos júris, a

estatística prova que suas decisões foram idênticas. Os próprios magistrados, tão hostis portanto à instituição do júri, tiveram que reconhecer a exatidão dessa afirmação. Eis o que diz, com relação a isso, um ex-presidente de tribunal, o Sr. Bérard des Glajeux, em suas **Souvenirs**:

> *Hoje em dia, a escolha do júri está, na realidade, nas mãos dos conselheiros municipais, que admitem ou eliminam, de acordo com sua vontade, segundo as preocupações políticas e eleitorais inerentes à sua situação... A maioria dos eleitos é composta por comerciantes menos importantes do que os escolhidos outrora e por funcionários públicos de algumas administrações... Todas as opiniões se encontram em todas as profissões no papel de juiz. Muitos possuindo o ardor dos neófitos e as pessoas de melhor vontade se encontrando nas situações mais humildes, o espírito do júri não mudou: 'seus veredictos continuaram os mesmos'.*

Retenhamos da passagem citada as conclusões, que são muito justas e não as explicações, que são muito fracas. Não é de se espantar muito essa fraqueza, pois a psicologia das multidões e, por consequência, a dos jurados, parece ter sido geralmente bastante desconhecida dos advogados e magistrados. Eu encontro a prova disso no fato relatado pelo autor citado a pouco, de que um dos mais ilustres advogados de tribunais, Lachaud, usava sistematicamente de seu direito de recusar à vontade todos os indivíduos inteligentes que fizessem parte de um júri. No entanto, a experiência — a experiência apenas — acabou por ensiná-lo sobre a completa inutilidade dessas recusas. A prova é que, hoje em dia, o ministério público e os advogados — em Paris, pelo menos — desistiram inteiramente disso. E, como disse o Sr. des Glajeux, os veredictos não mudaram, eles não são nem melhores nem piores.

Como todas as multidões, os júris são muito fortemente impressionados pelos sentimentos e muito fracamente pelos argumentos racionais. Eles não resistem, escreve um advogado, "à visão de uma mulher amamentando ou a um desfile de órfãos". "Basta que uma mulher seja agradável para obter a benevolência do júri", diz o Sr. des Glasjeux.

Impiedosos para com os crimes que parecem poder atingi-los — e que são precisamente, aliás, os mais temíveis para a sociedade — os jurados são, pelo contrário, muito indulgentes para com os crimes passionais. Eles raramente são severos para com o infanticídio de meninas-mães e menos ainda para com a jovem abandonada que joga um pouco de ácido em seu sedutor, sentindo instintivamente que esses crimes são pouco perigosos para a sociedade e que, num país em que a lei não protege as jovens abandonadas, o crime daquela que se vinga é mais útil do que nocivo, intimidando antecipadamente os futuros sedutores[31].

Os júris, como todas as multidões, são muito influenciados pelo prestígio e o presidente des Glajeux destacou justamente que, muito democráticos em sua composição, eles são muito aristocráticos em suas afeições. Diz ele: "O nome, o nascimento, a grande fortuna, a fama, a assistência de um advogado famoso, as coisas que destacam e as coisas que reluzem formam um conjunto muito considerável nas mãos dos acusados". Agir sobre os sentimentos dos jurados e, como com todas as multidões, racionalizar muito pouco, ou só empregar formas rudimentares de argumentação lógica, deve ser a preocupação de todo bom advogado. Um advogado inglês, célebre pelos seus sucessos em tribunais, mostrou bem a maneira de agir:

Ele observava atentamente o júri enquanto falava. É o momento favorável. Com talento e prática o advogado lê em cada fisionomia o efeito de cada frase, de cada palavra e tira dele suas conclusões. Ele trata primeiramente de distinguir os membros que abraçaram antecipadamente a causa. O defensor conclui rapidamente a fim de garanti-los. Em seguida ele passa aos membros que, pelo contrário, estão mal dispostos e se esforça para adivinhar porque eles estão contra o acusado. É a parte delicada do trabalho, pois pode haver uma infinidade de razões para se desejar condenar uma pessoa, além do sentimento de justiça.

Estas poucas linhas resumem muito bem o objetivo da arte oratória e nos mostram também o porquê do discurso antecipado ser inútil, pois é preciso poder a cada instante modificar os termos empregados, de acordo com a impressão produzida.

O orador não precisa converter todos os membros de um júri, mas somente os líderes, que determinarão a opinião geral. Como em todas as multidões, há sempre um pequeno número de indivíduos que conduzem os outros. "Eu falo por experiência que, na hora de estabelecer o veredicto, basta uma ou duas pessoas enérgicas para conduzir o resto do júri", diz o advogado citado acima. São essas duas ou três que é preciso convencer, através de hábeis sugestões. É preciso primeiro e antes de tudo agradá-los. A pessoa em massa a quem se agradou está quase perto de ser convencida e totalmente disposta a achar excelentes quaisquer razões que lhes sejam apresentadas. Eu encontrei, num trabalho interessante sobre o Sr. Lachaud, a seguinte anedota:

Sabe-se que no período das defesas que ele pronunciava nos tribunais, Lachaud não perdia de vista dois ou três jurados que ele sabia, ou sentia, que eram influentes, mas difíceis. Geralmente ele conseguia conquistar esses recalcitrantes. No entanto, uma vez, na província, ele encontrou um a quem ele

dirigia inutilmente sua argumentação mais tenaz há três quartos de hora. O primeiro do segundo banco, o sétimo jurado. Era desesperador! Subitamente, no meio de uma demonstração apaixonante, Lachaud parou e se dirigiu ao presidente da corte: "Senhor presidente! O senhor não poderia mandar puxar a cortina lá atrás? O senhor sétimo jurado está cego pelo sol". O sétimo jurado enrubesceu, sorriu e agradeceu. Ele havia conquistado a defesa.

Vários escritores — e dentre os mais ilustres — combateram fortemente nos últimos tempos a instituição do júri, única proteção que temos, no entanto, contra os erros realmente muito frequentes de uma casta sem controle[32]. Uns gostariam de um júri recrutado somente nas classes esclarecidas; mas já provamos que, mesmo nesses casos, as decisões serão idênticas àquelas que são tomadas agora. Outros, baseando-se nos erros cometidos pelos jurados, gostariam de suprimir estes últimos e substituí-los por juízes. Mas como podem se esquecer que esses erros tão reprovados no júri, foram primeiramente os juízes que os cometeram, pois quando o acusado chega diante do júri ele já foi considerado como culpado por vários magistrados: o juiz de instrução, o procurador da república e a câmara de indiciamento? E não veem então que, se o acusado fosse definitivamente julgado por magistrados, ao invés de sê-lo pelos jurados, ele perderia sua única chance de ser reconhecido como inocente? Os erros dos jurados sempre foram inicialmente erros de magistrados. É então unicamente a estes últimos que se deve ater quando se vê erros judiciais particularmente monstruosos, como a condenação do doutor X., que, processado por um juiz de instrução realmente bastante limitado, seguindo a denúncia de uma menina meio idiota que acusava esse médico de tê-la feito abortar por 30 francos, teria sido enviado à prisão se não fosse a explosão de indignação pública que o fez obter imediatamente o perdão do chefe de

Estado. A honorabilidade do condenado, proclamada por todos os seus concidadãos, tornava evidente a grosseria do erro. Os próprios magistrados a reconheceram e, no entanto, pelo espírito de casta, eles fizeram tudo o que puderam para impedir que o perdão fosse assinado. Em todos os assuntos análogos, rodeados por detalhes técnicos onde nada se pode compreender, o júri escuta naturalmente o ministério público, manifestando-se após todo o assunto ter sido instruído por magistrados familiarizados com todas as sutilezas. Quais são então os verdadeiros autores dos erros: os jurados ou os magistrados? Protejamos preciosamente o júri. Ele constitui, talvez, a única categoria de massa que nenhuma individualidade poderia substituir. Somente ele pode temperar a dureza da lei que, igual para todos, deve ser cega por princípio e não conhecer os casos particulares. Inacessível à piedade e só conhecendo o texto da lei, o juiz, com sua dureza profissional, daria a mesma pena ao assaltante assassino e à jovem pobre, que o abandono de seu sedutor e a miséria levaram ao infanticídio, enquanto que o júri sente muito bem, instintivamente, que a jovem seduzida é muito menos culpada do que o sedutor, que escapa, no entanto, da lei e que ela merece toda sua indulgência.

Sabendo muito bem o que é a psicologia das castas e o que é também a psicologia das outras categorias de multidões, eu não vejo nenhum caso em que, acusado erroneamente de um crime, eu não preferisse muito mais lidar com jurados do que com magistrados. Eu teria muito mais chances de ser reconhecido como inocente com os primeiros e muito pouco com os segundos. Temamos o poder das multidões, mas temamos muito mais ainda o poder de certas castas. As primeiras podem se deixar ser convencidas; as segundas não se dobram jamais.

CAPÍTULO IV

As multidões eleitorais.

Sumário

As multidões eleitorais, ou seja, as coletividades chamadas para eleger os titulares de algumas funções, constituem multidões heterogêneas. Mas, como elas só agem sobre um ponto determinado — escolher entre diversos candidatos — não se pode observar nelas algumas das características precedentemente descritas.

As principais características das multidões que elas manifestam são: a fraca aptidão para o discernimento, a ausência de espírito crítico, a credulidade e o simplismo. Descobre-se também em suas decisões a influência dos líderes e o papel dos fatores precedentemente enumerados: a afirmação, a repetição, o prestígio e o contágio.

Pesquisemos como seduzi-las. Dos processos que melhor funcionam deduziremos sua psicologia claramente.

A primeira das condições que deve possuir o candidato é o prestígio. O prestígio pessoal só pode ser substituído pelo da fortuna. O talento, o gênio mesmo, não são elementos de sucesso.

Essa necessidade para o candidato de possuir prestígio, ou seja, de poder se impor sem discussão, é capital. Se os eleitores, cuja maioria é composta por trabalhadores e agricultores, escolhem muito raramente um dos seus para representá-los, é porque as personalidades saídas de suas fileiras não têm, para eles, nenhum prestígio. Quando, por acaso, eles nomeiam um dos seus iguais, geralmente isso acontece por razões acessórias. Por exemplo, para confrontar uma pessoa ilustre, um patrão

poderoso, na dependência do qual a cada dia se encontra o eleitor. Isso lhe dá então a ilusão de, por um instante, ele ter se tornado o senhor.

Mas a posse do prestígio não basta para assegurar ao candidato o sucesso. O eleitor se atém a quem lisonjeia suas cobiças e suas vaidades. É preciso cobri-lo com as mais extravagantes lisonjas e não hesitar em lhe fazer as mais fantásticas promessas. Se ele for trabalhador, não se pode xingar e injuriar muito seus patrões. Quanto ao candidato adversário, deve-se tratar de esmagá-lo, estabelecendo, pela afirmação, repetição e contágio, que ele é o último dos bandidos e que ninguém ignora que ele cometeu vários crimes. É inútil, bem entendido, procurar algo que sirva de prova. Se o adversário conhece mal a psicologia das multidões, ele tentará se justificar por argumentos, ao invés de se limitar a responder às afirmações com outras afirmações e ele não terá assim nenhuma chance de triunfar.

O programa escrito do candidato não deve ser muito categórico, porque seus adversários poderão confrontá-lo mais tarde. Mas seu programa verbal pode ser ilimitado. As reformas mais consideráveis podem ser prometidas sem medo. No momento da pronúncia esses exageros produzem muito efeito e no futuro elas não comprometem em nada. É de observação constante, com efeito, que o eleitor jamais se preocupa em saber até que ponto o eleito seguiu a profissão de fé aclamada e sobre a qual a eleição supostamente ocorreu.

Reconhecemos aqui todos os fatores de persuasão que descrevemos. Vamos encontrá-los ainda na ação das *palavras* e das *fórmulas*, cujo poderoso império já mostramos. O orador que sabe manejá-las leva à vontade as multidões para onde ele quiser. Expressões como: o infame capital, os vis exploradores, o admirável trabalhador, a socialização das riquezas etc. produzem sempre o mesmo efeito, mesmo

que já um pouco gastas. Mas o candidato que encontra uma fórmula nova, bem desprovida de sentido e, por consequência, podendo responder às aspirações mais diversas, obtém um sucesso infalível. A sangrenta revolução espanhola de 1873 foi feita com uma dessas palavras mágicas, de sentido complexo, que cada um pode interpretar a sua maneira. Um escritor contemporâneo contou sua gênese, em termos que merecem ser relatados:

> *Os radicais tinham descoberto que uma república unitária é uma monarquia disfarçada e, para agradá-los, os Cortès tinham proclamado em uma só voz a república federal, sem que nenhum dos votantes tivesse podido dizer o que tinha sido votado. Mas essa fórmula encantava todo mundo, era uma embriaguez, um delírio. Inaugurava-se sobre a terra o reino da virtude e da felicidade. Um republicano, a quem seu inimigo recusava o título de federal, se ofendia mortalmente. Abordavam-se na rua dizendo: "Saúde e república federal!" Após o que entoavam-se hinos à santa indisciplina e à autonomia do soldado. O que era a "república federal"? Uns a entendiam como a emancipação das províncias, instituições como a dos Estados Unidos ou a descentralização administrativa; outros visavam ao aniquilamento de toda autoridade, à abertura próxima da grande liquidação social. Os socialistas de Barcelona e da Andaluzia pregavam a soberania absoluta das comunidades. Eles queriam dar à Espanha dez mil municípios independentes, só recebendo leis deles mesmos, suprimindo no mesmo golpe o exército e a polícia. Logo se viu nas províncias do sul a insurreição se propagar de cidade em cidade, de vilarejo em vilarejo. Assim que uma comunidade fazia seu "pronunciamiento", seu primeiro desejo era destruir o telégrafo e as estradas de ferro, para cortar todas as suas comunicações com seus vizinhos e com Madri. Não havia um cantão que não mandasse fazer sua cozinha a parte. O federalismo tinha dado lugar a um cantonalismo brutal, incendiário e massacrador e por toda parte se celebravam sangrentas saturnálias.*

Quanto à influência que poderiam ter argumentos racionais sobre a mente dos eleitores, seria preciso nunca ter lido a ata de uma reunião eleitoral para não ter uma opinião sobre esse assunto. Nela se trocam afirmações, injúrias, às vezes tabefes, jamais razões. Se o silêncio se estabelece por um instante é porque um assistente de caráter difícil anuncia que vai colocar ao candidato uma dessas questões embaraçosas que sempre rejubilam o auditório. Mas a satisfação dos oponentes não demora muito tempo pois a voz do primeiro a falar é logo coberta pelas vaias dos adversários. Pode-se considerar como típicas das reuniões as atas seguintes, escolhidas entre centenas de outras semelhantes e que eu retirei de alguns jornais diários.

> *Um organizador solicitou aos assistentes a nomeação de um presidente; a tempestade começou. Os anarquistas sobem ao palco para tomar o comitê de assalto. Os socialistas o defendem com energia; trocam-se socos, chamam-se mutuamente de informantes, de vendidos etc. Um cidadão se retira com um olho roxo.*
> *Enfim, o comitê é instalado, bem ou mal, no meio do tumulto e a tribuna fica com o companheiro X.*
> *O orador executa uma carga contra os socialistas, que o interrompem gritando "Cretino! Bandido! Canalha!" etc. Epítetos aos quais o companheiro X responde com a exposição de uma teoria segundo a qual os socialistas são "idiotas" ou "farsantes".*
> *... O partido germanista organizou ontem à noite, na Sala do Comércio, Rua Faubourg-du-Temple, uma grande reunião preparatória para a festa dos trabalhadores em primeiro de maio. A palavra de ordem era: "Calma e tranquilidade."*
> *O companheiro G. chama os socialistas de "cretinos" e de "debochados".*
> *Com estas palavras, oradores e ouvintes se xingam e trocam sopapos. As cadeiras, os bancos, as mesas entram em cena etc. etc.*

Não imaginemos, por um instante sequer, que este gênero de discussão seja característico de uma classe determinada de eleitores e depende de sua situação social. Em toda assembleia anônima, qualquer que seja ela, seja ela composta exclusivamente por letrados, a discussão assume facilmente as mesmas formas. Eu afirmei que as pessoas em massa tendem à equalização mental e a cada instante encontramos a prova disso. Eis, como exemplo, um extrato da ata de uma reunião exclusivamente composta por estudantes, que eu retirei de um jornal:

> *O tumulto só fez crescer na medida em que a noite avançava. Eu não creio que um só orador pôde dizer duas frases sem ser interrompido. A cada instante os gritos partiam de um ponto ou outro, ou de todos os pontos ao mesmo tempo. Aplaudia-se, assobiava-se. Discussões violentas aconteciam entre diversos ouvintes. Braços eram sacudidos, ameaçadores. Batia-se nas mesas em cadência. Clamores seguiam as interrupções: "À porta! À tribuna!"*
> *M.C. prodigaliza na associação com os epítetos odioso e covarde, monstruoso, vil, venal e vingativo e declara que quer destruí-la etc. etc.*

Poder-se-ia se perguntar como, em tais condições, pode se formar a opinião de um eleitor. Mas colocar uma questão tal seria se fazer uma estranha ilusão sobre o grau de liberdade que pode gozar uma coletividade. As multidões têm opiniões impostas, jamais pensadas. No caso que tratamos, as opiniões e os votos dos eleitores estão nas mãos de comitês eleitorais, cujos líderes são geralmente alguns comerciantes de vinhos, muito influentes sobre os trabalhadores, aos quais eles fornecem crédito.

Escreve um dos mais valentes defensores da democracia atual, o Sr. Schérer: "Sabe o que é um comitê eleitoral? Simplesmente a chave de nossas instituições, a peça principal da máquina política. A França é

governada hoje em dia pelos comitês”[33]. Também não é difícil agir sobre eles, por pouco que o candidato seja aceitável e possua recursos suficientes. De acordo com as confissões dos doadores, 3 milhões bastaram para conseguir as eleições múltiplas do general Boulanger.

Esta é a psicologia das multidões eleitorais. Ela é idêntica a das outras multidões. Nem melhor, nem pior.

Eu também não tirarei do exposto nenhuma conclusão contra o sufrágio universal. Se eu tivesse que decidir a sua sorte, eu a conservaria tal como é, por motivos práticos que decorrem precisamente de nosso estudo da psicologia das multidões e que por esta razão eu vou expor.

Sem dúvida que os inconvenientes do sufrágio universal são muito visíveis para sem ignorados. Não se poderia ignorar que as civilizações foram a obra de uma pequena minoria de mentes superiores que constituíam a ponta de uma pirâmide, cujos estágios se alargam na medida em que decai o valor mental e representam as camadas profundas de uma nação. Não é certamente do sufrágio de elementos inferiores, que representam unicamente o número, que pode depender a grandeza de uma civilização. Sem dúvida ainda que os sufrágios das multidões são geralmente muito perigosos. Eles já nos custaram várias invasões e, com o triunfo do socialismo, as fantasias da soberania popular nos custarão certamente muito mais caro ainda.

Mas essas objeções, teoricamente excelentes, perdem praticamente toda sua força se nos lembrarmos do poder das ideias que se transformaram em dogmas. O dogma da soberania das multidões é, sob o ponto de vista filosófico, tão pouco defensável quanto os dogmas religiosos da Idade Média, mas ele tem hoje em dia um absoluto poder sobre elas. Ele é, portanto, tão inatacável quanto foram outrora nossas ideias religiosas. Suponhamos um livre-pensador moderno, transportado

por um poder mágico para a Idade Média. Alguém acredita que, após ter constatado o poder soberano das ideias religiosas que reinavam então, ele teria tentado combatê-las? Caído nas mãos de um juiz que quisesse mandar queimá-lo sob a acusação de ter concluído um pacto com o diabo, ou de ter ido a um sabá, ele teria pensado em contestar a existência do diabo ou do sabá? Não se discute com as crenças das multidões, assim como não se discute com os ciclones. O dogma do sufrágio universal possui hoje em dia o poder que tinham outrora os dogmas cristãos. Oradores e escritores falam dele com um respeito e adulações que Luís XIV não conheceu. É preciso então se comportar com relação a ele da mesma forma como se comporta com relação a todos os dogmas religiosos. Apenas o tempo age sobre ele.

Seria, aliás, tão inútil tentar abalar este dogma quanto há razões aparentes para ele. Diz Tocqueville, com justiça: "Em tempos de igualdade as pessoas não têm nenhuma fé umas nas outras, por causa de sua semelhança. Mas essa mesma semelhança lhes dá uma confiança quase ilimitada no julgamento do público; pois não lhes parece verossímil que, todos possuindo luzes iguais, a verdade não se encontre do lado do maior número?"

Seria possível supor agora que, com um sufrágio restrito — restrito aos capacitados, como se queira — melhorar-se-ia os votos das multidões? Eu não posso admitir isso um só instante e pelas razões que já disse sobre a inferioridade de todas as multidões, qualquer que possa ser sua composição. Em massa as pessoas se igualam sempre e, sobre questões gerais, o sufrágio de quarenta acadêmicos não é melhor do que o de quarenta carregadores de água. Eu não creio, de maneira alguma, que alguma das votações tão reprovadas no sufrágio universal — como o restabelecimento do Império, por exemplo — tivesse sido diferente se

os votantes tivessem sido recrutados exclusivamente entre cientistas e letrados. Não é porque um indivíduo sabe grego ou matemática, é arquiteto, veterinário, médico ou advogado, que ele adquire sobre as questões sociais uma lucidez particular. Todos os nossos economistas são pessoas instruídas; professores e acadêmicos, em sua maior parte. Existe uma só questão geral — protecionismo, bimetalismo etc. — sobre a qual eles tenham conseguido se colocar de acordo? Isso acontece porque sua ciência não passa de uma forma bem atenuada da ignorância universal. Diante dos fenômenos sociais, onde entram tão múltiplos desconhecidos, todas as ignorâncias se igualam.

Se, portanto, pessoas recheadas de ciência formassem, apenas elas, o corpo eleitoral, suas votações não seriam melhores do que hoje em dia. Elas se guiariam sobretudo de acordo com seus sentimentos e o espírito de seu partido. Não teríamos nenhuma das dificuldades atuais, pelo menos, mas, em compensação, teríamos certamente a pesada tirania das castas.

Restrito ou geral; reinando num país republicano ou num país monarquista; praticado na França, na Bélgica, na Grécia, em Portugal ou na Espanha, o sufrágio das multidões é semelhante em toda parte e o que ele geralmente traduz são as aspirações e as necessidades inconscientes do povo. A média dos eleitos representa, para cada país, a alma média do povo. De uma geração para outra, nós a encontramos quase idêntica.

E assim, mais uma vez, recaímos na noção fundamental de cultura, já encontrada tão frequentemente e na noção, que decorre da primeira, de que as instituições e os governos só desempenham um papel insignificante na vida dos povos. Estes últimos são conduzidos sobretudo pela alma de sua cultura, ou seja, pelos resíduos ancestrais

cuja soma é a alma. A cultura e a engrenagem das necessidades de cada dia, tais são os senhores misteriosos que regem nossos destinos.

***

CAPÍTULO V

As assembleias parlamentares.

Sumário

As assembleias parlamentares representam multidões heterogêneas não anônimas. Apesar de seu recrutamento, variável de acordo com as épocas e os povos, elas se parecem muito por causa de suas características. A influência da cultura se faz sentir nela, para atenuar ou exagerar, mas não para impedir a manifestação das personalidades. As assembleias parlamentares dos países mais diferentes — como Grécia, Itália, Portugal, Espanha, França e América — apresentam, em suas discussões e suas votações, grandes analogias e deixam os governos tomados por dificuldades idênticas.

O regime parlamentar representa, aliás, o ideal de todos os povos civilizados modernos. Ele traduz essa ideia, psicologicamente errônea mas geralmente admitida, de que muitas pessoas reunidas são muito mais capazes do que um pequeno número de tomarem uma decisão sábia e independente sobre um assunto dado.

Encontraremos nas assembleias parlamentares as características gerais das multidões: o simplismo das ideias, a irritabilidade, a sugestionabilidade, o exagero dos sentimentos, a influência preponderante dos líderes. Mas, em razão de sua composição especial, as multidões parlamentares apresentam algumas diferenças que logo indicaremos.

O simplismo das opiniões é uma das características mais importantes dessas assembleias. Encontramos em todos os partidos — nos povos latinos sobretudo — uma tendência invariável para resolver

os problemas sociais mais complicados através de alguns princípios abstratos muito simples e através de leis gerais aplicáveis a todos os casos. Os princípios variam naturalmente com cada partido, mas, pelo único fato de que os indivíduos estão em massa, eles tendem sempre a exagerar o valor desses princípios e a levá-los até suas últimas consequências. Desta forma, o que sobretudo esses parlamentares representam são as opiniões extremas.

O tipo mais perfeito de simplismo das assembleias foi realizado pelos jacobinos de nossa grande Revolução. Todos dogmáticos e lógicos, com o cérebro repleto de generalidades vagas, eles se ocuparam em aplicar princípios fixos sem se preocuparem com os acontecimentos. Com isso, pode-se dizer que eles atravessaram a Revolução sem vê-la. Com os dogmas muito simples que lhes serviam de guia, eles imaginavam refazer a sociedade em todas as suas peças e reconduzir uma civilização refinada a uma fase bem anterior da evolução social. Os meios que eles empregaram para realizar seu sonho eram marcados por um simplismo absoluto. Eles se limitavam, com efeito, a destruir violentamente tudo o que os incomodava. Todos, aliás — girondinos, montanheses, termidorianos etc. — eram animados pelo mesmo espírito.

As multidões parlamentares são muito sugestionáveis e, como em todas as multidões, a sugestão emana de líderes que possuam prestígio. Mas, nas assembleias parlamentares, a sugestionabilidade tem limites muito nítidos que é importante destacar.

Em todas as questões de interesse local ou regional, cada membro de uma assembleia tem opiniões fixas, irredutíveis e que nenhuma argumentação poderia abalar. O talento de um Demóstenes[34] não conseguiria mudar o voto de um deputado em questões como o

protecionismo ou o privilégio dos destiladores de vinho, que representam exigências de eleitores influentes. A sugestão anterior desses eleitores é suficientemente preponderante para anular todas as outras sugestões e manter uma estabilidade absoluta da opinião[35].

Sobre questão gerais — derrubada de um ministério, estabelecimento de um imposto etc. — não há uma completa estabilidade da opinião e as sugestões dos líderes podem agir, mas não totalmente como numa massa comum. Cada partido tem seus líderes, que possuem, às vezes, uma influência igual. Disso resulta que o deputado se encontra entre sugestões contrárias e fica, fatalmente, muito hesitante. Por isso se vê, com quinze minutos de diferença, votações contrárias, com o acréscimo a uma lei de um artigo que a destrói. Negar, por exemplo, aos industriais, o direito de contratar e de despedir seus funcionários e depois quase anular esta medida através de uma emenda.

Desta forma, em cada legislatura, uma Câmara tem opiniões muito estabilizadas e outras opiniões muito indecisas. No fundo, sendo as questões gerais mais numerosas, é a indecisão que domina, indecisão mantida pelo medo constante do eleitor, cuja sugestão latente tende sempre a contrabalançar a influência dos líderes.

São, no entanto, os líderes os verdadeiros senhores nas discussões numerosas em que os membros de uma assembleia não têm opiniões anteriores bem estabelecidas.

A necessidade desses líderes é evidente, pois, sob a denominação de líderes de bancada, são encontrados nas assembleias de todos os países. Eles são os verdadeiros soberanos de uma assembleia. As pessoas em massa não conseguiriam passar sem um mestre. E é por isso que os votos de uma assembleia só representam as opiniões de uma pequena minoria.

Os líderes agem muito pouco através de sua argumentação lógica e muito pelo seu prestígio. A melhor prova disso está no fato de que, se uma circunstância qualquer os destitui, eles não possuem mais nenhuma influência.

Esse prestígio dos líderes é pessoal e não se deve nem ao nome nem à celebridade. O Sr. Jules Simon, falando dos grandes homens da assembleia de 1848, da qual fazia parte, nos dá exemplos muito curiosos:

> *Dois meses antes de ser todo-poderoso, Luís Napoleão não era nada.*
> *Victor Hugo subiu à tribuna. Não obteve sucesso. Foi ouvido, como se ouvia Félix Pyat. Ninguém o aplaudiu, no entanto. "Eu amo as ideias dele. Mas é um dos maiores escritores e o maior orador da França", me disse Vaulabelle, falando de Félix Pyat. Edgar Quinet, esse raro e poderoso espírito, não era levado em conta para nada. Ele teve seu momento de popularidade antes da abertura da Assembleia; na Assembleia ele não era nada.*
> *As assembleias políticas são o lugar da terra onde a luz da genialidade menos se faz sentir. Nela, só se leva em conta uma eloquência apropriada ao tempo e ao lugar e os serviços prestados, não à pátria, mas aos partidos. Para prestar homenagem a Lamartine em 1848 e a Thiers em 1871, foi preciso o estímulo do interesse urgente, inexorável. O perigo passado, curou-se ao mesmo tempo do reconhecimento e do medo.*

Eu reproduzi a passagem precedente pelos fatos que ela contém, mas não pelas explicações que ela propõe.

Elas são de uma psicologia medíocre. Uma massa perderia logo sua característica de massa se ela levasse em conta, nos líderes, seus serviços prestados, seja à pátria ou aos partidos. A massa que obedece

ao líder, o faz pelo seu prestígio e não se deixa levar por nenhum sentimento de interesse ou de reconhecimento.

Desta maneira, o líder dotado de prestígio suficiente possui um poder quase absoluto. Sabe-se da imensa influência que teve durante muitos anos, graças a seu prestígio, um deputado célebre, que foi derrotado nas últimas eleições após alguns acontecimentos financeiros. Com um simples sinal dele ministros eram derrubados. Um escritor destacou nitidamente, nas seguintes linhas, o alcance de sua ação:

> *É ao Sr. X, principalmente, que devemos a compra do Tonkin três vezes mais caro do que deveria ter custado; de só termos tomado, em Madagascar, um pé incerto; de ter nos deixado frustrar completamente um império no baixo Níger; de termos perdido a situação preponderante que tínhamos no Egito. As teorias do Sr. X nos custaram mais territórios do que os desastres de Napoleão I.*

Não se poderia querer muito do líder em questão. Ele nos custou muito caro, evidentemente. Mas, em grande parte, sua influência devia-se ao fato de que ele seguia a opinião pública, que, em matéria colonial, não era, de maneira alguma, o que ela se tornou hoje. É raro que um líder preceda a opinião pública. Quase sempre ele se limita a segui-la e a incorporar todos os seus erros.

Os meios de persuasão dos líderes, fora o prestígio, são os fatores que já enumeramos várias vezes. Para manejá-los habilmente, o líder deve ter penetrado, pelo menos de uma maneira inconsciente, a psicologia das multidões e saber como falar a elas. Ele deve sobretudo conhecer a fascinante influência das palavras, das fórmulas e das imagens. Ele deve possuir uma eloquência especial, composta por afirmações enérgicas, desprovidas de provas e com imagens impressionantes, enquadradas por raciocínios lógicos bem sumários. É

um tipo de eloquência que se encontra em todas as assembleias, inclusive no parlamento inglês, o mais ponderado, no entanto, de todos.

Diz o filósofo inglês Maine:

> *Podemos ler constantemente debates na Câmara dos Comuns, em que toda discussão consiste na troca de generalidades bem insignificantes e com personalidades muito violentas. Sobre a imaginação de uma democracia pura, este tipo de fórmula genérica exerce um efeito prodigioso. Sempre será fácil fazer com que uma massa aceite afirmações genéricas, apresentadas em termos impactantes, embora elas jamais tenham sido verificadas e não sejam, talvez, suscetíveis de qualquer verificação.*

A importância dos "termos impactantes", indicados na citação acima, não poderia ser exagerada. Nós já insistimos várias vezes no poder especial das palavras e das fórmulas. É preciso escolhê-las de maneira a que elas evoquem imagens bem vivas. A seguinte frase, retirada de um discurso de um dos líderes de nossa assembleia, constitui um excelente espécime dele:

> *No mesmo dia em que o navio aportar nas terras febris do banimento, o político podre e o anarquista assassino poderão estabelecer conversação e eles aparecerão um ao outro como os dois aspectos complementares de uma mesma ordem social.*

A imagem assim evocada é bem visível e todos os adversários do orador se sentem ameaçados por ela. Eles veem ao mesmo tempo os países febris e o navio que poderá levá-los até lá, pois não fazem eles parte da categoria mal definida dos políticos ameaçados? Eles experimentam então o surdo medo que deveriam sentir os convencionais, que os vagos discursos de Robespierre ameaçavam — uns mais, outros menos — com o golpe da guilhotina e que, sob a influência desse medo, sempre cediam a ele.

Os líderes têm todo interesse em cometer os mais incríveis exageros. O orador cuja frase eu citei, pôde afirmar, sem levantar grandes protestos, que os banqueiros e os padres financiavam os lançadores de bombas e que os administradores das grandes companhias financeiras mereciam as mesmas penas que os anarquistas. Sobre as multidões, tais afirmações sempre funcionam. A afirmação jamais é muito furiosa, nem a expressão muito ameaçadora. Nada intimida mais os ouvintes do que essa eloquência. Se protestarem, eles temem passar por traidores ou cúmplices.

Essa eloquência especial sempre reinou, como eu disse a pouco, em todas as assembleias e nos períodos críticos ela só faz se acentuar. A leitura dos discursos dos grandes oradores que compunham as assembleias da Revolução Francesa é muito interessante sob este ponto de vista. A cada instante eles se acreditavam obrigados a se interromper para golpear o crime e exaltar a virtude. Depois, eles explodiam em imprecações contra os tiranos e juravam viver livres ou morrer. A assistência se levantava, aplaudia com furor, depois se acalmava e voltava a sentar.

O líder pode ser algumas vezes inteligente e instruído, mas isso lhe é geralmente mais nocivo do que útil. Mostrando a complexidade das coisas, permitindo explicar e compreender, a inteligência sempre produz indulgência e reduz fortemente a intensidade e a violência das convicções necessárias aos apóstolos. Os grandes líderes de todas as eras — principalmente os da Revolução Francesa — foram lamentavelmente limitados e foram justamente os mais limitados que exerceram a maior influência.

Os discursos do mais célebre deles, Robespierre, espantam frequentemente por sua incoerência. Limitando-se a lê-los, não se

encontraria nenhuma explicação plausível para o imenso papel desempenhado pelo poderoso ditador.

Laços comuns e redundantes de eloquência pedagógica e de cultura latina, a serviço de uma alma mais infantil do que vil e que parece se limitar, no ataque ou na defesa, ao "Venha, então!", dos escolares. Nenhuma ideia, nenhuma nuance, nenhum traço. É o tédio na tempestade. Quando se sai dessa leitura morna, deseja-se dizer o "Ufa!" do amável Camille Desmoulins.

Algumas vezes é pavoroso pensar no poder que dá, a uma pessoa que possua prestígio, uma convicção forte unida a uma extrema estreiteza de espírito. É preciso, no entanto, compreender essas condições para ignorar os obstáculos e saber querer. Instintivamente as multidões reconhecem nesses convictos enérgicos o mestre que sempre lhes faz falta.

Numa assembleia parlamentar, o sucesso de um discurso depende quase unicamente do prestígio que o orador possui e, de maneira alguma, das razões que ele propõe. E, a melhor prova disso é que, quando uma causa qualquer retira o prestígio de um orador, ele perde ao mesmo tempo toda sua influência, ou seja, o poder de dirigir de acordo com sua vontade as votações.

Quanto a um orador que chega com um discurso contendo boas razões, mas somente razões, ele não tem nenhuma chance de ser nem ao menos ouvido. Um ex-deputado, o Sr. Descubes, traçou recentemente, nas seguintes linhas, a imagem do deputado sem prestígio:

> *Quando ele sobe à tribuna, ele tira de sua pasta um dossiê que ele instala metodicamente diante dele e começa com segurança. Ele se orgulha de passar para a alma dos ouvintes a convicção que o anima. Ele pesou e repesou seus argumentos. Ele está recheado com números e provas. Ele está certo de ter razão.*

Toda resistência diante da evidência que ele traz será inútil. Ele começa, confiante no seu bom direito e também na atenção de seus colegas, que certamente só desejam se inclinar diante da verdade.
Ele fala e logo é surpreendido com o movimento do auditório, ficando um pouco irritado com o burburinho que se eleva.
Porque não fazem silêncio? Porque essa desatenção geral? O que pensam então, essas pessoas que fazem isso? Que motivos tão urgentes os fazem deixar o lugar, um após o outro?
Uma inquietação surge em sua fronte. Ele franze a testa e para. Encorajado pelo presidente, ele recomeça, subindo a voz. Continuam sem ouvi-lo. Ele força o tom e se agita. O ruído aumenta ao redor dele. Nem ele se ouve mais e para mais uma vez. Depois, temendo que seu silêncio provoque o irritante grito de "Encerrar!", ele retoma mais uma vez. A barulheira se torna insuportável.

Quando as assembleias parlamentares estão tomadas por um certo grau de excitação, elas ficam idênticas às multidões heterogêneas comuns e seus sentimentos apresentam, por consequência, a particularidade de serem sempre extremos. Serão vistas se dedicando aos maiores atos de heroísmo ou aos piores. O indivíduo não é mais ele mesmo e de tal maneira que ele votará as medidas mais contrárias a seus interesses pessoais.

A história da Revolução Francesa mostra a que ponto as assembleias podem se tornar inconscientes e obedecer às sugestões mais contrárias a seus interesses. Foi um sacrifício enorme para a nobreza renunciar a seus privilégios e, no entanto, numa noite célebre da Constituinte, ela o fez sem hesitar. Seria uma ameaça permanente de morte para os convencionais renunciar à sua inviolabilidade e, no entanto, eles o fizeram e não temeram se dizimarem reciprocamente, sabendo bem que o cadafalso, para onde eles enviavam hoje seus colegas, lhes estava reservado para amanhã.

Mas eles já haviam chegado ao grau de automatismo completo que eu já descrevi e nenhuma consideração poderia impedi-los de ceder às sugestões que os hipnotizavam. A seguinte passagem das memórias de um deles, Billaud-Varennes, é absolutamente típica sobre este ponto. Ele diz: “As decisões que tanto nos criticam, *nós não as queríamos, geralmente, dois dias, um dia antes; só a crise as provocou*”. Nada é mais preciso.

Os mesmos fenômenos de inconsciência se manifestaram em todas as sessões tempestuosas da Convenção.

Diz Taine:

> *Eles aprovam e decretam aquilo que os horroriza. Não apenas as tolices e as loucuras, mas os crimes, a morte de inocentes, a morte de seus amigos. Por unanimidade e com os mais vivos aplausos, a esquerda, reunida com a direita, envia ao cadafalso Danton, seu líder natural, o grande promotor e condutor da Revolução. Com unanimidade e com os mais vivos aplausos, a direita, reunida com a esquerda, vota os piores decretos do governo revolucionário. Com unanimidade e com gritos de admiração e de entusiasmo, com testemunhos de simpatia apaixonada por Collot d’Herbois, por Couthon e por Robespierre, a Convenção, através de reeleições espontâneas e múltiplas, mantém no posto o governo homicida que a Planície detesta porque ele é homicida e que a Montanha detesta porque ele a dizima. Planície e Montanha, a maioria e a minoria, acabam por consentir em ajudar seu próprio suicídio. Em 22 prairial a Convenção inteira se encaminhou para a degola. Em 8 termidor, no primeiro quarto de hora que se seguiu ao discurso de Robespierre, ela se encaminhou para ela mais ainda.*

O quadro pode parecer sombrio. Ele é exato, no entanto. As assembleias parlamentares suficientemente excitadas e hipnotizadas apresentam as mesmas características. Elas se transformam numa tropa móvel obediente a todos os impulsos. A seguinte descrição da

assembleia de 1848, feita por um parlamentar cuja fé democrática não pode ser colocada em suspeição — o Sr. Spuller — e que eu retirei da **Revue Littéraire**, é bem típica. Nela encontram-se todos os sentimentos exagerados que eu descrevi nas multidões e a mobilidade excessiva que a permite passar, de um instante ao outro, por uma gama de sentimentos os mais contrários.

> *As divisões, os ciúmes, as suspeições e, uma a uma, a confiança cega e as esperanças ilimitadas, levaram o partido republicano à sua perdição. Sua ingenuidade e sua candura só se igualavam à sua desconfiança universal. Nenhum senso de legalidade, nenhuma inteligência da disciplina. Terrores e ilusões sem limites. O camponês e a criança se encontram neste ponto. Sua calma rivaliza com sua impaciência. Sua selvageria é igual à sua docilidade. É o típico temperamento que não está pronto e uma educação ausente. Nada os espanta e tudo os desconcerta. Trêmulos, temerosos, intrépidos, heroicos, eles se jogarão através das chamas e eles recuarão diante de uma sombra.*
> *Eles não conhecem os efeitos e as relações das coisas. Tão prontos para os desencorajamentos quanto para as exaltações; sujeitos a todos os pânicos, sempre muito altos ou muito baixos, jamais no grau que é preciso e na medida que convém. Mais fluidos do que água, eles refletem todas as cores e assumem todas as formas. Qual base de governo poder-se-ia esperar ao se tomar assento entre eles?*

Felizmente, nem todas as características que descrevemos nas assembleias se manifestam constantemente. Elas só são multidões em certos momentos. Os indivíduos que as compõem conseguem manter suas individualidades em um grande número de casos e, por isso, uma assembleia pode elaborar leis técnicas excelentes. Essas leis têm, é verdade, como autor, uma pessoa especial que as preparou no silêncio de um gabinete e a lei votada é, na realidade, a obra de um indivíduo e não mais de uma assembleia. São naturalmente essas leis que são as

melhores. Elas só se tornam desastrosas quando uma série de emendas infelizes as tornam coletivas. A obra de uma massa é, em todo lugar e sempre, inferior a de um indivíduo isolado. São os especialistas que salvam as assembleias das medidas muito desordenadas e muito inexperientes. O especialista é então um líder momentâneo. A assembleia não atua sobre ele e ele atua sobre ela.

Apesar de todas as dificuldades de seu funcionamento, as assembleias parlamentares ainda representam o que os povos encontraram de melhor para se governar e sobretudo para se subtrair o máximo possível das tiranias pessoais. Elas são, certamente, o ideal de um governo; pelo menos para os filósofos, os pensadores, os escritores, os artistas e os cientistas; enfim, para todos os que constituem o ápice de uma civilização.

De fato, elas só apresentam dois perigos sérios: um é o desperdício forçado das finanças, o outro é uma restrição progressiva das liberdades individuais.

O primeiro desses perigos é a consequência forçada das exigências e da imprevidência das multidões eleitorais. Que um membro de uma assembleia proponha uma medida que dá uma satisfação aparente a ideias democráticas — tal como assegurar, por exemplo, aposentadorias a todos os trabalhadores, aumentar o vencimento dos trabalhadores das estradas, dos professores etc. — os outros deputados, sugestionados pelo medo dos eleitores, não ousarão pensar em desdenhar dos interesses destes últimos rejeitando a medida proposta, mesmo sabendo que ela agravará enormemente o orçamento e ensejará a criação de novos impostos. Hesitar no voto lhes é impossível. As consequências do aumento das despesas são remotas e sem resultados muito adversos para eles, enquanto que as consequências de um voto negativo poderiam

aparecer claramente no dia seguinte, quando ele precisar se apresentar perante o eleitor.

Ao lado dessa primeira causa de exagero das despesas, há uma outra, não menos imperativa, que consiste na obrigação de concordar com todas as despesas de interesse puramente local. Um deputado não conseguiria se opor a elas, porque elas representam, mais uma vez, exigências dos eleitores e cada deputado só pode conseguir o necessário para sua circunscrição com a condição de ceder às demandas semelhantes de seus colegas[36].

O segundo dos perigos mencionados acima, a restrição forçada das liberdades pelas assembleias parlamentares, menos visível em aparência, é, no entanto, bem real. Ele é a consequência das inumeráveis leis, sempre restritivas, que os parlamentos, com seu espírito simplista, mal veem as consequências e que eles acreditam obrigados a votar.

Esse perigo deve ser bem inevitável, pois a própria Inglaterra, que oferece certamente o tipo mais perfeito de regime parlamentar, aquele onde o representante é o mais independente de seu eleitor, não conseguiu se livrar dele. Herbert Spencer, num trabalho já antigo, mostrou que o aumento da liberdade aparente devia ser seguido de uma diminuição da liberdade real. Retomando a mesma tese em seu livro recente **L'Individu Contre l'État**, ele se expressa assim sobre o parlamento inglês:

> *Depois daquela época a legislação seguiu o curso que eu indiquei. Medidas ditatoriais, multiplicando-se rapidamente, tenderam continuamente à coerção das liberdades individuais. E isso, de duas maneiras: regulamentações foram estabelecidas a cada ano em maior número, que impõem uma coerção ao cidadão lá onde seus atos eram antes completamente livres e o forçam a cometer atos que ele antes podia cometer ou não cometer, segundo sua vontade. Ao mesmo tempo, encargos*

públicos cada vez mais pesados, sobretudo locais, restringiram ainda mais sua liberdade, diminuindo a porção de suas rendas que ele podia gastar à vontade e aumentando a porção que lhe é retirada para ser gasta de acordo com o beneplácito dos agentes públicos.

Essa restrição progressiva das liberdades se manifesta em todos os países sob uma forma especial, que Herbert Spencer não indicou e que é esta: a criação dessas séries inumeráveis de medidas legislativas, todas geralmente de ordem restritiva, leva necessariamente a aumentar o número, o poder e a influência dos funcionários encarregados de aplicá-las. Eles tendem assim a, progressivamente, se transformarem nos verdadeiros senhores dos países civilizados. Seu poder é um tanto maior, considerando que, nas incessantes mudanças de poder, a casta administrativa é a única que escapa a essas mudanças, a única que possui a irresponsabilidade, a impessoalidade e a perpetuidade. De todos os despotismos, não há um que seja mais pesado do que aqueles que se apresentam sob essa tríplice forma.

Essa criação incessante de leis e de regulamentos restritivos — que cercam com as mais bizantinas formalidades os menores atos da vida — tem, por resultado fatal, restringir cada vez mais a esfera na qual os cidadãos podem se mover livremente. Vítimas dessa ilusão — de que multiplicando as leis, a igualdade e a liberdade estão melhor asseguradas — os povos aceitam, cada dia mais, pesados entraves.

Não é impunemente que eles os aceitam. Habituados a suportar todos os jugos, eles logo acabam por procurá-los e chegam a perder toda espontaneidade e toda energia. Eles então não passam de sombras inúteis, autômatos passivos, sem vontade, sem resistência e sem força.

Mas então, os estímulos que a pessoa não encontra mais em si mesma, ela é forçada a procurar fora de si mesma. Com a indiferença e

a impotência crescentes dos cidadãos, o papel dos governos é obrigado a crescer ainda mais. São eles que devem ter, forçosamente, o espírito de iniciativa, o espírito empreendedor e de ação que os particulares não possuem mais. Ele deve tudo empreender, tudo dirigir, tudo proteger. O Estado se torna um deus todo poderoso. Mas, a experiência ensina que o poder de tais deuses jamais foi muito durável, nem muito forte.

Essa restrição progressiva de todas as liberdades em certos povos, apesar de uma aparência exterior que lhes dá a ilusão de possuí-las, parece ser uma consequência de sua velhice, tanto quanto a de um regime qualquer. Ela constitui um dos sintomas precursores dessa fase de decadência a qual nenhuma civilização pôde escapar até aqui.

Se avaliarmos com os ensinamentos do passado e com os sintomas que explodem em todas as partes, várias de nossas civilizações chegaram a essa fase de extrema velhice que precede a decadência. Parece que tais fases são fatais para todos os povos, pois vemos muito frequentemente a história repetir seu curso.

Essas fases de evolução geral das civilizações são fáceis de destacar sumariamente e é com seu resumo que terminaremos nossa obra.

Se olharmos em suas grandes linhas a gênese da grandeza e da decadência das civilizações que precederam a nossa, o que vemos?

Na aurora dessas civilizações uma poeira de pessoas, com origens variadas, é reunida pelos acasos das migrações, das invasões e das conquistas. Com sangues diversos, línguas e crenças igualmente diversas, essas pessoas só possuem em comum a lei meio reconhecida de um líder. Nessas aglomerações confusas encontram-se no mais alto grau as características psicológicas das multidões. Nelas há a coesão

momentânea, os heroísmos, as fraquezas, os impulsos e as violências. Nada é estável nelas. São bárbaros.

Depois o tempo realiza sua obra. A identidade dos meios, a repetição dos cruzamentos, as necessidades de uma vida comum, agem lentamente. A aglomeração de unidades diferentes começa a se fundir e a formar um povo, ou seja, um agregado que possui características e sentimentos comuns, que a herança vai fixar cada vez mais. A massa se torna um povo e esse povo vai poder sair da barbárie.

Ele só sairá dela, no entanto, quando, após longos esforços, lutas repetidas sem parar e inumeráveis recomeços, ele tiver adquirido um ideal. Pouco importa a natureza desse ideal — seja o culto a Roma, o poder de Atenas ou o triunfo de Alá — ele bastará para dar a todos os indivíduos desse povo em vias de formação uma perfeita unidade de sentimentos e de pensamentos.

É então que pode nascer uma civilização nova, com suas instituições, suas crenças e suas artes. Conduzido por seu sonho, o povo adquirirá sucessivamente tudo o que dá o brilho, a força e a grandeza. Ele será massa, sem dúvida, em certas horas, mas então, por detrás das características móveis e cambiantes das multidões, se encontrará o substrato sólido da cultura, que limita estreitamente a extensão das oscilações de um povo e regula o acaso.

Mas, após ter exercido sua ação criadora, o tempo começa a obra de destruição, da qual não escapam nem os deuses nem os seres humanos. Atingido um certo nível de poder e de complexidade, a civilização deixa de crescer e, quando não cresce mais, ela está condenada a logo declinar. A hora da velhice vai chegar para ela.

Essa hora inevitável é sempre marcada pelo enfraquecimento do ideal que sustentava a alma do povo. Na medida em que esse ideal

empalidece, todos os edifícios religiosos, políticos ou sociais dos quais ele era a fonte inspiradora, começam a ser abalados.

Com o apagamento progressivo de seu ideal, o povo perde cada vez mais o que lhe dava coesão, unidade e força. O indivíduo pode crescer em personalidade e em inteligência, mas, ao mesmo tempo também, o egoísmo coletivo do povo é substituído por um desenvolvimento excessivo do egoísmo individual, acompanhado pelo enfraquecimento do caráter e pela diminuição da aptidão para a ação. O que formava um povo, uma unidade, um bloco, acaba por se tornar uma aglomeração de indivíduos sem coesão e que mantém, artificialmente, por algum tempo ainda, as tradições e as instituições.

É então que, divididas por seus interesses e suas aspirações, não sabendo mais se governar, as pessoas demandam ser dirigidas em seus menores atos e que o Estado exerça sua influência absorvente.

Com a perda definitiva do antigo ideal, o povo acaba por perder inteiramente sua alma. Ele não passa de uma poeira de indivíduos isolados e retornados ao que eram em seu ponto de partida: uma massa. Ela possui todas as características transitórias, sem consistência e sem amanhã. A civilização não tem mais nenhuma estabilidade e está à mercê de todos os acasos. A plebe é rainha e os bárbaros avançam. A civilização pode parecer brilhante ainda porque possui a fachada exterior criada por um longo passado, mas é, na realidade, um edifício corroído que não tem mais alicerce e que se desmoronará na primeira tempestade.

Passar da barbárie à civilização perseguindo um sonho, depois declinar e morrer assim que o sonho perdeu sua força, tal é o ciclo da vida de um povo.

FIM

CRÉDITOS

Traduzido por Souza Campos, E. L. de, de *Psychologie des foules*. Édition Félix Alcan, 9e édition, 1905

SUMÁRIO

Notas

[←1]

Seus mais sutis conselheiros, aliás, não as compreendiam melhor. Talleyrand lhe escreveu que “a Espanha acolheria como libertadores seus soldados... Ela os acolheria como animais de caça.” Um psicólogo, a par dos instintos herdados do povo, teria podido facilmente prever essa acolhida.

[←2]

Os raros autores que se ocuparam com o estudo psicológico das multidões só o fizeram, como eu já mencionei acima, sob o ponto de vista criminal. Só tendo dedicado a este assunto um curto capítulo desta obra, eu envio o leitor para este ponto especial aos estudos do Sr. Tarde e ao opúsculo do Sr. Sighele, **Les Foules Criminelles**. Este último trabalho não contém uma só ideia pessoal do autor, mas ele faz uma compilação de fatos que os psicólogos poderão utilizar. Minhas conclusões sobre a criminalidade e a moralidade das multidões são, aliás, totalmente contrárias àquelas dos dois escritores que citei.

Encontrar-se-á em meu livro **Psychologie du Socialisme** algumas conseqüências das leis que regem a psicologia das multidões. Essas leis encontram, aliás, aplicações nos assuntos mais diversos. O Sr. A. Gevaert, diretor do Conservatório Real de Bruxelas, deu recentemente uma memorável aplicação das leis que expusemos, num trabalho sobre a música, qualificada muito justamente de “arte das multidões”. Escreveu-me este eminente professor, me enviando seu relatório: “São vossos dois livros que me deram a solução de um problema considerado antes por mim como insolúvel: a aptidão espantosa de toda multidão em sentir uma obra musical, recente ou antiga, nativa ou estrangeira, simples ou complicada, desde que seja produzida numa bela execução e por executantes dirigidos por um maestro entusiasta”. O Sr. Gevaert mostra admiravelmente porque “uma obra que permanecerá incompreendida por músicos eméritos ao lerem a partitura na solidão de seu camarim, será às vezes compreendida imediatamente por um auditório estranho a toda cultura técnica”. Ele mostra ainda muito bem porque essas impressões estéticas não deixam nenhum traço.

[←3]

Monte Tarpeio. Uma das lendárias sete colinas de Roma. Local de onde eram jogados os criminosos condenados. (Nota do tradutor)

[←4]

As pessoas que estiveram presentes ao cerco de Paris viram numerosos exemplos dessa credulidade das multidões para as coisas mais incríveis. Uma vela acesa num andar superior era logo considerada como um sinal feito aos sitiantes, mesmo que fosse evidente, após dois segundos de reflexão, que a luz era absolutamente impossível de ser percebida além de pouca distância dessa vela.

[←5]

Éclair, de 21 de abril de 1895.

[←6]

Sabemos, para uma única batalha, como ela aconteceu exatamente? Eu duvido muito. Sabemos quais foram os vencedores e os vencidos, mas provavelmente nada mais. O que o Sr. d'Harcourt, ator e testemunha, relata da batalha de Solferino pode se aplicar a todas as batalhas: "Os generais (informados naturalmente por centenas de testemunhas) transmitem seus relatórios oficiais; os oficiais encarregados de levar as ordens modificam esses documentos e redigem o projeto definitivo; o chefe do estado-maior o contesta e refaz em novas bases. Leva-se ao marechal e ele escreve: 'Vós vos enganastes, absolutamente!' e o substitui por uma nova redação. Não resta quase nada do relatório original". O Sr. d'Harcourt relata esse fato como uma prova da impossibilidade de se estabelecer a verdade sobre o acontecimento mais notório, melhor observado.

É o que permite compreender o porquê de certas peças recusadas por todos os diretores de teatro obterem prodigioso sucesso quando, por acaso, são montadas. Sabe-se do sucesso da peça do Sr. Coppée, **Pour la Couronne**, recusada durante dez anos pelos diretores dos principais teatros, apesar do nome de seu autor. A **Marraine de Charley**, recusada por todo os teatros e finalmente montada às custas de um agente de câmbio, teve duzentas apresentações na França e mais de mil na Inglaterra. Sem a explicação dada acima sobre a impossibilidade dos diretores de teatro de se colocarem mentalmente numa massa, tais aberrações de avaliação por parte de indivíduos competentes e muito interessados em não cometer tão grandes erros seriam inexplicáveis. É um assunto que não posso desenvolver aqui e que mereceria ser estudado longamente.

[←8]

Os Massacres de Setembro são um conjunto de execuções sumárias acontecidas em Paris, de 2 a 7 de setembro de 1792, no quadro da Revolução Francesa. Eles aconteceram após a invasão austro-prussiana e rumores de complôs colaboracionistas com os invasores e a realeza derrubada. Os massacradores iam às prisões e matavam seus ocupantes. Cerca de 1.300 pessoas morreram neste episódio. (Nota do tradutor)

[←9]

Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples. Paris, 1894. (Nota do tradutor)

[←10]

Boulangismo. Partido político ligado ao general francês Georges Boulanger (1837-1891), ex-ministro da Guerra e comandante do regimento de infantaria que, durante a Semana Sangrenta, pôs fim ao levante da Comuna de Paris. (Nota do tradutor)

[←11]

Sendo essa proposição muito nova ainda e sendo a história incompreensível sem ela, eu dediquei vários capítulos do meu livro **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples** à sua demonstração. O leitor nele verá que, apesar de enganosas aparências, nem a língua, nem a religião, nem as artes, nem, por fim, nenhum elemento de civilização pode passar intacto de um povo a outro.

[←12]

O relatório do ex-convencional Fourcroy, citado por Taine, é bem nítido sob este ponto de vista:
O que se vê por toda parte sobre a celebração do domingo e sobre a frequência às igrejas prova que a massa dos franceses quer retornar aos antigos costumes e não há mais tempo para resistir a essa inclinação nacional... A grande massa das pessoas tem necessidade de religião, de culto e de padres. "É um erro de alguns filósofos modernos, no qual eu mesmo incorri", acreditar na possibilidade de uma instrução suficientemente difundida para destruir os preconceitos religiosos; eles são, para a maior parte dos infelizes, uma fonte de consolação... É preciso então deixar, para a massa do povo, seus padres, seus altares e seu culto.

[←13]

É o que reconhecem, mesmo nos Estados Unidos, os republicanos mais radicais. O jornal americano **Forum** exprimiu recentemente essa opinião categórica nos termos que reproduzo aqui, de acordo com a **Review of Reviews**, de dezembro de 1894:

Não se deve jamais esquecer, mesmo os mais fervorosos inimigos da aristocracia, que a Inglaterra é hoje em dia o país mais democrático do mundo, aquele onde os direitos do indivíduo são mais respeitados e aquele onde os indivíduos possuem mais liberdade.

[←14]

Lois Psychologiques de l’Évolution des Peuples. Paris, 1894. (Nota do tradutor)

[←15]

Se compararmos as profundas dissensões religiosas e políticas que separam as diversas partes da França — e que são sobretudo uma questão de etnia — das tendências separatistas que se manifestaram na época da Revolução Francesa e que começaram a se manifestar novamente no fim da guerra franco-alemã, veremos que as diversas etnias que ainda subsistem em nosso solo ainda estão longe de estarem fundidas. A centralização enérgica da Revolução e a criação de departamentos artificiais destinados a mesclar as antigas províncias foi certamente sua obra mais útil. Se a descentralização, de que tanto falam hoje em dia as mentes imprevidentes, pudesse ser criada, ela levaria prontamente às mais sangrentas discórdias. Para ignorar isso seria preciso esquecer completamente nossa história.

[←16]

Ver **Psychologie du Socialisme**, 3ª edição e Psychologie de l'Éducation, 5ª edição.

[←17]

Isto não é, aliás, um fenômeno especial aos povos latinos; ele é observado também na China, país dirigido também por uma sólida hierarquia de mandarins e onde o mandarinato é, como entre nós, obtido através de concursos públicos cuja única prova é a recitação imperturbável de grossos manuais. O exército de letrados sem emprego é considerado hoje na China como uma verdadeira calamidade nacional. Ele existe até mesmo na Índia, onde — desde que os ingleses abriram escolas, não para educar como se faz na Inglaterra, mas simplesmente para instruir os nativos — formou-se uma classe especial de letrados, os Babous, que, quando não podem receber um emprego, tornam-se irreconciliáveis inimigos do poderio inglês. Em todos os Babous, empregados ou não, o primeiro efeito da instrução foi abaixar imensamente o nível de sua moralidade. É um fato sobre o qual eu insisti longamente em meu livro **Les Civilisations de l'Inde** e que constatei igualmente em todos os autores que visitaram a grande península.

[←18]

TAINE. **Le Régime Moderne**, II, 1891. Estas páginas são quase as últimas que Taine escreveu. Elas resumem admiravelmente os resultados da longa experiência do grande filósofo. Eu acredito que elas sejam totalmente incompreensíveis para os professores de nossa universidade que não tenham estagiado no exterior. A educação é o único meio que possuímos para agir um pouco sobre a alma de um povo e é profundamente triste ter que pensar que não haja quase ninguém na França que possa compreender que nosso ensino atual é um terrível elemento de rápida decadência e que, ao invés de educar a juventude, ela a rebaixa e a perverte.

[←19]

Em **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples**, eu insisti longamente sobre a diferença que separa o ideal democrático latino do ideal democrático anglo-saxão.

[←20]

A opinião das multidões era formada, neste caso, por associações grosseiras de coisas dessemelhantes, cujo mecanismo eu já expus. Como nossa guarda nacional daquela época era composta por pacíficos comerciantes sem nenhum traço de disciplina e não podendo ser levada a sério, tudo o que levasse um nome semelhante despertava as mesmas imagens e era considerado, por consequência, como também inofensivo. O erro das multidões era compartilhado então, como acontece frequentemente com as opiniões gerais, por seus líderes. Num discurso pronunciado em 31 de dezembro de 1867 na Câmara dos Deputados e reproduzido pelo Sr. E. Olivier, num livro recente, um homem de Estado que sempre segue a opinião das multidões e jamais a precedeu — o Sr. Thier — repetiu que a Prússia, além de um exército ativo quase igual em número ao nosso, só possuía uma guarda nacional análoga a que possuíamos e, por consequência, sem importância; afirmações tão exatas quanto as previsões do mesmo homem de Estado sobre o pouco futuro das estradas de ferro.

[←21]

Minhas primeiras observações sobre a arte de impressionar as multidões e sobre os fracos recursos que oferecem sobre este ponto as regras da lógica remontam à época do cerco de Paris, no dia em que eu vi sendo conduzido ao Louvre — onde estava sitiado então o governo — o marechal V..., que uma massa furiosa pretendia ter surpreendido levando o plano das fortificações para vendê-los aos prussianos. Um membro do governo, G. P..., orador muito célebre, saiu para discursar para a massa que reclamava a execução imediata do prisioneiro. Eu esperava que esse orador demonstrasse o absurdo da acusação, dizendo que o marechal acusado era precisamente um dos construtores dessas fortificações, cuja planta era vendida, aliás, em todas as livrarias. Para minha grande estupefação — eu era bem jovem então — o discurso foi totalmente outro... Gritou o orador, avançando rumo ao prisioneiro: “A justiça será feita e uma justiça impiedosa. Deixem o governo da defesa nacional terminar vosso inquérito. Iremos, em nome dele, prender o acusado”. Logo acalmada por essa satisfação aparente, a massa recuou e depois de quinze minutos o marechal pôde retornar para seu domicílio. Ele teria sido infalivelmente trucidado se o orador tivesse fornecido à massa enfurecida os argumentos lógicos que minha juventude me fazia achar mais convincentes.

[←22]

GUSTAVE LE BON. **L'Homme et les Sociétés**. T. II, p. 116, 1881.

[←23]

Tannhäuser und der Sängerkrieg aus Wartburg (Tannhäuser e o torneio de trovadores de Wartburg). Ópera em três atos do compositor alemão Richard Wagner que estreou em 1845, em Dresden, Alemanha. (Nota do tradutor)

[←24]

Essa influência dos títulos, das medalhas, dos uniformes, sobre as multidões, é encontrada em todos os países, mesmo naqueles onde o sentimento de independência pessoal está mais desenvolvido. Eu reproduzo a este propósito uma passagem curiosa do livro recente de um viajante sobre o prestígio de certos personagens na Inglaterra.

Em diversos encontros eu percebi a embriaguez particular que o contato ou a visão de um lorde da Inglaterra expõe os ingleses mais razoáveis. Desde que sua situação sustente sua posição social, eles o amam antecipadamente e, colocados em sua presença, suportam tudo dele com encantamento. Nós os vemos corarem de prazer com a sua aproximação e, se falarem com ele, a alegria que eles continham faz aumentar esse rubor e faz brilhar seus olhos com um brilho incomum. Eles têm o lorde no sangue, se é que se pode dizer isso, como o espanhol a dança, o alemão a música e o francês a Revolução. Sua paixão pelos cavalos e Shakespeare é menos violenta; a satisfação e o orgulho que eles lhes devotam, menos fundamentais. O Livro da Nobreza tem uma divulgação considerável e, para qualquer lugar que se vá, o encontramos, como a Bíblia, em todas as mãos.

[←25]

Muito consciente de seu prestígio, Napoleão sabia que ele aumentava ainda mais quando tratava um pouco pior do que aos cavalariços os grandes personagens que o rodeavam e dentre os quais figuravam vários célebres convencionais que tanto amedrontaram a Europa. As narrativas daquele tempo estão cheias de fatos significativos sobre esse ponto. Um dia, em pleno Conselho de Estado, Napoleão trata grosseiramente Beugnot, como se ele fosse um criado mal educado. Produzido o efeito, ele se aproxima e lhe diz: "E então, grande imbecil! Encontrastes vossa cabeça?" Diante disso, Beugnot, alto como um sargento-mor, se curva bem baixo e o pequeno homem levanta a mão e segura o grande par de orelhas. "Sinal de favor inebriante, gesto familiar do senhor que se humaniza", escreve Beugnot. Tais exemplos dão uma noção nítida do grau de servilismo que pode provocar o prestígio. Eles fazem compreender o imenso desprezo do grande déspota pelas pessoas que o cercavam e que ele tratava simplesmente como bucha de canhão.

[←26]

Um jornal estrangeiro, o **Neu Freie Presse**, de Viena, dedicou ao assunto do destino de Lesseps, reflexões de uma psicologia muito precisa e que, por esta razão, eu reproduzo aqui:

> *Após a condenação de Ferdinand de Lesseps, não se tem mais o direito de se espantar com o triste fim de Cristóvão Colombo. Se Ferdinand de Lesseps é um escroque, toda nobre ilusão é um crime. A antiguidade teria coroado a memória de Lesseps com uma auréola de glória e lhe teria feito beber o melhor néctar do Olimpo, pois ele mudou a face da terra e realizou obras que aperfeiçoam a criação. Ao condenar Ferdinand de Lesseps o presidente da Corte de Apelação se fez imortal, pois para sempre os povos perguntarão o nome do homem que não temeu rebaixar seu século para vestir a roupa do condenado em um velho cuja vida foi a glória de seus contemporâneos.*
>
> *Que não nos falem doravante em justiça inflexível, onde reina o ódio burocrático contra as grandes obras ousadas. As nações necessitam desses grandes homens ousados que acreditam em si mesmos e superam todos os obstáculos, sem olhar para sua própria pessoa. O gênio não pode ser prudente. Com a prudência ele não poderia jamais expandir o círculo da atividade humana.*
>
> *... Ferdinand de Lesseps conheceu a embriaguez do triunfo e a amargura das decepções: Suez e Panamá. Aqui o coração se revolta contra a moral do sucesso. Quando Lesseps conseguiu ligar dois mares, príncipes e nações lhe renderam suas homenagens. Hoje, quando ele fracassa contra os rochedos das Cordilheiras, ele não passa de um vulgar escroque... Há aqui uma guerra entre as classes da sociedade, um descontentamento de burocratas e funcionários públicos que se vingam, através do código penal, daqueles que gostariam de se erguer acima dos outros... Os legisladores modernos ficam embaraçados diante das grandes ideias do gênio humano. O público as compreende menos ainda e é fácil a um advogado geral provar que Stanley é um assassino e Lesseps um enganador.*

[←27]

Bárbaras filosoficamente, bem entendido. Em termos práticos, elas criaram uma civilização inteiramente nova e durante quinze séculos deixaram o ser humano vislumbrar um paraíso encantado de sonho e de esperança que ele não conhecerá mais.

[←28]

Pérfida Albion: expressão criada pelo Marquês de Ximenes para designar a Inglaterra. Albion era como a Inglaterra era designada pelos antigos romanos e tinha o significado de um reino onde se dizia uma coisa e se praticava outra. (Nota do tradutor)

[←29]

Algumas páginas dos livros de nossos professores oficiais são, sob este ponto de vista, bem curiosas e mostram a que ponto o espírito crítico é pouco desenvolvido por nossa educação universitária. Eu citarei, como exemplo, as linhas seguintes extraídas da Revolução Francesa de um ex-professor de história da Sorbonne, que foi ministro da instrução pública.

> *A tomada da Bastilha é um fato culminante na história, não somente da França, mas da Europa inteira. Ela inaugurou uma época nova da história do mundo!*

Quanto a Robespierre, aprendemos com estupor que sua ditadura foi sobretudo de opinião, de persuasão, de autoridade moral. Ela foi um tipo de pontificado nas mãos de um homem virtuoso! (pp. 91 e 220)

[←30]

Referente aos Massacres de Setembro (1792). Episódio da Revolução Francesa em que prisioneiros das prisões de Paris foram massacrados por elementos revolucionários fanáticos. (Nota do tradutor)

[←31]

Destaquemos, de passagem, que essa divisão bem nítida feita instintivamente pelos jurados, entre os crimes perigosos para a sociedade e os crimes não perigosos para ela não é totalmente desprovida de justiça. O objetivo das leis criminais deve ser, evidentemente, proteger a sociedade contra os criminosos perigosos e não vingá-la. Porém, os códigos e sobretudo o espírito dos magistrados, estão totalmente impregnados ainda pelo espírito de vingança do velho direito primitivo e a expressão "de vindicte" (vindita, vingança) ainda é de uso cotidiano. Temos a prova dessa tendência dos magistrados na recusa de muitos deles em aplicar a excelente Lei Bérenger, que permite ao condenado só sofrer a pena em caso de recidiva. Porém, não há um magistrado que possa ignorar, pois a estatística o prova, que a aplicação de uma primeira pena cria quase infalivelmente a recidiva. Quando um juiz alivia uma pena, sempre lhe parece que a sociedade não foi vingada. Eles preferem criar um reincidente perigoso a deixar de vingá-la.

[←32]

A magistratura representa, com efeito, a única administração cujos atos não são submetidos a nenhum controle. Apesar de todas as suas revoluções, a França democrática não possui o direito ao *Habeas Corpus*, que tanto orgulha a Inglaterra. Nós banimos todos os tiranos, mas em cada cidade estabelecemos um magistrado que dispõe à vontade da honra e da liberdade dos cidadãos. Um juizinho de instrução, recém saído da escola de direito, possui o poder revoltante de enviar à vontade para a prisão, baseado na suposição de culpabilidade de sua parte e sem que deva dar justificativa a ninguém, os cidadãos mais considerados. Ele pode mantê-los presos por seis meses ou até mesmo um ano, sob o pretexto da instrução e libertá-los em seguida sem lhes dever indenização nem desculpas. O mandato de prisão é absolutamente equivalente à carta carimbada do rei, com a diferença de que esta última, tão reprovada na antiga monarquia, só era emitida por grandes personagens, enquanto que ela está hoje em dia nas mãos de toda uma classe de cidadãos que está longe de passar por ser a mais esclarecida e a mais independente.

[←33]

Os comitês, qualquer que seja seu nome — clube, sindicato etc. — constituem talvez o mais temível perigo do poder das multidões. Eles representam, com efeito, a forma mais impessoal e, por consequência, a mais opressiva, de tirania. Os líderes que dirigem os comitês, supostamente falando e agindo em nome de uma coletividade, estão liberados de toda responsabilidade e podem se permitir tudo. O tirano mais selvagem jamais ousou pensar nas proscrições ordenadas pelos comitês revolucionários. Eles tinham, diz Barras, dizimado e espoliado, em nome da Convenção. Robespierre foi o senhor absoluto enquanto pôde falar em seu nome. No dia em que o pavoroso ditador se separou deles por questões de amor-próprio, ele estava perdido. O reino das multidões é o reino dos comitês, ou seja, dos líderes. Não se poderia sonhar com um despotismo mais duro.

[←34]

Demóstenes (384 A. C. a 322 A. C.) – Lendário político e orador grego de Atenas. (Nota do tradutor)

[←35]

É a essas opiniões anteriormente fixadas e tornadas irredutíveis por necessidades eleitorais que se aplica, sem dúvida, esta reflexão de um velho parlamentar inglês: “Nos cinquenta anos que tive assento em Westminster, eu ouvi milhares de discursos. Quase nenhum mudou minha opinião. Nenhum mudou meu voto”.

[←36]

Em seu número de 6 de abril de 1895, o **Economiste** fez uma curiosa revisão do que pode custar, em um ano, essas despesas de interesse puramente eleitoral, particularmente aquelas das estradas de ferro. Para ligar Langayes (cidade de 3.000 habitantes) — localizada no cume de uma montanha — a Puy, aprova-se uma estrada de ferro que custará 15 milhões. Para ligar Beaumont (3.500 habitantes) a Castel-Sarrazin, 7 milhões. Para ligar o vilarejo de Oust (523 habitantes) ao de Seix (1.200 habitantes), 7 milhões. Para ligar Prades ao arraial d'Olette (717 habitantes), 6 milhões etc. Em 1895, nada menos do que 90 milhões em vias férreas desprovidas de qualquer interesse geral foram aprovados. Outras despesas, de necessidades igualmente eleitorais, não são menos importantes. A lei das aposentadorias dos trabalhadores logo custará um mínimo anual de 165 milhões, de acordo com o ministro das finanças e 800 milhões, de acordo com o acadêmico Leroy-Beaulieu. Evidentemente que a progressão contínua de tais despesas levará forçosamente à falência. Muitos países da Europa — Portugal, Grécia, Espanha, Turquia — já chegaram lá. Outros logo se seguirão. Mas não é preciso se preocupar muito com isso, pois o público aceitou sucessivamente, sem grandes protestos, reduções em quatro quintos nos pagamentos dos títulos de diversos países. Essas engenhosas falências permitem então recolocar instantaneamente os orçamentos avariados em equilíbrio. As guerras, o socialismo, as lutas econômicas, nos preparam, aliás, muitas outras catástrofes e, na época de desagregação universal em que entramos, é preciso se conformar em viver o dia a dia, sem se preocupar muito com o dia seguinte que nos escapa.